



DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DE ACONSELHAMENTO
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
“LUÍS DE CAMÕES”

**Contributo do Ajustamento Conjugal e Estilos Parentais no
Ajustamento da Criança dos 5 aos 10 anos**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e de Aconselhamento

Autora: Ana Teresa Rodrigues Jarmela

Orientadora: Professora Doutora Mónica Rute Taveira Pires

Número da candidata: 20140221

Dezembro de 2020

Lisboa

“Pessoas especiais deixam mais que saudades e lembranças, pois levam mais do que o
nosso pensamento, levam uma parte do nosso coração.”

Nicholas Sparks

Dedico esta Dissertação de Mestrado à minha querida e amada Avó Teresa Mendes,
pela falta que me faz, por tanto que me ensinou, transmitiu e amou.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha família, em especial aos meus pais por me terem ajudado, incansavelmente, a realizar este grande sonho. Agradecer por toda a paciência e apoio que me proporcionaram e, por terem feito todos os possíveis para concretizar este grande objetivo.

Sou grata também à minha querida irmã, por me dar toda a força do mundo quando mais precisava. Sempre com a palavra e o gesto certo quando mais precisava, e quando me faltava a força, fazia com que eu nunca desistisse daquilo que eu acreditava e pela qual lutava.

Não me posso esquecer de agradecer às minhas colegas, companheiras e amigas de curso, Romina do Rosário, Patrícia Teixeira, Catarina Campos e Ana Mateus. Pelas noites em branco, pelos objetivos em comum e por todos os anos de aprendizagem, carinho, cuidado e apoio.

Em especial, agradeço à minha querida professora e orientadora Doutora Mónica Pires, por toda a paciência, por todo o seu tempo, dedicação e partilha de conhecimentos. Agradeço principalmente por acreditar em mim e no meu potencial, mas também por toda a empatia e palavras sábias em momentos de desmotivação e dúvida.

Por fim, quero agradecer a todos, que, de alguma forma me apoiaram, incentivaram e ajudaram ao longo deste processo.

Resumo

Considerando o papel importante que a família tem para o desenvolvimento das aprendizagens precoces da criança, as alterações que possam surgir no ciclo de vida familiar vão criar desafios individuais a cada membro. O subsistema parental é o foco da nossa dissertação, em que o papel do pai e da mãe na educação dos filhos é fundamental para o ajustamento da criança. A transição do Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico, é expectável no ciclo desenvolvimental da família, porém, implica novas experiências, tarefas e exigências parentais assim como uma adaptação consequente por parte da criança. Deste modo, pretendemos averiguar - qual o impacto do ajustamento conjugal e dos estilos de autoridade parental no ajustamento da criança, na perceção dos pais com filhos de diferentes idades, da idade pré-escolar ao 1º ciclo de estudos. Pretendemos verificar a relação entre subsistemas familiares marital e parental, nomeadamente o ajustamento do casal e dos estilos de autoridade parental e o seu efeito no ajustamento da criança de diferentes idades, dos cinco aos dez anos. Participaram no nosso estudo 98 pais (48.8%) e 103 mães (51.2%), casados e/ou em união de facto, com idades compreendidas entre os 22 e os 59 anos ($M = 39.74$; $DP = 6.68$), de crianças dos 5 aos 10 anos a frequentar um estabelecimento de ensino público da região da grande Lisboa. Os participantes responderam individualmente ao Questionário Sociodemográfico, à Escala de Ajustamento Diádico (DAS), ao Questionário de Estilos Parentais para Pais (PAQ-P) e ao Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). Os resultados deste estudo indicam que, tanto os pais como as mães apresentam valores elevados para o Estilo Parental Autoritativo. Alunos que se encontram no 2º ano obtêm valores mais elevados nos problemas externalizados. Os resultados indicam que o Estilo Autoritativo e as dimensões do Ajustamento Conjugal são preditores significativos dos problemas externalizados e internalizados da criança. Desta forma, quando se percecionam níveis mais baixos de Consenso, Satisfação, Coesão e Expressão de Afeto, maiores são os Problemas Externalizados e Internalizados da Criança, quando os pais e mães não adotam Estilos Parentais Autoritativos. Assim, a relação conjugal tem impacto ao nível do funcionamento familiar, parental, com implicações no clima emocional familiar e no ajustamento da criança. Este estudo contribui para o conhecimento do funcionamento familiar e o ajustamento da criança durante o ingresso na escolaridade obrigatória até aos 10 anos. Informação relevante para a elaboração de programas de apoio ou psicoeducativos que auxiliem a criança e a família na transição da segunda para

a terceira infância, do período pré-escolar para o escolar e respetivos desafios inerentes a esta transição, facilitando o ajustamento e bem-estar familiar e da criança.

Palavra-chave: Família; 2^a/3^a infância; Ajustamento Conjugal; Estilos Parentais; e Ajustamento da Criança.

Abstract

Considering the important role that the family has in the development of the child's early achievements, the changes that may arise in the family life cycle will create individual challenges for each member. The parental subsystem is the focus of our dissertation, in which the role of father and mother in the education of children is fundamental to the adjustment of the child. The transition from Pre-School to the 1st Cycle of Basic Education is expected in the developmental cycle of the family, however, it implies new experiences, tasks and parental demands as well as a consequent adaptation on the part of the child. In this way, we intend to find out - what is the impact of marital adjustment and parental authority styles on the child's adjustment, on the perception of parents with children of different ages, from pre-school age to the 1st cycle of studies. We intend to verify the relationship between marital and parental family subsystems, namely the adjustment of the couple and the styles of parental authority and its effect on the adjustment of children of different ages, from five to ten years old. 98 parents (48.8%) and 103 mothers (51.2%), married and / or in a partnership, aged between 22 and 59 years ($M = 39.74$; $SD = 6.68$), of children of the 5 to 10 years old attending a public school in the Greater Lisbon region. Participants individually answered the Sociodemographic Questionnaire, the Dyadic Adjustment Scale (DAS), the Parenting Styles Questionnaire for Parents (PAQ-P) and the Skills and Difficulties Questionnaire (SDQ). The results of this study indicate that both fathers and mothers have high values for the Authoritative Parental Style. Students who are in the 2nd year obtain higher values in externalized problems. The results indicate that the Authoritative Style and the dimensions of Conjugal Adjustment are significant predictors of the child's externalized and internalized problems. Thus, when lower levels of Consensus, Satisfaction, Cohesion and Expression of Affection are perceived, the Externalized Problems are greater; and Internalized Children, when fathers and mothers do not adopt Authoritative Parenting Styles. Thus, the marital relationship has an impact on family, parental functioning, with implications for the family's emotional climate and the child's adjustment. This study contributes to the knowledge of family functioning and the adjustment of the child during entry into compulsory schooling up to the age of 10. Relevant information for the elaboration of support or psychoeducational programs that help the child and the family in the transition from the second to the third childhood, from the preschool to the school period and the

challenges inherent to this transition, facilitating adjustment and well-being of the family and child.

Keyword: Family; Infancy; Childhood; Marital Adjustment; Parenting Styles; and Child Adjustment.

Índice

Índice de tabelas	XI
Índice de Figuras	XII
Lista de Siglas e Abreviaturas	XIII
Introdução.....	14
I PARTE – REVISÃO DE LITERATURA.....	20
1.1. Família	21
1.2. Conjugalidade	24
1.2.1. Ajustamento Conjugal.....	25
1.3. Parentalidade.....	29
1.3.1. Estilos Parentais	29
1.4. Ajustamento da Criança.....	36
1.4.1. Transição do pré-escolar para o 1º ciclo de estudos	39
1.5. Definição do problema, Pertinência e Objetivos	40
II PARTE - METODOLOGIA.....	44
2.1. Delineamento do Estudo	45
2.1.1. Operacionalização das variáveis e Hipóteses.....	46
2.2. Participantes.....	47
2.3. Instrumentos.....	49
2.3.1. Questionário sociodemográfico.....	49
2.3.2. <i>Dyadic Adjustment Scale (DAS)</i>	50
2.3.3. <i>Parental Authority Questionnaire para pais (PAQ-P)</i>	51
2.3.4. <i>The Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ)</i>	52
2.4. Procedimentos.....	54
2.4.1. Procedimentos de Análise de Dados.	55
III PARTE - RESULTADOS	57
3.1. Descritivas das variáveis.....	58

3.2. Correlações entre as variáveis.....	60
3.3. Comparação das variáveis por subgrupos.....	63
3.3.1. Comparação por Género.....	63
3.3.2. Comparação por Escolaridade.....	64
3.3.3. Comparação por Escolaridade dos filhos.....	65
3.4. Regressões entre as variáveis.....	66
3.4.1. Estilos Parentais, Ajustamento Conjugal e Problemas Externalizados.....	66
3.4.2. Estilos Parentais, Ajustamento Conjugal e Problemas Internalizados.....	67
3.5. Moderações.....	67
IV PARTE - DISCUSSÃO.....	72
V PARTE - CONCLUSÃO.....	83
5.1. Contribuições, limitações e sugestões.....	86

Índice de tabelas

Tabela 1. Operacionalização das variáveis em estudo.	46
Tabela 2. Características Sociodemográficas da amostra Geral e dos subgrupos de Pais e Mães (N = 201).....	48
Tabela 3. Características Sociodemográficas dos filhos (N = 201).	49
Tabela 4. Valores de Consistência Interna, Alpha de Cronbach (α) das Medidas.	54
Tabela 5. Estatísticas Descritivas, valores mínimos, máximos, centrais e de dispersão da Medida de Ajustamento Conjugal (DAS).	58
Tabela 6. Estatística Descritiva, valores mínimos, máximos, centrais e de dispersão da Medida de Estilos Parentais (PAQ-P).	59
Tabela 7. Estatística Descritiva, valores mínimos, máximos, centrais e de dispersão da Medida de Ajustamento da Criança (SDQ).....	59
Tabela 8. Correlações da variável sociodemográfica - Escolaridade dos filhos - com as variáveis AC, EP's e SDQ.	60
Tabela 9. Correlações das variáveis AC, EP's e SDQ de Pais (n = 98) e Mães (n = 103).	61
Tabela 10. Ajustamento Conjugal e Ajustamento da Criança (N = 201).....	62
Tabela 11. Estilos Parentais e Ajustamento da Criança (N = 201).	63
Tabela 12. Comparação por Género dos pais (N = 201).	64
Tabela 13. Comparação por Escolaridade dos Pais.	64
Tabela 14. Comparação por Escolaridade dos filhos (N = 201).....	65
Tabela 15. Problemas Externalizados da criança (N = 201).....	66
Tabela 16. Problemas Internalizados da criança (N = 201).....	67

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo de moderação em Estudo. Variáveis: V1 – EP’s, V2 - AC e V3 - Ajustamento da Criança.....	45
Figura 2. DAS – Consenso, EP Autoritativo e Problemas Internalizados.....	68
Figura 3. DAS – Satisfação, EP Autoritativo e Problemas Internalizados.....	69
Figura 4. DAS – Coesão, EP Autoritativo e Problemas Internalizados.	70
Figura 5. Ajustamento Conjugal (geral), EP Autoritativo e Problemas Internalizados.	71

Lista de Siglas e Abreviaturas

EP – Estilo Parental

EP's – Estilos Parentais

EAP – Estilo de Autoridade Parental

EAP's – Estilos de Autoridade Parentais

PP – Práticas Parentais

PAQ-P – Parental Authority Questionnaire (Questionário de Autoridade Parental)

AC – Ajustamento Conjugal

DAS – Dyadic Adjustment Scale (Escala de Ajustamento Diádico)

SDQ – Strengths and Difficulties Questionnaire (Questionário de Capacidades e Dificuldades)

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

Prob. Ext. – Problemas Externalizados

Prob. Inte. – Problemas Internalizados

VIF – Variance Inflation Factor

Introdução

A relação das crianças com a família é fundamental para o seu comportamento e desenvolvimento saudável. Tendo em conta que as famílias são o primeiro contexto de socialização primária da criança, estas desempenham um papel importantíssimo no seu crescimento, sendo que a principal variável para o desenvolvimento infantil é a qualidade dos cuidados parentais, ou seja, o ajustamento da criança e o seu desenvolvimento está associado às suas experiências precoces na relação com os pais (Cardoso & Veríssimo, 2013; Villas, Dessen & Melchiori, 2010). É no seio familiar que a criança desenvolve as suas aprendizagens precoces mais significativas, e onde serão transmitidos valores, normas, representações e significados presentes na sociedade onde se insere. A família é vista como fonte de suporte social para as pessoas que a constituem, especialmente para as crianças e adolescentes, contribuindo para o seu bem-estar. Por se tratar de um sistema social com grande influência, é na família que as crianças vão adquirir as suas formas de existir e de encarar o mundo (Dias, 2011; Oliveira, 2017).

Numa perspetiva complexa e sistémica, a família é composta por vários subsistemas em constante interação entre si com outros sistemas alargados. Trata-se de um sistema comunicacional que coopera para a construção de recursos integradores dos seus constituintes no sistema como um todo. Desta forma, a família é vista como uma globalidade, em que o todo é mais que a soma das partes. Por ser um sistema aberto deve ser analisada como um todo em que cada membro é o que é por si e pelas relações estabelecidas com os restantes membros. É necessário que haja equilíbrio para o sistema funcionar. Desta forma, os outros subsistemas podem adaptar-se às exigências e desafios impostos pelas mudanças que possam surgir, para que as relações entre os membros fiquem mais sólidas (Bertalanffy, 2008; Bronfenbrenner, 2011; Dias, 2011; Minuchin, 1998).

A parentalidade é encarada como um grande desafio, mas também um papel muito satisfatório para o adulto. No entanto, para ambos é um desafio muito exigente porque implica vários processos, a nível biológico, social, psicológico, nomeadamente intelectual e emocional. É vivida e experienciada de formas diferentes para cada um, tornando-se assim algo determinante em cada sujeito que a vivencia (Meunier & Roskam, 2008). Deste modo, o papel do pai e da mãe na educação dos filhos é fundamental para o ajustamento da criança, pelo que, uma vez que os subsistemas estão em constante interação, vai existir um efeito de *spillover* entre os diferentes subsistemas familiares, o

que quer dizer que quando há dificuldades no ajustamento marital, este poderá ter um efeito no subsistema parental e, conseqüentemente no ajustamento da criança (Belsky, 1984). Este efeito tem sido estudado e discutido na literatura desde a década de 1980, chegando a um consenso em que bons níveis de funcionamento conjugal estão relacionados com o desenvolvimento saudável dos filhos (Goldberg & Easterbrooks, 1984). O efeito *spillover* referido anteriormente é uma das hipóteses explicativas para se compreender a dinâmica entre os subsistemas familiares (Erel & Burman, 1995). Estes autores afirmam que existe um transbordamento do clima emocional da relação conjugal para a parentalidade e vice-versa. De acordo com tal afirmação, a qualidade da relação conjugal causa impacto no subsistema parental, tendo em conta que um relacionamento conflituoso tende a acarretar conseqüências negativas para os filhos (Mosmann, Zordan & Wagner, 2011). Em contrapartida, um relacionamento conjugal orientado por estratégias positivas na resolução de conflitos pode refletir positivamente no desenvolvimento dos filhos (Mc Coy, Cummings & Davies, 2009) quando existem maiores níveis de responsividade, adaptabilidade e coesão parental (Hameister, Grzybowski & Wagner, 2015; Mosmann, 2007; Peruchi, Donelli & Marin, 2016).

O nascimento de um bebé no seio familiar vai causar um impacto na família e, por esse motivo é necessário que haja uma reorganização e ajustamento do subsistema conjugal uma vez que é de extrema importância manter-se a conjugalidade, articulando-a com a parentalidade sem a anular, sendo encarada como um desafio muito exigente. Formar um casal exige a formação de uma zona comum e de partilha, apoiando assim a construção de uma identidade conjugal (Scorsolini-Comin & Santos, 2011). Nesta fase de transição do subsistema conjugal para o parental pode levar ao desequilíbrio e vulnerabilidade familiar e, conseqüentemente, implicações no desenvolvimento saudável da criança (Bornstein & Bornstein, 2014; Martins, 2013; Relvas, 1996).

A parentalidade é considerada uma das transições mais marcantes na vida das pessoas e causa grandes mudanças em todos os elementos envolvidos, iniciando uma nova fase do ciclo vital familiar, passando da função conjugal para a parental (Minuchin, 1988; Relvas, 2004).

A expressão “ajustamento conjugal” surgiu através de trabalhos elaborados por Spanier (1976) para se referir ao ajustamento, à comunicação, à felicidade, à integração e satisfação entre o casal. Este processo de ajustamento compreende as circunstâncias, os eventos e interações que movem o casal numa direção positiva ou negativa (Scorsolini-Comin & Santos, 2011). O Ajustamento conjugal é visto como um dos pressupostos para

se entender a dinâmica familiar, assim como o comportamento de todos os envolvidos, uma vez que a relação conjugal atinge diretamente a relação pais-filhos e as interações dos membros com os restantes sistemas (Gomez & Leal, 2008; Hernandez, 2008; Scorsolini-Comin & Santos, 2012; Spanier, 1976). Casais com bom ajustamento conjugal são vistos como mais coerentes, afetuosos, interessados e participativos na resolução de possíveis conflitos. Quando ocorre o inverso, estes pais demonstram desinteresse e pouco empenho, causando assim impactos negativos em todo o sistema familiar, incluindo o parental, afetando diretamente o ajustamento das crianças (Hameister, Grzybowski & Wagner, 2015; Peruchi, Donelli & Marin, 2016).

As características da criança também têm um papel determinante na parentalidade, como questões relacionadas com o temperamento difícil da mesma, nomeadamente uma maior negatividade e irritabilidade que suscita nos pais uma atitude e comportamento menos responsivo e, em certas alturas, uma menor sensibilidade às necessidades da criança. Existe uma influência mútua, quer no comportamento dos pais, quer no da criança, ou seja, as características da criança podem influenciar a parentalidade dos pais e as características dos pais, como os estilos de autoridade parental e o ajustamento marital, podem ter um efeito na criança. No entanto, apesar de haver uma influência mútua, quando a criança é muito nova e pela sua condição de fragilidade devido ao seu estado de imaturidade desenvolvimental que ainda se encontra, é mais provável que esta vá ter impacto no subsistema parental e conjugal do que o seu inverso (Belsky, 1976; Bornstein, 2002; Bornstein & Bornstein, 2014; Scorsolini-Comin & Santos, 2011).

É dentro da parentalidade que se verificam os Estilos de Autoridade Parental. Estes padrões educativos são utilizados pelos pais e mães no relacionamento com os filhos, contribuindo para o clima emocional familiar positivo ou negativo para o desenvolvimento da criança e influenciar todo o sistema familiar (Cardoso & Veríssimo, 2013; Darling & Steinberg, 1993; Pacheco, Silveira & Schneider, 2008; Pires, 2011; Yusuf & Sim, 2017). Desta forma, estes estilos, adotados pelos pais, revelam grande importância para a qualidade das suas funções parentais, bem como para o próprio comportamento dos filhos (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Santos, 2013). Alguns estudos defendem diferenças quanto ao género dos pais no que diz respeito à atuação no exercício da parentalidade, em que as mães têm uma maior responsividade e afetividade, enquanto que os pais, face ao comportamento dos filhos, têm uma atitude mais rígida e punitiva, recorrendo assim a estratégias mais disciplinares (Barroso & Machado, 2011).

Baumrind (1967, 1971) e colaboradores, prestaram um contributo fundamental em investigações relacionadas com a influência parental no desenvolvimento e ajustamento da criança através do modelo de Estilos de Autoridade Parental (EAP). Inicialmente era um modelo tripartido, autoritário, autoritativo e permissivo e, posteriormente, quadripartido autoritário, autoritativo, permissivo indulgente e permissivo negligente (Maccoby & Martin, 1983).

O EP é predominante, segundo a preponderância das dimensões de monitorização/controlo e responsividade face às necessidades desenvolvimentais, das suas características, temperamento e dificuldades. A monitorização/controlo incide sobre o comportamento da criança, em que havendo mais controlo e menos responsividade vai corresponder ao estilo parental autoritário, quando há mais responsividade sem controlo diz respeito ao estilo parental permissivo, e quando há equilíbrio entre o controlo e a responsividade vai corresponder ao estilo parental autoritativo com expectativas e regras claras, com afeto de acordo com a idade e necessidades da criança, mantendo ao mesmo tempo um ambiente seguro e desenvolvimento saudável (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Baumrind, 1966; 1967; 1971; Baumrind & Black, 1967).

Para Baumrind (1967) o EP autoritativo tem sido associado a um melhor ajustamento da criança ao nível da autoestima, ajustamento social, desempenho académico, e menos problemas internalizados e externalizados.

As diferentes gerações que uniformizam uma família avançam no tempo de acordo com o ciclo vital, evoluindo no sentido da sua complexificação, onde são caracterizados por acontecimentos que vão definir as diferentes etapas de crescimento e desenvolvimento intrínsecas a cada uma das transições dentro da família. As transições que podem ocorrer no ciclo vital são: a formação do casal, a família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e famílias com filhos adultos. Todas estas etapas e transições podem afetar cada um dos membros, resultando assim numa exigência por parte dos mesmos em encontrar soluções que lhes permitam adaptarem-se às alterações estruturais e funcionais, bem como às mudanças implícitas a cada etapa (Augusto, 2018; Dias, 2011).

Tal como a transição para a parentalidade, à medida que a família vai evoluindo no ciclo de vida familiar vão sendo colocados alguns desafios e, por esse motivo, a coesão entre o casal, a flexibilidade e apoio mútuo vão facilitar ou dificultar a adaptação a esta nova exigência que é a transição para a escolaridade, onde vão surgir as tarefas escolares

e uma maior responsabilidade da criança e dos pais na relação que têm com a escola (Melo & Alarcão, 2014).

O início da escolaridade dá origem a dúvidas e alterações na família uma vez que os próprios valores da família podem ser postos à prova. É de salientar que nem todas as famílias estão preparadas para enfrentar esta nova experiência, principalmente a separação que é imposta, podendo afetar a própria transição e adaptação da criança à escola. Esta transição é esperada no ciclo de desenvolvimento da família. Quando existe afeto, reciprocidade e equilíbrio nas relações torna esta experiência mais tranquila tanto para a criança como para os pais. A escola já está ciente desta dificuldade e age de forma facilitadora para ambas as partes para que a separação seja vivida da melhor forma. Com o passar do tempo, a criança vai sentir-se mais segura, transmitindo aos pais uma maior confiança e segurança, contribuindo assim para uma convivência familiar positiva (Guisso, 2016).

Famílias que conseguem encontrar o equilíbrio, o ajustamento necessário para ultrapassar os desafios de forma adaptativa, que conseguem estabelecer rotinas, que comuniquem de forma clara e demonstrem afeto, tendem a vivenciar esta transição com menos *stress*. Ao contrário, momentos de instabilidade vão originar dificuldades de adaptação dos filhos e comportamentos internalizados na escola (Guisso, 2016).

Atualmente, têm existido estudos que demonstram a existência de associações entre a qualidade da relação conjugal e parental para o desenvolvimento ajustado da criança (Mosmann & Sarriera, 2008; Mosmann, et al., 2018; Rocha, et al., 2015; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Há características positivas e negativas da relação conjugal que podem exercer um impacto positivo ou negativo noutros subsistemas familiares. Estas características devem ser compreendidas mais profundamente de forma a auxiliar os profissionais a promover todas as potenciais capacidades existentes ao lidar com indivíduos ou famílias na fase de transição do ciclo de vida familiar de ingresso na escolaridade obrigatória. Existe a necessidade de realizar mais estudos com o intuito de compreender a influência dos filhos na conjugalidade dos pais, uma vez que contribuem para a construção do conhecimento nessa área (Hameister et al., 2015). Pretendemos averiguar a natureza da relação entre o subsistema marital/conjugal e parental no ajustamento da criança numa amostra comunitária, procurando responder ao problema de investigação: Qual o impacto do Ajustamento Conjugal e dos Estilos de Autoridade Parental no Ajustamento da Criança,

na percepção dos pais, com filhos dos cinco aos 10 anos, da idade pré-escolar ao 1º ciclo de estudos?

O principal objetivo do estudo é testar as diferenças entre a variável ajustamento conjugal, estilos de autoridade parental e ajustamento da criança, na percepção dos pais, com crianças de diferentes grupos etários, do pré-escolar, 5 anos, ao final do 1º ciclo, com 10 anos. Adicionalmente pretendemos averiguar as associações entre o ajustamento conjugal, os estilos de autoridade parental e o ajustamento da criança; as diferenças existentes entre grupos de idade, dos 5 aos 10 anos, e por fim, testar o efeito da moderação dos estilos parentais na relação entre o ajustamento conjugal e o ajustamento da criança.

Esta dissertação está estruturada em quatro partes distintas. Na primeira parte consta o enquadramento teórico que envolve a revisão de literatura pertinente com conteúdos alusivos ao AC, EP e Ajustamento da Criança. São também apresentados o Problema, a Pertinência e os Objetivos do estudo. Na segunda parte é apresentada a metodologia científica que inclui o delineamento do estudo, as hipóteses estabelecidas, a operacionalização das variáveis, caracterização dos participantes, os instrumentos empregues e os procedimentos metodológicos e estatísticos. Na terceira parte, expomos os resultados, posteriormente discutidos de acordo com a revisão de literatura, e enunciadas as principais contribuições, limitações e conclusões finais.

I PARTE – REVISÃO DE LITERATURA

1.1. Família

Nas últimas décadas o conceito de família tem sofrido alterações, acompanhando as mudanças sociais e culturais, surgindo novas configurações familiares (Simonato, 2010).

A família é considerada um sistema aberto em constante processo de interação e de integração dos seus elementos. Seja qual for a configuração familiar, constitui um conjunto de pessoas visto como um todo sistémico onde se criam relações entre os seus elementos e o meio exterior num sistema dinâmico, constituído por outros subsistemas em constante interação, desempenhando funções basilares e importantes na sociedade (Boing & Crepaldi, 2016; Cúnico & Arpini, 2013).

A família é o principal agente de socialização onde a criança vai adquirir e reproduzir padrões culturais. É responsável por inculcar modos de pensar e atuar que, futuramente se transformam em hábitos. São destacados três momentos importantes de socialização dos elementos que compõem a família: a Identificação do núcleo social inicial; a Socialização primária e a Socialização secundária. A primeira é quando os pais são o primeiro núcleo social da criança, por apresentarem uma grande influência no seu processo de desenvolvimento cognitivo, social e psicológico. É através da relação com os pais que a criança vai adquirir informações e interpretações sobre o mundo, servindo assim de referência para relações futuras. No segundo momento, a família é o agente mais importante no processo de internalização e aprendizagem, formando assim os papéis sociais básicos, sucedendo-se assim a interiorização do mundo social no qual se nasce. Por fim, o terceiro momento ocorre quando o indivíduo entra em relação com grupos extrafamiliares. Existirão outras relações sociais que vão contribuir para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, primordialmente as relações vividas na escola e nos grupos de colegas (Albuquerque & Aquino, 2018; Carnut & Faquim, 2014).

O que contribuiu de forma decisiva para as alterações na estrutura e dinâmica familiar foram os fatores económicos, políticos, sociais, culturais, demográficos e tecnológicos. Estes fatores tiveram influência na organização, nas funções, nas relações, na complexidade e globalidade ao longo do desenvolvimento familiar, refletindo assim a evolução da época social (Pereira & Arpini, 2012).

A estrutura e a dinâmica da família, na sua organização interna, foram mudando ao longo do tempo, devido a, por exemplo: menor número médio de filhos; diminuição da fecundidade; maior número de pessoas sós; menor número de famílias numerosas; aumento de famílias recompostas (*joint families*), em virtude do aumento de quantidade

de divórcios, de uniões de facto e uniões livres e, atualmente, o aparecimento das famílias homoparentais (Fachin, 2011).

Independentemente da tipologia familiar utilizada, são compostas por elementos unidos por laços de sanguinidade, de afetividade ou por interesse que convivem entre si e constroem uma história de vida que é única e irreplicável (Alarcão & Relvas, 2002; Dias, 2011). No entanto, segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (1994), a família não se limita apenas a laços de sanguinidade, a casamentos ou adoções. É gerada por ligações de afeto, confiança, cuidados, apoio mútuo e objetivos comuns.

Apesar do aumento considerável das taxas de divórcio em Portugal, a família nuclear constituída por pais e filho(s) biológicos ou adotados, prevalece na nossa sociedade. É também conhecida como família nuclear tradicional. Deixou de ser para muitos o modelo de referência, embora continue a ser o mais visto (Carnut & Faquim, 2014).

As diversas gerações que compõem uma família, avançam no tempo através do ciclo vital, caracterizado por eventos que definem as diferentes etapas de crescimento, bem como as tarefas de socialização inerentes a cada elemento no percurso que partilham em conjunto. Em cada fase do ciclo vital existem acontecimentos que determinam situações que podem afetar cada elemento. É conveniente que os elementos da família encontrem mecanismos que lhes permitam adaptarem-se às mudanças estruturais, funcionais e às alterações subjacentes a cada fase (Feinberg, Jones, Kan & Goslin, 2010; Grych, Raynor & Fosco, 2004; Pedro, Ribeiro & Shelton, 2012).

O ciclo vital da família pode ser representado em etapas que estabelecem uma sequência previsível de mudanças na organização familiar ao longo do tempo. Portanto, pode ser constituído primeiramente pela formação do casal, de seguida, a família com filhos pequenos, logo após a família com filhos na escola e, por fim a família com filhos adultos (Afonso, Silva, Pontes & Koller, 2015; Relvas, 1996).

A família inicia-se com a formação do casal, moldando-se à medida que nascem os filhos, que se tornam alunos, adolescentes e adultos. Este processo repete-se quando o primeiro filho sai de casa e forma a sua própria família. Ou seja, o sistema vai-se alterando, forma-se outro, as relações tornam-se mais abrangentes, formando-se assim um novo sistema familiar. Quando as famílias têm dificuldades de adaptação, resultantes das diferentes etapas do ciclo, podem originar-se crises de desenvolvimento, causando alterações na função familiar e problemas nos seus elementos. Durante este processo, a família tem um papel estabilizador, através do processo de socialização, com o objetivo

de fornecer nos indivíduos conformidade, de forma a adaptarem-se à nova estrutura como um todo a que pertencem (Afonso, Silva, Pontes & Koller, 2015; Relvas & Alarcão, 2007; Scorsolini-Comin & Santos, 2012).

Atualmente, a prática de terapia de família é considerada recente na história da Psicologia, tendo sido iniciada nos anos 50 em Palo Alto – Califórnia/Estados Unidos, através dos estudos sobre esquizofrenia. Na altura foram destacadas três abordagens teóricas do novo paradigma sistémico que contribuíram para o desenvolvimento da terapia familiar: a Teoria Geral dos Sistemas, a Cibernética e a Teoria da Comunicação. Agregado a estas teorias surgiram vários conceitos como a complexidade, instabilidade, intersubjetividade, homeostase/equilíbrio, causalidade circular e *feedback*. Trouxeram também a possibilidade de compreender o indivíduo para além da sua individualidade, ou seja, compreender também as suas relações e os grupos em que se insere, um deles o grupo familiar (Grandesso, 2008; Macarini, Crepaldi & Vieira, 2016; Vasconcellos, 2002).

Existem vários modelos utilizados pelos terapeutas de família: modelo estrutural, estratégico, psicanalítico, comunicacional, interacional, experiencial simbólico, modelo de Milão, construtivista, entre outros. Quando se passou a compreender o sujeito perante as suas relações e os contextos em que se insere, deixou-se o âmbito intrapsíquico para se focar no contexto inter-relacional (Grandesso, 2008).

Os investigadores e terapeutas de base sistémica, ao focarem a família como unidade de análise e intervenção, começaram a ganhar curiosidade por diferentes detalhes que caracterizam os grupos familiares. Portanto, a família é vista como um sistema aberto em constante interação com outros sistemas, em constante mudança, moldando-se a diferentes ciclos evolutivos, autorregulado por regras (Andolfi, 1996; Macarini, Crepaldi & Vieira, 2016; Vasconcellos, 2002).

As famílias têm influência e determinam a saúde dos seus elementos por meio de vários processos, como por exemplo os conflitos existentes ou o suporte entre ambos. Há pesquisas científicas que evidenciam que a saúde dos elementos da família dão origem a tipos de funcionamento familiar e bem-estar dos seus elementos. O enfrentar dos problemas e adversidades, assim como o cuidado com o outro, podem ser exemplos destas situações. Portanto, pode ser dito que o binómio família-saúde pode dar origem a algumas controvérsias e ambivalências (Carnut & Faquim, 2014).

As relações familiares entre duas pessoas, denominadas de relações diádicas, como é exemplo pai-filho, mãe-filho ou a própria composição da família, de uma forma

geral, são responsáveis ou pela manutenção da saúde da criança/adolescente ou pelo adoecimento dos mesmos (Carnut & Faquim, 2014).

Os adultos são como referências emocionais e culturais para as crianças/adolescentes, e, estes jovens vão socializar reproduzindo o padrão de comportamento do seu núcleo social inicial (Carnut & Faquim, 2014).

Existem duas formas de determinar a saúde das crianças e adolescentes, a forma vertical e a horizontal. A primeira, efetuada de cima para baixo, ou seja, dos membros mais velhos para os mais novos, as características da família, geralmente não são suficientes para a decomposição familiar. Por se tratar de problemas diádicos, vão restringir-se a um subgrupo da família, sendo muito restrito. Por esse motivo, as características da família vão ser incutidas e vão perpetuar-se ao longo do tempo de geração para geração de forma natural e discreta. A segunda, a criança ou adolescente fragilizado constrói na vida familiar um processo social vertical de baixo para cima (dos mais novos para os mais velhos) e horizontal, atingindo irmãos e outros membros da mesma geração. O sistema familiar fica comprometido e, nos casos de maior gravidade, a família pode desfazer-se, tornando-se mais vulnerável e muito dependentes de redes de apoio que as ajudem a funcionar adequadamente (Carnut & Faquim, 2014).

Portanto, as características da família determinam a saúde dos indivíduos e, podem ocorrer determinados eventos que comprometam um dos elementos da família. Nestas situações será necessário construir um novo processo de funcionamento familiar e assim reconfigurar a sua composição (Carnut & Faquim, 2014).

É importante desmistificar a visão tradicional e romântica de família. Nem sempre a família é um espaço de apoio e proteção integral à saúde dos filhos e dos restantes membros, pode ser também uma fonte de relações que gerem riscos à saúde e provoquem mal-estar e dificuldades aos envolvidos (Carnut & Faquim, 2014).

1.2. Conjugalidade

Segundo a teoria sistémica, a conjugalidade está em constante estruturação, envolvendo as várias fases do relacionamento afetivo, como por exemplo o nascimento dos filhos, problemas financeiros que possam surgir e início da escolaridade das crianças. Acredita-se que está em constante estruturação para que o casal consiga persistir e fazer frente às mudanças previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2010; Scorsolini-Comin, Fontaine, & Santos, 2016). Deste modo, pode dizer-se que a conjugalidade tem um ciclo evolutivo particular, que em certas alturas, devido aos

desafios e tarefas referentes pode sobrepor-se ao ciclo de vida familiar. No entanto, pode também seguir um rumo paralelo.

O casal até constituir uma identidade como um todo equilibrado, estável e integrado tem de passar pela imaturidade, dependência e insegurança. Alguns estudos afirmam que existem três fases do ciclo evolutivo do casal designados como paixão, estabilidade e rotura ou reinvestimento do relacionamento. Um outro ponto de vista é a existência de seis fases no decorrer do ciclo de vida familiar: (1) saída de casa; (2) origem do novo casal; (3) família com filhos pequenos; (4) famílias com filhos adolescentes; (5) independência dos filhos e seguir em frente; (6) famílias no fim de vida. O casal, a cada nova etapa dentro do ciclo, precisa de estabelecer a sua forma de resolver os seus problemas, o seu nível de ajustamento, assim como os seus padrões de comunicação. A comunicação entre o casal tem impacto na conjugalidade, tendo características de retroalimentação (Carter & McGoldrick, 2001; Luz & Mosmann, 2018; Sattler, Eschiletti, de Bem & Schaefer, 1999; Wagner & Mosmann, 2011).

Através de um estudo realizado por Olson (2000), o nível de funcionalidade de cada casal existe dentro da interação de três medidas, a coesão, a adaptabilidade e a comunicação, tendo em conta que esta última é a facilitadora do movimento entre as restantes. Foi realizado um estudo em Portugal sobre se a coesão e a adaptabilidade variam ao longo do ciclo de vida familiar em casais entre os 20 e 69 anos com filhos até aos 18 anos. Em termos de resultados, verificou-se que a coesão obteve níveis mais elevados na etapa do ciclo de vida em que o casal tinha filhos pequenos, e níveis mais elevados de adaptabilidade na etapa do ciclo de vida com filhos adolescentes. Desta forma, a coesão e a adaptabilidade vão-se adaptando ao longo do ciclo de vida familiar de forma a enfrentar as exigências de cada etapa. Deste modo, as oscilações que existem nestas medidas vão-se expressar em menor ou maior funcionalidade das relações conjugais e familiares. Existe um consenso entre vários estudos em que afirmam que a comunicação tem impacto na dinâmica conjugal e é influenciada por esta. Defendem que cada casal aprende a construir a sua forma de comunicação através das várias vertentes pessoais, sociais e familiares (Backer-Fulghum & Sanford, 2015; Féres-Carneiro, & Diniz-Neto, 2010; Luz, & Mosmann, 2018).

1.2.1. Ajustamento Conjugal

Os estudos sobre o AC tiveram início em 1929 com o estudo de Hamilton. Desta forma começaram a desenvolver diversas medidas com o objetivo de avaliar a qualidade do relacionamento conjugal. O AC está em constante transformação, é visto como uma

dimensão qualitativa que pode ser avaliado em qualquer fase, para se chegar à conclusão se o casal está ou não ajustado (Hernandez, 2008; Hernandez & Hutz, 2009). Este conceito é visto como propriedade interpessoal e não como algo que os sujeitos possam passar de uma relação para a outra (Johnson, Amoloza & Booth, 1992; Spanier, 1976).

A qualidade da relação conjugal antes do nascimento de um filho é muito importante e grande fator de ajustamento em outras etapas da vida do casal. A estrutura desta relação tem forte influência no desenrolar de transições em várias fases da vida dos mesmos (Frizzo, Brys, Lopes & Piccinini, 2010; Menezes & Lopes, 2007).

Existe certa dificuldade na avaliação nesta área, uma vez que o grau de felicidade ou mesmo o sucesso de uma relação é influenciado por diversos fatores (Rosen-Grandon, Myers & Hattie, 2004; Rossier, Rigozzi, Charvoz & Bodenmann, 2006; Gomez & Leal, 2008). Portanto, o AC vem sendo definido em função da forma como será avaliado, por não existir um consenso relativamente à sua definição. Por não existir uma definição propriamente dita desta variável, faz com que se crie alguma confusão terminológica entre o seu conceito e o de *satisfação conjugal*. O AC, normalmente é mais inclusivo, no entanto, ambos são utilizados de forma indiferenciada com frequência (Sabourin, Valois & Lussier, 2005). Para contornar estas limitações, o uso de estratégias tem sido benéfico para a avaliação deste conceito, como por exemplo usar o AC como variável unidimensional, geralmente através de índices breves que destacam a avaliação subjetiva global da relação. Algumas medidas são criticadas por possuírem um número pequeno de itens redundantes e por terem fraco poder preditivo. Outra possível estratégia seria criar medidas multidimensionais que deem possibilidade de diferenciar processos dentro da relação que afetam o nível de ajustamento geral (Rosen-Grandon et al., 2004; Sabourin et al., 2005).

Quando há proximidade, estratégias adequadas de resolução de problemas, coesão, boa habilidade de comunicação e se o casal estiver satisfeito com o seu *status* económico a satisfação conjugal é maior (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Shlomo, 2004).

As realidades sociais de cada indivíduo vão ter impacto na educação dos filhos, assim como no comportamento dos respetivos pais. Um casal que tenha um emprego saudável, onde consigam ser autónomos e felizes, demonstram efeitos positivos na qualidade da interação e educação dos filhos. Por outro lado, pais que tenham um emprego com más condições, dias com grande carga de trabalho, com maiores exigências, demonstram efeitos negativos nas crianças e nos seus próprios comportamentos. Pais

mais ocupados estão relacionados a um menor envolvimento e menor esforço para ajudar as crianças na escola, causando maior afastamento dos filhos e vice-versa (Kohn, 1969; Repetti, 1994; Talib, Mohamad & Mamat, 2011).

As primeiras pesquisas, onde discutiam a relação existente entre a qualidade do vínculo conjugal e a forma como os membros da relação praticam a parentalidade retiraram algumas conclusões. Identificaram que bons níveis de funcionamento e ajustamento conjugal relacionavam-se com o desenvolvimento saudável dos filhos (Goldberg & Easterbrooks, 1984). É interessante conhecer a influência recíproca entre a conjugalidade e a parentalidade. Para se compreender esse processo criou-se uma hipótese explicativa denominada de *spillover* (Erel & Burman, 1995). Estes autores defendem que o clima emocional dentro dos cônjuges interfere com a parentalidade e vice-versa. De acordo com o exposto, a qualidade da relação entre o casal tem impacto no subsistema parental e, desta forma, se existir um relacionamento perturbado entre o casal, vai acarretar consequências negativas para as crianças (Mosmann, Zordan & Wagner, 2011). Já um casal com uma relação positiva, marcado por estratégias positivas na resolução de possíveis discórdias pode refletir positivamente no desenvolvimento de todos (Mc Coy, Cummings & Davies, 2009) de acordo com o aumento dos níveis de responsividade, adaptabilidade e coesão parental (Mosmann, 2007).

A personalidade dos pais, a satisfação com o casamento e com a parentalidade são características individuais dos pais. Estas são vistas como importantes variáveis para se compreender o efeito de *spillover* entre os subsistemas conjugal e parental. Da mesma forma, a variável conflito conjugal é de igual importância para se compreender este processo (Carlson, Pilkauskas, Mc Lanahan & Brooks-Gunn, 2011). Algumas pesquisas concluem que casais com níveis baixos de satisfação conjugal, permeados por conflitos intensos e frequentes, têm com os seus filhos, uma relação complicada e negativa. Existem, através da literatura, dois modelos teóricos em que se baseiam grande parte das pesquisas sobre o efeito *spillover*. O Modelo Cognitivo-Contextual (Grych & Fincham, 1990) e o Modelo de Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994). Investigações que tiveram como base estes dois modelos, defendem que diferentes variáveis atuam como mediadoras ou moderadoras desse efeito. Essas variáveis são, quando envolvem o filho nos seus desentendimentos (triangulação do conflito), sintomas de ansiedade e depressão (problemas internalizados) ou comportamentos agressivos ou opositivos (problemas externalizados), a esperança dos filhos na reconciliação e solução do problema, o apego aos pais e sintomas depressivos individuais do casal (Pedro, Ribeiro

& Shelton, 2012). Existem dois tipos de conflitos, o construtivo e o destrutivo que têm impactos diferentes no contexto familiar. O construtivo está relacionado com estratégias positivas de resolução de problemas, como por exemplo, procurar a reconciliação, boa comunicação e demonstração de afeto e grande suporte entre o casal. O destrutivo, contrariamente ao primeiro, está relacionado com a hostilidade, raiva, agressão física e/ou verbal e insultos pessoais durante um episódio de conflito. No primeiro, as estratégias construtivas não diminuem apenas as respostas negativas ou problemas de ajustamento dos filhos, mas também aumentam aspetos positivos do funcionamento psicológico dos mesmos (Mc Coy et al., 2009). Quando um casal se dedica um ao outro, quando pratica atividades para manter o casamento e em ações para melhorar a satisfação conjugal, a eficiência e o efeito das suas práticas parentais é maior do que os que não investem na relação. Portanto, quando se procura melhorias no subsistema conjugal estas acabam por ter resultados benéficos na relação com o subsistema parental (Merrifield & Gamble, 2013). Existem algumas variáveis do casal enquanto pais, relacionadas a bons níveis de qualidade conjugal, como o envolvimento parental, o apoio e suporte parental e o apego seguro entre pais e filhos (Carlson et al., 2011; Millings et al., 2013; Roskam, Meunier & Stievenart, 2011; Stapleton & Bradbury, 2012).

Quando existe consenso entre os cônjuges/pais, as pesquisas existentes concluem melhores resultados no funcionamento e no ajustamento psicológico dos filhos. Portanto, o efeito *spillover* dos conflitos construtivos também advém do uso de estratégias que resultam na resolução positiva do conflito (Mc Coy et al., 2009). Pais que identifiquem uma boa comunicação conjugal, avaliando maioritariamente o seu casamento como positivo, estão relacionados com filhos socialmente habilidosos e bem ajustados (Bolsoni-Silva & Marturano, 2010).

Existe maior foco na literatura no que diz respeito aos conflitos destrutivos e as consequências negativas envolventes, podendo ocorrer de forma direta ou indireta. Os investigadores concluíram que estas formas podem afetar tanto as relações entre o subsistema parental quanto o ajustamento e as relações dos filhos com os seus pares. Esta ação pode desencadear na criança formas negativas de interação com o sistema familiar e com os restantes. Deste modo vai comprometer o seu desenvolvimento saudável dando origem a graves problemas como o medo e ansiedade (Hameister, Barbosa & Wagner, 2015; Schoppe-Sullivan & Mangels-dorf, 2013; Zini, Frizzo e Levandowski, 2018). A existência de agressividade entre os cônjuges está relacionada com comportamentos

parentais mais punitivos e hostis e, conseqüentemente a um menor apego por parte dos filhos (Doh et al., 2012; Laurent, Kim & Capaldi, 2008).

1.3. Parentalidade

A família vai passando por várias etapas, uma delas é a fase de aquisição, a qual diz respeito à união do casal, a construção da vida em conjunto, assim como a experiência de entrar no mundo da parentalidade (Cerveny, 2002). Tornar-se pai e mãe pode representar um verdadeiro desafio face às diferentes necessidades que as crianças apresentam nos dias de hoje. Após o nascimento de um filho, vem subjacente o desempenho de diferentes tarefas no que diz respeito ao cuidado e educação de uma criança. Desta forma vão surgir várias dificuldades e uma nova adaptação ao ciclo de vida do casal (Féres-Carneiro & Magalhães, 2011).

Minuchin (1982; 1988) afirma que o nascimento do primeiro filho é o que origina a passagem do subsistema conjugal para o parental, o que vai acarretar transformações mais profundas na família nuclear e ampliada. Um bom ajustamento entre o casal faz com que haja um bom ambiente familiar e com que os comportamentos parentais sejam mais saudáveis e positivos.

É no seio familiar que se espera existir todas as condições necessárias para o desenvolvimento saudável das crianças, quer a nível físico, psicológico e social. O conjunto de tarefas necessárias que os pais praticam para que a criança se sinta segura e feliz denomina-se de parentalidade. É uma tarefa muito difícil, complexa e cheia de desafios e responsabilidades para cada um (Holden, 2010; Reader, Duncan & Lucey, 2005).

1.3.1. Estilos Parentais

A família é determinante no processo de socialização da criança constituindo-se assim no primeiro agente de inserção social da mesma. Os pais, desde o início da sua parentalidade procuram direcionar os comportamentos dos filhos com o intuito de adquirir hábitos que os levem à sua autonomia e à responsabilidade (Abar & Carter, 2010; Pacheco, Silveira & Schneider, 2008).

Os pais vão ter influência no desenvolvimento social, cognitivo e psicológico da criança, sendo que a relação que é estabelecida entre eles vai originar uma base de referência para o filho. É aqui que são transmitidas as primeiras informações relacionadas com o mundo. Esta relação entre pais e filhos é estudada a partir das práticas educativas parentais (Salvador & Weber, 2005). As orientações derivadas das práticas parentais perpassam a cultura e o contexto familiar, não dando apenas resposta ao comportamento

dos filhos, mas também na transmissão de normas e valores de acordo com o contexto social (Kobarg & Vieira, 2008). As práticas educativas parentais podem ser as estratégias ou técnicas utilizadas pelos pais para orientarem os filhos, nomeadamente nos comportamentos frente a diferentes situações (Abar & Carter, 2010; Kobarg & Vieira, 2008).

Para se analisarem estas práticas, são determinados diferentes estilos educativos de acordo com o padrão de comportamento predominante dos pais, na educação dos filhos (Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2006).

É a partir das experiências vivenciadas pelos pais na sua família de origem, somando uma série de características pessoais dos mesmos, incluindo o contexto no qual se realiza a socialização, podendo este variar de acordo com as crenças, normas e valores culturais partilhados que o estilo educativo é definido (Gaspar, & Matos, 2017; Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2007).

As características pessoais dos pais e dos filhos são importantes e devem ser tidas em consideração na definição do EP, uma vez que este vai sendo construindo na interação com os filhos e por girarem em torno do equilíbrio-desequilíbrio, responsividade, afeto e controlo (Baumrind, 1966; Gaspar e Maatos, 2017). Portanto, o EP é definido como padrão global de características que é construído na relação educativa dos pais com os filhos (Ceconello, De Antoni & Koller, 2003). Estes indicam como cada pai funciona, tendo como objetivo o bem-estar da criança. Existem dois grandes componentes de uma boa parentalidade, a capacidade de resposta dos pais e a exigência dos mesmos (Talib, Mohamad & Mamat, 2011).

É de acordo com as experiências que cada indivíduo vivencia na sua infância que os EP's são estabelecidos. Portanto, os EP's, de certa forma, são construções de como estes pais perceberam e interpretaram a sua própria educação. É de grande importância estudar estes conceitos porque cria a possibilidade de uma intervenção terapêutica nesta área, com o objetivo de compreender melhor estas práticas e tornar estas famílias mais saudáveis (Falcke, Rosa & Steigleder, 2012; Kitamura, Shikai, Ujo, et al., 2009).

O EP engloba várias atitudes, práticas e expressões não verbais dos pais que vão caracterizar a natureza da interação pais-filhos em distintas situações. Muitos dos estudos realizados até hoje sobre os EP's provêm da pesquisa elaborada por Baumrind (1966, 1967, 1971) sobre as crianças e as suas famílias. Baumrind baseia-se numa abordagem tipológica nos estudos da família em relação aos EP's. Esta abordagem centra-se na formação de diferentes práticas parentais, defendendo que o impacto de qualquer prática

vai depender, em parte, da organização das restantes. Algumas destas práticas, como o calor, o envolvimento, as exigências a nível de maturidade e a supervisão vão ter impacto na forma como a criança responde a essas ações dos pais. Identificou três padrões qualitativamente diferentes de EP's. O autoritário, o Permissivo e o Autoritativo. Desta forma, o EP é encarado como uma característica dos pais que modifica a eficácia das práticas de socialização familiar e a receptividade da criança a essas práticas (Darling & Steinberg, 1993; Talib, Mohamad & Mamat, 2011).

Normalmente, pais autoritários são muito exigentes e pouco ou nada responsivos. Tendem a moldar e controlar o comportamento e as atitudes dos filhos de acordo com as suas próprias vontades e os seus próprios padrões. Dão muito valor à obediência, ao respeito pela autoridade e pela ordem. Esperam sempre que os filhos sigam todas as regras sem grandes explicações (Glasgow et al., 1997). Muitos estudos abordaram o impacto deste comportamento parental no desenvolvimento da criança. Um EP desajustado que tem como características a rejeição, o evitamento, pouca tolerância, coercividade e punição, causará impacto na criança. Estas tendem a adquirir problemas de comportamento como o antissocialismo, perturbações externas, imaturidade, agressividade, ansiedade, abstinência e abuso de drogas (Capaldi, Crosby & Stoolmiller, 1996; Capaldi & Patterson, 1991; Patterson, 1983).

O EP permissivo diz respeito a um padrão não punitivo, baseado na aceitação e indulgência, correspondendo de forma afirmativa aos desejos das crianças. É caracterizado ainda pelo baixo controlo e exigência, e também pela ausência de regras e limites. Desta forma, estes pais não promovem o desenvolvimento, a individualidade e autonomia da criança (Alarcão, & Gaspar, 2007; Baumrind, 1991; Boing & Crepaldi, 2016; Mota, & Ferreira, 2019; Silva, Morgado, & Maroco, 2012). A paternidade permissiva, teoricamente pode estar relacionada com uma parentalidade negligente (Rodriguez, 2010).

O EP autoritativo é visto como o mais eficaz em vários aspetos, nomeadamente no desempenho e ajustamento escolar. Este estilo mantém um equilíbrio entre os níveis altos de exigência e de capacidade de resposta. As regras, padrões e limites são estabelecidos de forma firme e equilibrada. Controlam de forma consistente a conduta dos filhos, e quando estes quebram as regras, estes pais usam o método ou disciplina não punitiva para repreender as atitudes dos filhos. Reforçam o comportamento maduro socialmente responsável. São caracterizados como calorosos e solidários, que incentivam a comunicação bidirecional, validando e aceitando sempre o ponto de vista individual da

criança (Alvarenga & Piccinini, 2001; Darling, Kaaya & Vries, 2016; Glasgow, Dornbusch, Troyer & Ritter, 1997). É um dos preditores de competência familiar mais firmes desde a primeira infância até à adolescência (Pong, Johnston & Chen, 2010). A relação de apoio, afeto e o desempenho de uma autoridade racional entre estes pais e os filhos, favorece o desenvolvimento cognitivo das crianças (Baumrind, 1973, 1979; Darling, 1999; Maccoby & Martin, 1983). Em contraste com pais autoritários, os autoritativos encorajam e permitem que os seus filhos desenvolvam as suas próprias opiniões e crenças, sendo recorrente a permissão de autonomia (Darling, Kaaya & Vries, 2016; Steinberg, 2001). Relativamente aos adolescentes, os resultados são muito semelhantes, que quando educados em famílias autoritativas, têm pontuações consistentes em medidas de competência psicológica e de desempenho escolar. Apresentam também níveis mais baixos em medidas de sofrimento interno e condutas problemáticas quando comparados a famílias não autoritativas (Glasgow et al., 1997). Assim sendo, o estilo autoritativo origina uma compreensão calorosa, amorosa e mútua no seio familiar, promovendo o comportamento e a personalidade estável das crianças. Estas demonstram ser mais seguras de si, com maior autoestima, com maiores capacidades de resolução de conflitos e problemas. É por estes motivos que é reconhecido como o estilo parental mais adequado dentro da literatura (Talib, Mohamad & Mamat, 2011). É importante que os pais desenvolvam sensibilidade e que correspondam às necessidades dos filhos de acordo com o estado evolutivo da criança (Pires, Hipólito & Jesus, 2010; Pires, 2011). Ainda no estudo de Glasgow et al. (1997) indica que por mais que existam variações étnicas e culturais relativamente ao impacto do estilo parental, esse padrão empírico aparenta ultrapassar o género, a estrutura familiar, a idade e classe social. Por exemplo num estudo realizado por Chao (2001), este defende que a parentalidade autoritária chinesa é fundamentalmente diferente. Contrariamente aos pais autoritários ocidentais, os pais chineses caracterizados como autoritários conseguem manter um relacionamento mais próximo com os filhos, sendo que a proximidade é um preditor de desempenho e ajustamento escolar positivo. Normalmente, pais negligentes dão origem a crianças mais desfavorecidas. Estes pais apresentam níveis baixos de ajustamento quando relacionados com os restantes estilos parentais. Na adolescência estes jovens são os mais desfavorecidos no que diz respeito às medidas de competência social, ao desempenho escolar e ajustamento psicológico (Glasgow et al., 1997).

Diversos estudos apontam que comportamentos menos positivos dos pais estão relacionados com menor desempenho e ajuste escolar. A falta e o excesso de controle dos

pais podem originar atitudes e comportamentos sociais inadequados das crianças. Estes comportamentos podem variar da fuga escolar ao abuso de drogas e menor desempenho e ajuste escolar. Defende-se que EP's rígidos e indulgentes podem dar origem a filhos que se tornam antissociais e agressivos. Estes podem desenvolver um estilo desadaptado de processar informações sociais (Rumberger et al., 1990; Weiss et al., 1992). Estudos indicam que crianças com pais autoritários enfrentam menos problemas do que crianças com pais permissivos. Quando crianças de pais autoritários são comparadas com crianças de pais permissivos, quanto ao uso de drogas e álcool, comportamentos de risco e agressividade, existe menor número de crianças de famílias autoritárias de acordo com estes aspetos (Ginsburg et al., 2004; Lamborn et al., 1991; Sternberg et al., 1996; Sternberg et al., 2006). Porém, existem relatórios consistentes de estudos que afirmam que crianças de famílias autoritárias são mais bem-comportadas do que crianças de famílias autoritárias. Verificou-se que crianças com pais autoritários não conseguem interiorizar completamente as regras disciplinares transmitidas pelos pais, daí o motivo do mau-comportamento (Querido, Warner, & Eyberg, 2002; Underwood et al., 2009). Relativamente aos adolescentes, quando criados em ambiente autoritário, estes são menos propensos a sentirem-se socialmente aceites pelos seus colegas. São vistos também como menos autossuficientes, pouco engenhosos, com baixa competência, com menor popularidade, baixa autoestima e despersonalização da experiência (Lamborn & Mounts, 1991; Martinez, Garcia & Yubero, 2007; Steinberg, Darling & Fletcher, 1994; Woldradt, Hempel & Miles, 2003). Estas crianças seguem as regras estabelecidas pelos pais, mas quando se encontram sem os pais, estes não sabem como reagir ou dar respostas à situação e ambiente em que se encontram, como por exemplo na sala de aula (Talib, Mohamad & Mamat, 2011).

Mais tarde, os autores Maccoby e Martin (1983) modificaram a tipologia de Baumrind. Categorizando as famílias de acordo com o seu nível de exigência (controle, supervisão e exigências de maturidade), assim como a capacidade de resposta (calor, aceitação e envolvimento). Pais com níveis baixos de exigência e níveis altos de capacidade de resposta são caracterizados como EP indulgente. São conhecidos como pais tolerantes, calorosos e recetivos. Contudo, exercem pouca autoridade, são pouco exigentes com o comportamento maduro e consentem uma autorregulação considerável da criança ou adolescente. Por outro lado, pais que demonstram um padrão negligente ou de pouco envolvimento parental são caracterizados como não exigentes e não recetivos. São pais que não controlam o comportamento dos filhos nem apoiam os seus interesses.

Portanto, enquanto que os pais indulgentes estão comprometidos com os filhos, os negligentes estão muito centrados nos seus próprios problemas, desvinculando-se daquilo que é a responsabilidade de um pai e de uma mãe. Estes dois EP's causam grande confusão nas crianças e adolescentes, estes sentem-se desorientados, desajustados, com falta de um modelo de educação propriamente dito e muito provavelmente sem orientação na vida (Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Falcke, 2006; Falcke, Rosa & Steigleder, 2012).

Existem poucos estudos que identifiquem se o tamanho das associações entre o EP e o Ajustamento da Criança difere entre díades do mesmo sexo (por exemplo, mãe-filha) e díades entre sexos (Tam, 2009).

Determinados estudos concluíram que um melhor ajustamento da criança, assim como um melhor aproveitamento escolar estava associado a níveis altos de responsividade parental, controlo comportamental, concessão de autonomia e EP autoritativo. Contrariamente, um menor ajustamento da criança e um menor aproveitamento estão associados a um controlo severo dos pais, ao controlo psicológico e EP autoritário, permissivo e negligente (Pinquart, 2016).

Associações entre o EP negligente com o ajustamento da criança são mais negativas do que as associações com EP's autoritário e permissivo (Pinquart, 2016).

Análises realizadas em estudos anteriores identificaram um efeito moderador do género parental, verificando associações de responsividade materna superior com o ajustamento da criança e desempenho escolar do que associações de responsividade paterna. Relativamente à interação entre o género parental e o infantil, estudos indicam que existe efeito moderador significativo do género parental, existindo associações mais fortes de responsividade materna com o ajustamento de meninas em comparação aos pais. Contudo, associações de ajustamento de meninos com a responsividade de ambos os pais não diferiram significativamente (Pinquart, 2016).

Nas últimas décadas foram inúmeros os estudos que analisaram aspetos de comportamento parental que podem promover a saúde psicológica, a realização escolar de crianças e jovens e o seu positivo desenvolvimento geral (Hoeve, Dubas, Gerris, Van der Laan, & Smeenk, 2011).

Estudos realizados entre várias famílias indicaram que crianças de pais autoritativos apresentam menores sintomas de internalização e externalização, assim como um melhor desempenho e ajuste escolar quando comparadas a crianças de outras famílias (Pinquart, 2016).

Pais autoritários, negligentes e em certa parte, permissivos, estão associados a elevados níveis de problemas internalizados e externalizados, bem como a um pior desempenho e ajuste escolar (Pinquart, 2016).

Associações realizadas entre os EP's e certas medidas infantis podem variar em diferentes contextos culturais, como grupos étnicos dentro de países bem como diferentes regiões (Chao, 2001; Pinquart & Kauser, 2018).

Há que ter em consideração que o mesmo EP e o mesmo comportamento parental podem ser interpretados de várias formas dependendo do significado cultural que atribuem a esses comportamentos ou estilos num determinado grupo cultural (DeaterDeckard, Dodge & Sorbring, 2005; Pinquart & Kauser, 2018).

As diferenças culturais são de grande relevância visto que em certas culturas, o uso de certa prática parental pode ser normal dentro dessa cultura e vice-versa. Por exemplo num estudo realizado encontraram efeitos adversos inferiores na punição corporal no ajustamento de crianças em culturas em que esta prática era muito recorrente (Lansford et al., 2005; Pinquart & Kauser, 2018). Portanto, um EP terá efeitos positivos ou negativos sobre o ajustamento da criança se for consistente com as expectativas do ambiente sociocultural (Dwairy, Achoui, Abouserie & Farah, 2006).

Através de alguns estudos foi possível verificar que associações de parentalidade autoritativa com sintomas de internalização e delinquência não variam entre grupos étnicos nos Estados Unidos. No entanto, associações de parentalidade autoritativa com desempenho e ajuste escolar demonstraram níveis mais positivos em adolescentes não hispânicos do que em afro-americanos e asiáticos (Pinquart & Kauser, 2018). Do mesmo modo que, Chao (2001), no seu estudo revela que um EP autoritativo está associado positivamente ao desempenho e ajuste escolar em famílias americanas europeias, contrariamente aos imigrantes chineses que viviam nos Estados Unidos.

Certos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos indicam que crianças de pais permissivos revelam maiores problemas de ajustamento e conseqüentemente pior desempenho e ajuste escolar quando comparados a crianças de pais autoritativos (Pinquart & Kauser, 2018). Alguns investigadores do Sul da Europa e da América Latina realçam que uma parentalidade permissiva está associada ao mesmo ou melhor ajustamento psicológico do que uma parentalidade autoritativa, podendo estar relacionado com a importância que dão aos afetos e às relações igualitárias nesses países (García & Gracia, 2009).

Culturalmente, um EP negligente não foi aceite em nenhuma região do globo. Porém, enquanto que muitos estudos encontraram níveis superiores de problemas comportamentais e inferiores de sucesso e ajuste escolar em crianças com pais negligentes, um estudo turco de Akcinar e Baydar (2014) revelou níveis baixos de problemas de externalização através da observação do comportamento de mães com crianças de três anos de idade. Estas demonstraram comportamentos de baixa responsividade e de controlo comportamental, assemelhando-se assim a um EP negligente (Pinquart & Kauser, 2018).

Segundo Pinquart (2016) geralmente, crianças com pais autoritativos demonstram menos sintomas de internalização e de externalização (melhor ajustamento), assim como melhor desempenho escolar. Contrariamente a crianças com pais autoritários que revelam maiores problemas de internalização e externalização (pior ajustamento), e, conseqüentemente pior desempenho escolar.

Um EP autoritário predomina em famílias afro-americanas, asiáticas e hispânicas, em relação a famílias com origem europeia. Os EP's possuem efeitos mais positivos se forem comuns e culturalmente aceites (Dwairy et al., 2006; Pinquart & Kauser, 2018).

1.4. Ajustamento da Criança

Muitos psicólogos ao longo dos tempos abordaram a importância dos processos familiares no desenvolvimento da criança. Estes profissionais afirmam que o EP que inclui interação pai-filho e envolvimento dos pais na educação da criança é significativo na socialização e no ajustamento dos filhos (Ogbu, 1981; Bronfenbrenner, 1979; Belsky, Steinberg & Draper, 1991). Nem todas as crianças que sejam expostas a experiências negativas desenvolvem problemas de ajustamento. Há diferenças individuais que exercem um papel importantíssimo nessa dinâmica, como a capacidade de resiliência ou características da personalidade dos filhos e variáveis relacionadas com o funcionamento da família (Grych, Raynor & Fosco, 2004; Mosmann, Zordan & Wagner, 2011).

No matrimónio o conflito torna-se inevitável, o que pode variar é a quantidade e a intensidade da discórdia entre os casais. Quando as divergências entre o casal são geridas de forma positiva, onde se verifica afeto verbal e físico, resolução de problemas e apoio, o conflito é visto como construtivo (Castellano, Velotti, Crowell & Zavattini, 2014). Crianças sujeitas a este tipo de conflito origina reações emocionais positivas tais como a felicidade, e, diminui a probabilidade de adquirirem uma conduta agressiva. Inversamente, casais que utilizem táticas de conflito destrutivo, como a hostilidade verbal, física, raiva não verbal e abstinência, provocará reações comportamentais e

emocionais negativas nas crianças. Estas crianças, sujeitas a este tipo de conflito, podem tornar-se mais vulneráveis ao surgimento de problemas de ajustamento (Cummings, Goeke-Morey & Papp, 2004).

As crianças que presenciem estratégias positivas por parte dos pais, para resolução de conflitos, aprendem e colocam em prática essas estratégias no seu dia-a-dia e foram encontrados dois estudos neste contexto (Bucx & Seiffge-Krenke, 2010; Van-Doorn et al., 2011). Quando existe um ambiente familiar de negociação positiva, baseada em apoio e empatia, tanto no casal como em relação com os filhos, estes mostram-se mais competentes para a resolução de problemas com os pares (Feldman, Masalha & Derdikman-Eiron, 2010). Portanto é de extrema importância existir um ambiente familiar carregado de estratégias positivas para que as crianças possam aprender competências positivas que as ajude no seu desenvolvimento e crescimento. Ganham formas eficazes de enfrentar e ultrapassar problemas de forma construtiva (Hameister, Barbosa & Wagner, 2015).

Exposição a elevados níveis de conflito conjugal e, conseqüentemente, a um mau ajustamento entre ambos, está associado a várias dificuldades de crianças e adolescentes. nomeadamente comportamentos externalizados e internalizados, desajuste social e déficits cognitivos (Bolsoni-Silva et al., 2016; Pendry & Adam, 2013). Comportamentos externalizados e internalizados são os termos utilizados aos problemas de comportamento que podem surgir na infância. Estes estão relacionados, por exemplo, com a agressividade, raiva, frustração e desobediência (externalizados) e relacionados com o isolamento, ansiedade e depressão (internalizados), na escola e em casa (Achenbach & Rescorla, 2001; Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2019; Pereira, Zanatta, Pereira & Grzybowski, 2020; Musick & Meier, 2010; Lee, Beaugard & Bax, 2005; Waller et al., 2015). Estes problemas de comportamento podem prejudicar a criança a vários níveis. Podem dificultar o acesso das mesmas a novas contingências que poderiam auxiliar na aquisição de reportórios pertinentes para a sua aprendizagem e convívio social. A literatura aponta que as habilidades sociais e os problemas de comportamento são diretamente proporcionais, e que este reportório de habilidades pode favorecer o ajustamento da criança, a resolução de problemas e diminuição de problemas de comportamento (Barreto, Freitas & Del Prette, 2011; Berry & O'Connor, 2010; Kettler, Elliott, Davies & Griffi, 2011; Pereira, Zanatta, Pereira & Grzybowski, 2020; Pizato, Marturano & Fontaine, 2014; Rosales-Ruiz & Baer, 1997).

Os aumentos dos comportamentos disruptivos da criança estão associados ao uso da agressividade entre o casal. Os problemas de ajustamento das crianças (manifestação de comportamentos inter e externalizados) e os conflitos conjugais, com exposição a longo tempo, estão relacionados com a hostilidade entre os cônjuges, o stress familiar, com um maior controle psicológico e uma menor compreensão empática (Atkinson, Dadds, Chipuer & Dawe, 2009; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2019; Hameister, Barbosa & Wagner, 2015; Silva & Weber, 2018). Estes problemas manifestados pelas crianças podem estar relacionados não só com os pais, mas também podem ser mediados ou moderados por características individuais dos mesmos. Insegurança emocional e sentimento de culpa são exemplos de sentimentos que podem surgir da situação conflituosa (Kouros, Merrilees & Cummings, 2008; Masud, Thurasamy & Ahmad, 2015).

Segundo um estudo realizado, quanto maior for a exposição das crianças a um menor AC, este vai afetar as práticas parentais, acabando por afetar todos os restantes aspetos. Estilos pouco seguros nos filhos estão relacionados com níveis baixos de responsividade dos pais e, conseqüentemente, maiores níveis de estilos parentais autoritário e permissivo (Milings et al., 2013). Quando se trata de famílias reconstituídas ou divorciadas, a criança que está neste ambiente e que possa estar exposta ao conflito em mais do que um núcleo familiar, o risco de originar problemas externalizados é particularmente mais elevado. Posto isto pode-se concluir que quanto maior for a exposição ao conflito, mais elevada será a probabilidade de a criança ficar com problemas de ajustamento (Cummings et al., 2004; Dunn, O'Connor & Cheng, 2005).

Na dinâmica sistémica do *spillover*, este acontecimento pode ocorrer de forma contrária, ou seja, as crianças interferirem no casamento. Os filhos podem interferir na conjugalidade positiva ou negativamente, diminuindo ou aumentando a qualidade conjugal em determinadas fases do ciclo vital familiar (Cui & Donnellan, 2009). Existe, portanto, uma relação de influência mútua entre a conjugalidade e a parentalidade (Hameister, Barbosa & Wagner, 2015).

O papel dos pais no desenvolvimento e ajustamento das crianças é imprescindível nas várias transições e evoluções do ciclo da vida familiar. Alguns estudos relatam que a transição entre escolas (por exemplo pré-escolar para 1º ciclo) pode causar ansiedade e insegurança nas crianças, principalmente se a escola anterior for diferente da escola pós-transição. A criança quando está familiarizada com o grupo de pares e professores, as mudanças podem causar dificuldades de adaptação. O papel dos pais e dos professores da escola anterior nesta fase é o de prevenir a ansiedade de transição, com conversas sobre

as mudanças, visitas para se habituarem e estender as redes de apoio (Cassoni, Marturano, Fontaine, & Leme, 2020; Neal et al., 2016).

1.4.1. Transição do pré-escolar para o 1º ciclo de estudos

As crianças, quando entram no jardim de infância vai inserir-se num grupo com especificidades próprias onde partilha regras, espaços e tempos comuns. A criança inicia o seu processo de socialização na família e é na educação pré-escolar que esta a vai estender quando interage com outros adultos e crianças, sendo enriquecedor uma vez que contacta com valores diferentes do que interiorizou no seu seio familiar (Ministério de Educação, 2016; Post & Hohmann, 2011).

A fase de transição para o 1º ciclo de estudos é uma mudança inerente à vida de todas as crianças e famílias. Quando se fala de mudança, fala-se de oportunidades de aprendizagem e evolução, uma vez que constituem um processo que coloca desafios e dificuldades.

A criança, no pré-escolar constrói o seu conhecimento através do brincar, de forma lúdica e utiliza as suas próprias estratégias e materiais para a sua educação com base na segurança e conforto. Quando a criança entra para o 1º ciclo, o brincar não está tão presente, enfrentando assim exigências e adaptações a um novo ambiente mais exigente, começando a adquirir novas competências intelectuais.

O fase pré-escolar é considerada a primeira etapa da educação básica da criança, considerando assim o 1º ciclo de estudos a segunda etapa. Esta primeira etapa, em Portugal, ainda não é de carácter obrigatório e, desta forma, estas crianças quando transitam para o 1º ciclo podem sentir esta mudança com maior impacto uma vez que será o primeiro contato com o mundo escolar. No entanto, de qualquer das formas existirá sempre uma transição escolar por se considerar uma mudança relevante para a mesma. Esta mudança é um momento muito importante na vida destas crianças em que a própria pode desejar ou não com algum entusiasmo e ansiedade (Formosinho, Monge & Oliveira-Formosinho, 2016; Ministério da saúde, 2016).

As transições entre escolas e entre ciclos escolares provocam eventos de *stress* normativo, uma vez que todas as crianças irão experienciá-las ao longo do seu percurso. Este acontecimento envolve mudança de escola, de grupo de pares, de professores, de localidade (por vezes) e ainda de regras e exigências escolares obrigatórias. A simultaneidade de mudanças que decorrem da transição é que constitui um fator de risco para a criança e não só a transição em si (Cleto & Costa, 2000; Schlossberg, 1981; Seiffge-Krenke, 1995).

A mudança de um meio educativo para outro exige sempre uma adaptação nos subsistemas conjugais, parentais e da criança. Uma boa adaptação é fundamental para o seu bem-estar no presente e no futuro. Quando existem transições bem-sucedidas, estas crianças têm maior autoconfiança e um melhor ajustamento e aprendizagem. Quando ocorre o inverso, podem originar problemas comportamentais, emocionais, afetivos e sociais que se podem prolongar até à fase adulta. A criança e os pais têm de encarar esta transição como positiva e como algo natural no ciclo de vida de cada um, que dá oportunidade de crescer e evoluir (Marchão, 2012; Niza, 2002; Vasconcelos, 2009).

A participação e a presença fiel dos pais nesta fase é de extrema importância, apesar de acarretar várias mudanças para os casais (novas rotinas; novas responsabilidades), estes estarem envolvidos neste processo é fundamental e essencial para os filhos. É através dos pais que as crianças desenvolvem os seus valores, atitudes e comportamentos que devem ser assumidos perante a sociedade. Estes valores adquiridos vão sendo consolidados ao longo do seu percurso escolar e social. Os pais encaram esta transição como algo natural, reconhecendo a mudança como o início de uma nova etapa nas suas vidas. As crianças necessitam de apoio por parte dos pais e que este se prolongue no decurso da escolaridade e não só nos momentos de transição, para que estas ganhem a sua autonomia e confiança. Os professores têm um papel determinante nesta transição, uma vez que podem facilitar o ajustamento da criança e dos pais a esta nova fase de vida, diminuindo os possíveis prejuízos que esta mudança possa causar (Petriwsky & Taylor, 2005; Silva & Melo, 2012).

A criação de novas rotinas é uma forma de adaptação eficaz a novas transições nos subsistemas conjugais e parentais. Desta forma, é importante que essas rotinas sejam criadas desde cedo para que se sintam todos mais seguros e confiantes de si. Adaptação social com os pares; com os professores; adaptação às novas rotinas diárias e às novas regras; sentimentos positivos face à escola e sobre ela própria; sentir confiança em si; gostar da escola; querer aprender; com o passar dos anos estas crianças tendem a mostrar menos problemas de ajustamento e comportamento visto eu evidenciam melhores comportamentos escolares, melhores competências sociais com os pares (Sahin, & Sak, 2013; Sim-Sim, 2010).

1.5. Definição do problema, Pertinência e Objetivos

Têm sido muitas as pesquisas relacionadas com a família e a parentalidade durante o séc. XX, mantendo a sua pertinência nas últimas décadas do séc. XXI. Os resultados indicam existir associações entre a qualidade da relação conjugal e a relação parental para

o desenvolvimento ajustado da criança (Mosmann, Wagner, & Sarriera, 2008; Mosmann, et al., 2018; Rocha, et al., 2015; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

A escola e a família são ambientes onde as crianças se desenvolvem e adquirem aprendizagens, e é por esse motivo que este ciclo possa ser vivido de forma mais ou menos adaptativa, sendo importante estudar as relações entre cada contexto para se perceber os seus possíveis conflitos e/ou vantagens (Dessen & Braz, 2000). A família tem uma influência grande na criança em fase pré-escolar e escolar que poderá causar um melhor ou pior ajustamento da mesma e uma melhor adaptação dos pais nas diferentes fases do ciclo de vida familiar (Fantuzzo, Tighe & Childs, 2000; Mosmann, et al., 2018).

A educação de um filho(a) é um papel de extrema responsabilidade para os pais, podendo acarretar várias dificuldades e desafios. No sentido de melhor compreender o casal e os EP's adotados pelos pais e as suas possíveis consequências, vários são os estudos e autores que têm contribuindo para estas associações. No entanto, em Portugal existem alguns estudos que abarcam esta temática focando-se muito no período da adolescência e não tanto na 2ª e 3ª infância (Mosmann, Wagner, & Sarriera, 2008; Mosmann, et al., 2018; Rocha, et al., 2015; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

As crianças, quando entram no jardim de infância e transitam para o 1º ciclo, vão inserir-se num grupo com especificidades próprias onde partilham regras, espaços e tempos comuns. A criança inicia o seu processo de socialização na família e é na educação escolar que vai interagir com outros adultos e crianças, sendo enriquecedor uma vez que contacta com valores diferentes do que interiorizou no seu seio familiar. Vai criar e estabelecer relações com os pares, acarretando assim novas exigências de pertença ao grupo (Castro & Rangel, 2002; Ministério de Educação, 1997).

A fase de transição para o 1º ciclo de estudos é uma mudança inerente à vida de todas as crianças e famílias. Quando se fala de mudança, fala-se de oportunidades de aprendizagem e evolução, uma vez que constituem um processo que coloca desafios e dificuldades. É de grande importância promover uma transição para o 1º ciclo de estudos de forma positiva e desta forma é necessário investigar em Portugal esta fase da vida que envolve tanto as crianças como os pais e assim perceber o seu impacto (Dockett & Perry, 2009; O'Kayses & Hayes, 2006; Zhang, et al., 2008).

Há que ter em conta que muitas crianças podem frequentar ou não o ensino pré-escolar aquando a entrada no 1º ciclo de estudos. No entanto, de qualquer das formas existirá sempre uma transição escolar por se considerar uma mudança relevante para a mesma. Esta mudança é um momento muito importante na vida destas crianças em que a

própria pode desejar ou não com algum entusiasmo e ansiedade. É também uma grande mudança e adaptação para os pais que enfrentam novas exigências e responsabilidades, alterando e adequando o seu papel parental para que a criança vivencie a escola com prazer. A educação pré-escolar em Portugal ainda não é de carácter obrigatório e, desta forma, estas crianças quando transitam para o 1º ciclo podem sentir esta mudança com maior impacto uma vez que será o primeiro contato com o mundo escolar. Para que esta transição seja bem-sucedida, vai depender mais do que a própria criança, sendo importante envolver outros contextos como a escola, a família, a etnia, cultura e linguagem. A literatura foca muito a criança e não os restantes que tanto ou mais são importantes, daí haver necessidade de se estudar e focar o papel da família nesta fase fundamental (Dockett & Perry, 2002; 2003; Yeboah, 2002).

Desta forma, por ser de grande importância estudar e compreender as inter-relações entre a transição e contexto escolar e familiar, (Dessen & Braz, 2000) e perceber associações entre a qualidade do AC e a relação parental para o desenvolvimento infantil, considerámos pertinente investigar quais as alterações no ciclo de vida familiar de pais com crianças do pré-escolar ao 1º ciclo de estudos. Deste modo podemos verificar se os resultados corroboram com os resultados de estudos anteriores e contribuir para a literatura portuguesa e para os estudos a nível da parentalidade. O facto de estudarmos um grupo comunitário não clínico, permite-nos compreender o ajustamento regular nesta fase. Estes conhecimentos podem ajudar e preparar pais e crianças para esta transição. É igualmente importante compreendermos a relação entre as variáveis e, de futuro, poder desencadear soluções e ferramentas de apoio para criar bases de intervenções futuras, quer a nível do AC e dos EP's, quer no bem-estar da criança.

De acordo com a revisão de literatura, este estudo pretende responder à seguinte questão de investigação:

Qual o impacto do Ajustamento Conjugal e dos Estilos de Autoridade Parental no Ajustamento da Criança, na percepção dos pais com filhos de diferentes idades, da idade pré-escolar ao 1º ciclo de estudos?

De forma geral, este estudo tem como objetivo testar as diferenças entre a variável ajustamento conjugal, estilos de autoridade parental e ajustamento da criança, na percepção dos pais, com crianças de diferentes grupos etários, do pré-escolar, 5 anos, ao final do 1º ciclo, com 10 anos.

De acordo com o objetivo geral, pretendemos alcançar os seguintes objetivos específicos, de forma a responder à questão de investigação:

1. Averiguar as associações entre a variável ajustamento conjugal, estilos de autoridade parental e ajustamento da criança;
2. Averiguar as diferenças existentes no ajustamento conjugal, no estilo de autoridade parental e ajustamento da criança segundo os diferentes grupos etários das crianças (5 aos 10 anos);
3. Testar o modelo de moderação e averiguar a sua adequação com diferentes variáveis familiares.

II PARTE - METODOLOGIA

2.1. Delineamento do Estudo

O presente estudo enquadra-se num projeto de investigação mais amplo do Centro de Investigação em Psicologia (CIP) intitulado Funcionamento Familiar, Coparentalidade e Ajustamento da Criança: Estudo comparativo intercultural. Desta forma, o estudo que pretendemos realizar é quantitativo ou nomotético, sequencial, com dados recolhidos por inquérito. É também um estudo observacional comparativo, por não manipularmos nenhuma variável. Pretendemos estudar o mesmo fenómeno ou característica da mesma forma, em grupos o mais homogéneos possível, pertencendo a grupos etários diferentes (pré-escolar e 1º ciclo de estudos). O paradigma utilizado é o pós-positivista por acreditarmos que o conhecimento humano não é sustentado no incontestável, mas sim em hipóteses. Procuramos explicar a causa dos factos através da verificação empírica, baseando-nos na ideia de que toda a realidade pode ser mensurável e exige um olhar crítico perante os dados da investigação (Coutinho, 2014; Marques & Melo, 2017).

A recolha dos dados foi realizada através de um questionário sociodemográfico e três questionários de autorrelato. Estes instrumentos vão-nos possibilitar recolher opiniões e avaliações objetivas de forma prática, eficiente e rápida, garantindo um número satisfatório de dados, certificando sempre o anonimato dos indivíduos, assim como o seu bem-estar, por poderem responder à vontade e ao seu tempo, sem influências externas. De seguida, na figura 1, expomos o modelo de moderação que tencionamos testar e verificar no grupo de participantes que obtivemos.

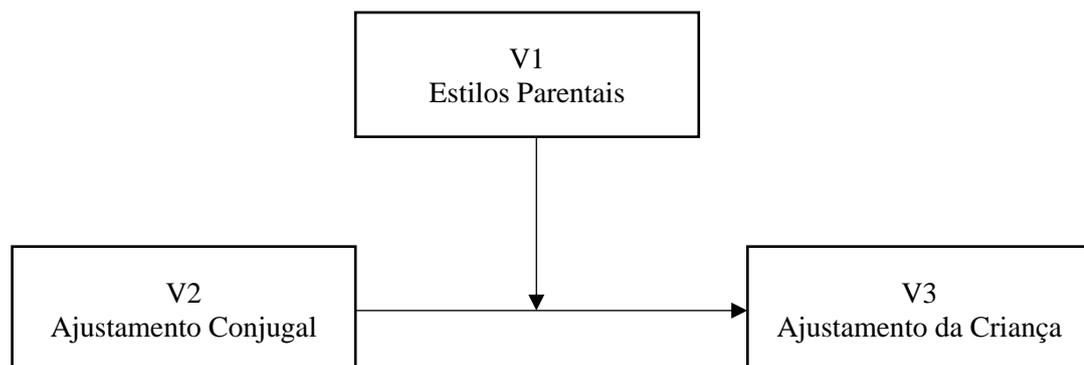


Figura 1. Modelo de moderação em Estudo. Variáveis: V1 – EP's, V2 - AC e V3 - Ajustamento da Criança.

2.1.1. Operacionalização das variáveis e Hipóteses

Tabela 1.

Operacionalização das variáveis em estudo.

Variáveis	Medida	Tipo de medida	Nº de itens
Ajustamento conjugal	DAS – Escala de ajustamento diádico (Spanier, 1976; Versão portuguesa: Gomez & Leal, 2008)	Intervalar tipo Likert (as escalas ímpares – ex. 3, 5 ou 7, são Likert; as pares – ex. 4 ou 6, são tipo Likert).	32
Estilos de autoridade parental	PAQ-P – Questionário de Estilos Parentais – Pais (Pires, 2011; adaptação do PAQ – Parental Authority Questionnaire de Buri, 1991)	Intervalar Escala de Likert - Escala de 5 pontos (1 = “Discordo totalmente”, 5= “Concordo totalmente”)	30
Ajustamento da criança	SDQ – Questionário de Capacidades e Dificuldades (Goodman, 2005; versão portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca & Gaspar, 2005)	Intervalar; Escala de Likert de 3 pontos (“Não é verdade”, “É um pouco verdade” e “É muito verdade”)	25
Idade e género	Questionário sociodemográfico	Rácio, ordinal, politómica e dicotómica	12

Nota: Fonte: Elaboração própria.

Com o intuito de responder ao problema de investigação, tendo em conta os objetivos descritos e todo o delineamento do estudo proposto, levantamos as seguintes hipóteses de estudo:

H1. O AC no subgrupo dos pais e mães correlaciona-se com os EP’s;

H2. O AC no subgrupo das mães e pais correlaciona-se negativamente com os problemas internalizados da criança do sexo masculino e feminino;

H3. O AC no subgrupo das mães e pais correlaciona-se negativamente com os problemas externalizados da criança do sexo masculino e feminino;

H4. O EP autoritário correlaciona-se positivamente com os problemas externalizados e internalizados da criança do sexo masculino e feminino;

H5. O EP permissivo correlaciona-se positivamente com os problemas externalizados e internalizados da criança do sexo masculino e feminino;

H6. O EP autoritativo correlaciona-se negativamente com os problemas externalizados e internalizados da criança do sexo masculino e feminino;

H7. Mães e pais apresentam diferentes EP's;

H8. Existem diferenças no Ajustamento da criança nos diferentes ciclos escolares;

H9. Existem diferenças nos EP's na transição do pré-escolar ao 1º ciclo;

H10. Os EP's moderam a relação entre o AC e os problemas externalizados da criança;

H11. Os EP's moderam a relação entre o AC e os problemas internalizados da criança;

2.2. Participantes

O grupo de participantes foi selecionado de forma intencional e seletiva, não probabilística, na região de Lisboa, num estabelecimento de ensino de grande dimensão. Considerámos como critérios de inclusão pais casados ou em união de facto, heterossexuais, com um ou mais filhos com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos, e como critério de exclusão, pais com crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Após as devidas autorizações da comissão ética e das respetivas entidades envolvidas, os dados foram recolhidos, voluntariamente mediante consentimentos informados por parte dos pais, seguindo as normas éticas da Declaração de Helsínquia (WHO, 2004) e do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD) (Lei nº 58/2019 de 8 de agosto).

O grupo de participantes é constituído por 201 pais, 103 mães (51.2%) e 98 pais (48.8%), casados (60.2%) e em união de facto (39.8%), maioritariamente de nacionalidade portuguesa (86.1%) com o ensino secundário (51.7%) e com idades compreendidas entre os 22 e os 59 anos ($M = 39.74$; $DP = 6.68$). A maioria dos inquiridos são casais (91.5%) que responderam ambos aos questionários, individualmente. A maioria dos pais (92%) indicou que não existe ou existiu algum acontecimento familiar que pudesse alterar o funcionamento familiar.

Tabela 2.
Caraterísticas Sociodemográficas da amostra Geral e dos subgrupos de Pais e Mães (N = 201).

	<i>n</i>	%
Género		
Feminino	103	51.2
Masculino	98	48.8
Nacionalidade		
Portugal	173	86.1
Outra (Brasil, Angola e Cabo Verde)	28	14.0
Estado civil		
Casado	121	60.2
União de facto	80	39.8
Escolaridade		
2º ciclo	5	2,4
3º ciclo	42	20,8
Secundário	104	51,7
Bacharelato	8	3,9
Licenciatura	36	17,9
Mestrado	6	2,9
Par associado		
Sim	184	9.5
Não	17	8.5

No que diz respeito aos filhos dos participantes, a maioria é do sexo feminino (58.7%), com 9 anos de idade ($M = 7.72$; $DP = 1.51$). Na amostra predominam crianças que frequentam o 4º ano de escolaridade (32.8%). Pais com dois filhos representam quase metade da amostra (49.3%).

Tabela 3.
Caraterísticas Sociodemográficas dos filhos (N = 201).

	<i>n</i>	<i>%</i>
Género		
Feminino	118	58.7
Masculino	83	41.3
Escolaridade		
Jardim de infância	28	13.9
1º ano	25	12.4
2º ano	34	16.9
3º ano	48	23.9
4º ano	66	32.8
Nº de irmãos		
Não tem	37	18.2
1 irmão	100	49.3
2 irmãos	40	19.7
≥ 3 irmãos	24	11.8

2.3. Instrumentos

Tendo em conta os objetivos da investigação e a revisão de literatura, utilizámos o Questionário Sociodemográfico para obtermos informações pertinentes acerca da caracterização do grupo de participantes e as versões portuguesas de instrumentos utilizados em estudos anteriores, permitindo a operacionalização das variáveis: Dyadic Adjustment Scale (DAS) que avalia o AC; o Questionário de Estilos Parentais para - Pais (PAQ-P) para avaliar os EP's e o The Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) que avalia o nível de Ajustamento da Criança através de sintomas emocionais e comportamentais. Todos os instrumentos referidos são de autorrelato e respondidos manualmente por cada participante. Estão ambos validados para a população portuguesa, tendo sido verificados quanto à sua consistência interna e adequação à amostra pretendida.

2.3.1. Questionário sociodemográfico

Com base na revisão de literatura, elaborámos um questionário sociodemográfico com o intuito de caracterizar de forma anónima, a nossa amostra. Está dividido em três partes e é constituído por 14 perguntas: 1) caraterísticas sociodemográficas dos pais, (nacionalidade, escolaridade, estado civil); 2) caraterísticas das crianças (idade, sexo, escolaridade, número de irmãos); 3) situação familiar como a ocorrência de algum acontecimento que pudesse alterar a vida familiar).

2.3.2. *Dyadic Adjustment Scale (DAS)*

Escala de heterorrelato, desenvolvida por Spanier em 1976, é utilizado para avaliar a satisfação ajustamento relacional conjugal. Encontra-se traduzida em diversas línguas, sendo utilizada largamente em estudos acerca do relacionamento conjugal desde a sua criação.

É constituída por 32 itens em que 30 são cotados numa escala tipo likert de 6 pontos, de Likert de 5 a 7 pontos, variando entre “sempre em desacordo” a “sempre em acordo” ou desde “sempre” a “nunca”, e dois itens de resposta dicotômica “sim” e “não”.

Os 32 itens estão divididos em quatro subescalas: 1) Consenso diádico, 13 itens - “finanças familiares; Aspectos ligados a divertimento; 2) Satisfação diádica, 10 itens - “Confia no seu(sua) companheiro(a)”; 3) Coesão diádica, 5 itens - “Trabalharem juntos num projeto”; e, 4) Expressão de afeto, 4 itens - “Demonstração de afeto”, com níveis satisfatórios de consistência interna (*alphas* de Cronbach de .90, .94, .86, .73, respetivamente, e .96 para a escala global). A versão portuguesa, validada por Gomez e Leal (2008), apresenta valores de consistência interna um pouco mais baixos, mas aceitáveis (*alpha* de Cronbach de .89 para a escala global, variando entre .66 e .85 para as quatro subescalas), descritos na tabela 4. Quanto à fidelidade, esta versão apresenta características psicométricas semelhantes às da versão original (Gomez & Leal, 2008; Spanier, 1976).

Abordando cada subescala com maior detalhe, no consenso diádico vamos compreender a perceção individual do casal relativamente a aspetos da relação. Verifica-se também o nível de concordância entre o casal relacionado com situações básicas como as financeiras, de lazer, religiosas, relação entre pares, filosofia de vida, de convencionalidades, de relação com familiares, metas e objetivos, cooperação nas tarefas domésticas e tomadas de decisão. A satisfação diádica diz respeito ao bem-estar do relacionamento, a perceção de cada um sobre a possibilidade de separação/divórcio é examinada, a possibilidade de sair de casa, do arrependimento, implicância mútua, da confiança, expressão de carinho e afeto, da felicidade e do compromisso com a relação. A coesão diádica examina aspetos de interação e partilha emocional do casal, assim como a perceção que cada um tem do outro. Por fim, a subescala de expressão de afeto mede a perceção da concordância do cônjuge sobre a presença/procura e ausência/recusa de demonstrações de afeto e relações sexuais (Gomez & Leal, 2008; Hernandez, 2008; Spanier, 1976).

Na escala portuguesa, dos itens 1 ao 15 existem 6 opções de resposta (Sempre de acordo, Quase sempre de acordo, Ocasionalmente em desacordo, Frequentemente em desacordo, Quase sempre em desacordo, Sempre em desacordo), com cotação de 0 a 5 pontos. De seguida, do item 16 ao 22, existem igualmente 6 opções de resposta (Sempre, Quase sempre, Frequentemente, Ocasionalmente, Raramente, Nunca), com cotação de 1 a 6 pontos. Os itens 23 e 24 têm 5 opções de resposta (Todos os dias, Quase todos os dias, Às vezes, Raramente, Nunca), com cotação de 1 a 5 pontos. Seguidamente, do item 25 ao 28, contêm 6 opções de resposta (Nunca, Menos do que uma vez por mês, Uma ou duas vezes por mês, Uma ou duas vezes por semana, uma vez por dia, frequentemente), cotados de 1 a 6 pontos. Os itens 29 e 30 têm simples respostas de Sim ou Não, cotados com 0 e 1, respetivamente. Imediatamente a seguir, o item 31 corresponde a uma régua de avaliação, onde o indivíduo tem de escolher uma opção de resposta (Extremamente infeliz, Muito infeliz, Infeliz, Feliz, Muito feliz, Extremamente feliz, Perfeita) que mais se adequa à sua relação conjugal, com cotação de 0 a 6 pontos. Por fim, no item 32 há 6 opções de resposta, em que o indivíduo tem de selecionar uma das frases apresentadas que melhor descreve o que cada um sente sobre o futuro da relação conjugal, sendo cotado de 1 a 6 pontos (Gomez & Leal, 2008; Hernandez, 2008). O resultado total é obtido pela soma dos valores das quatro subescalas: Consenso diádico (0 a 65), Satisfação diádica (0 a 50), Coesão diádica (0 a 24) e Expressão de afeto (0 a 12) num máximo de 151 pontos. Em todas as versões deste instrumento, indivíduos com pontuação inferior a 102 pontos são vistos como desajustados ou em sofrimento no seu relacionamento, e são considerados ajustados quando estes obtêm 102 ou mais pontos (Spanier, 1976).

2.3.3. Parental Authority Questionnaire para pais (PAQ-P)

Adaptado por Pires (2011) do *Parental Authority Questionnaire* (PAQ) (Buri, 1991). Este instrumento muito utilizado em investigações anteriores sobre o modelo tripartido de estilos parentais em diversos países. O PAQ-P permite avaliar a forma como os pais se percebem na sua forma de educar os filhos, podendo ser crianças e/ou adolescentes. É constituído por 30 itens, 10 para cada EP (respondidos numa escala de Likert de 5 pontos (1 – discordo totalmente, 5 – concordo totalmente) (Pires, 2011).

Os itens 2, 3, 7, 9, 12, 16, 18, 25, 26 e 29 dizem respeito ao EP autoritário (“Obrigado os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.”), muito caracterizados pela sua exigência, são bastante diretivos e pouco sensíveis e responsivos às necessidades dos filhos. Desencorajam o diálogo com os filhos e encorajam a obediência que para estes é essencial. Recorrem à punição como forma de

disciplina com o intuito de controlar comportamentos indesejados que os filhos possam ter. Dão prioridade à restrição e ao controlo (Buri, 1991; Pires, 2011).

Os itens 1, 6, 10, 13, 14, 17, 19, 21, 24 e 28 estão relacionados com o EP permissivo (“Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.”), em que pais com este EP têm uma maior sensibilidade às necessidades dos filhos, embora tenham pouco controlo quanto ao comportamento dos mesmos, deixando até para segundo plano a repreensão saudável dos comportamentos dos filhos (Buri, 1991; Pires, 2011).

Os restantes itens (4, 5, 8, 11, 15, 20, 22, 23, 27 e 30) correspondem ao EP autoritativos (“Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.”), moderado em monitorização/exigência e responsividade. Estes definem regras claras e bem definidas, controlam de forma adequada e saudável o comportamento dos filhos (Buri, 1991; Pires, 2011).

Com os resultados obtidos vamos perceber o EP adotado pelas díades mãe-pai ou mãe-filho(a) pai-filho(a) no que diz respeito ao relacionamento com os seus filhos (Pires, 2011). Os resultados de cada subescala são obtidos pelo somatório das pontuações dos itens da escala, variando entre 10 - 50 pontos. O EP prevalente ou dominante corresponde ao EP com a pontuação mais elevada ou $2DP > M$ (Pires, 2011; Pires & Paz, 2016).

O PAQ-P foi validado e adaptado para a população portuguesa por Pires em 2011 e apresenta uma estrutura igual ao PAQ versão adolescentes. Revelou níveis satisfatórios de validade e fidelidade (*split half*) com valores de *alpha* de Cronbach aceitáveis para os três EP's: Autoritativo ($\alpha = .83$), Autoritário ($\alpha = .77$) e Permissivo ($\alpha = .75$), expostos na tabela 4 (Pires, 2011; Pires, Hipólito & Jesus, 2010 e 2011).

2.3.4. *The Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ)*

Tem como objetivo avaliar a perceção parental sobre o comportamento e o desenvolvimento socio emocional dos filhos, tendo em conta os comportamentos sociais adequados (designados por capacidades) e, os comportamentos sociais não adequados (representados como dificuldades).

Tem formulários para crianças dos 11 aos 17 anos de idade, mas também para professores e pais de crianças dos 2 aos 17 anos. Eventualmente ambos os formulários poderiam ser usados em jovens até aos 19 anos se estes ainda viverem com os seus pais. Pode ainda ser aplicado a crianças, a cuidadores e a professores, consoante a versão, não diferindo entre si, variando apenas o grau da pessoa a que se dirige. Apresenta uma elevada validade e fidelidade na avaliação dos problemas de ajustamento das crianças e

adolescentes (Fleitlich, Loureiro, Fonseca & Gaspar, 2005; Goodman, 2001; Maurice-Stam, Haverman, Splinter, Van Oers, Schepers & Grootenheis, 2018).

É constituído por 25 itens organizados em cinco subescalas (comportamento pró-social, hiperatividade, problemas emocionais, de conduta e de relacionamento). As categorias de resposta estão organizadas numa escala de Likert (não é verdade, é um pouco verdade, é muito verdade), que varia entre 0, 1 ou 2. Dos 25 itens, 5 itens estão relacionados com as capacidades e 20 com as dificuldades. A pontuação total das dificuldades pode ser calculada através do somatório das subescalas de hiperatividade (“É irrequieto(a), muito mexido(a), nunca para quieto(a)”), problemas/sintomas emocionais (“Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos”), problemas de conduta (“Enerva-se muito facilmente com as outras crianças – guloseimas, brinquedos, lápis, etc.”) e problemas de relacionamento com os colegas (“Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho”), que pode variar de 0 a 40. Na versão portuguesa, a pontuação deve ser marcada de 0 a 2 pontos para a opção “Não é verdade”, 1 ponto para a opção “É um pouco verdade” e 0 ou 2 pontos para a opção “É muito verdade”. A pontuação total para os problemas internalizados faz-se através do somatório das subescalas de problemas emocionais e de relacionamento que variam entre 0 e 20. Já os problemas externalizados é através do somatório das subescalas de problemas de conduta e de hiperatividade que varia também entre 0 e 20. No que diz respeito aos resultados, a partir dos somatórios podemos interpretar os resultados como normais, limítrofes e anormais ou clínicas, nas versões existentes (Goodman, 1997; Maurice-Stam, Haverman, Splinter, Van Oers, Schepers & Grootenheis, 2018; Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo, Homem, Leitão, Pimentel & Major, 2013).

Os instrumentos estão disponíveis num site próprio, encontrando-se validados para diversos países. Existem mais duas versões do instrumento, uma delas de suplemento de impacto, utilizado, quando necessário, para se clarificar certos diagnósticos. A outra versão é a de acompanhamento, esta para profissionais dedicados a crianças e adolescentes (Abreu-Lima, et al., 2010; Goodman, 1997).

Este questionário foi desenvolvido por Goodman em 1997 e validado para a população portuguesa por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar em 2005. Não foram publicadas as normas existentes para as versões de pais e professores, apenas os valores gerais de *alpha* de Cronbach assegurando uma boa consistência interna, com valores próximos e superiores a .60 em todas as suas dimensões, apresentados na tabela 4 (Abreu-Lima, et al., 2010; Goodman, 1997; Fleitlich et al., 2000; Fleitlich et al., 2005). Para o

nosso estudo utilizámos o valor composto das subescalas em problemas internalizados e externalizados, comumente utilizados na literatura, ultrapassando assim os valores mais baixos encontrados para cada subescala individualmente. Os valores compósitos, ainda que limítrofes, podem ser considerados aceitáveis (Marôco, 2018).

Tabela 4.

Valores de Consistência Interna, Alpha de Cronbach (α) das Medidas.

	Original		Portugal		Presente Estudo	
	M	P	M	P	M	P
DAS	(Spanier, 1976)		(Gomez & Leal, 2008)			
Consenso	.90		.85		.92	.94
Satisfação	.94		.83		.86	.83
Coesão	.86		.72		.78	.78
Afeto	.73		.65		.81	.86
PAP-P	(Buri, 1991)		(Pires, 2011)			
Autoritário	.85	.87	.47	.61	.82	.86
Autoritativo	.75	.74	.69	.61	.64	.78
Permissivo	.82	.85	.69	.61	.77	.84
SDQ	(Goodman, 1997)		(Abreu et al., 2010)			
Sintomas Emocionais			.65		.72	
Problemas de comportamento			.59		.46	
Hiperatividade			.60		.69	
Problemas com os colegas			.59		.35	
Comportamento pró-social			.68		.64	
Problemas Externalizados					.74	.71
Problemas Internalizados					.68	.68

Nota: Fonte: Elaboração própria.

2.4. Procedimentos

Todos os procedimentos de recolha e arquivo de dados foram sujeitos a análise e aprovação pelo Gabinete de Proteção de Dados da Universidade e da Comissão de ética do CIP-UAL, Centro de Investigação em Psicologia. Segue as diretivas éticas e deontológicas para a realização da investigação com participantes humanos (Declaração de Helsínquia) sendo informados e garantidos as normas do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD), nomeadamente a participação voluntária, o anonimato, a proteção de dados pessoais, sendo os mesmos eliminados cinco anos após a sua recolha.

De forma a tornar possível a nossa recolha de dados em âmbito escolar, procedemos ao pedido de autorização do estudo e respetiva submissão de instrumentos, à Direção Geral de Educação (DGE), obtendo parecer positivo à sua realização em instituições escolares tuteladas por este organismo público. Foram igualmente

elaborados, a apresentação do estudo e pedido de autorização ao Agrupamento de Escolas para recolha de dados. Sendo autorizado, foram entregues aos pais envelopes com o consentimento informado e os diferentes instrumentos de recolha de dados, onde está explícito a finalidade do estudo e onde são garantidos os deveres de confidencialidade, a possibilidade de recusa ou desistência do estudo sem qualquer tipo de prejuízo. Os pais foram informados que os dados serão acessíveis apenas aos investigadores do estudo e que os mesmos serão destruídos passados cinco anos, estando os mesmos disponíveis para o esclarecimento de dúvidas. Os instrumentos preenchidos foram devolvidos em envelope fechado no prazo de 15 dias e, posteriormente numerados e codificados.

2.4.1. Procedimentos de Análise de Dados.

Após a limpeza e verificação de dados em falta, e não havendo necessidade de recurso às técnicas de imputação e dados, procedemos à caracterização dos dados do grupo de participantes e da estatística descritiva e inferencial das variáveis em estudo. Avaliámos a adequação dos instrumentos ao grupo amostral mediante o cálculo do *alpha* de Cronbach (α) para cada subescala, ou cálculos compósitos. O α de Cronbach fornece uma subestimativa da verdadeira fiabilidade da medida utilizada, permitindo verificar se esta é consistente e fiável. De um modo geral, quando um instrumento apresenta α de pelo menos .70, este é considerado como tendo fiabilidade apropriada (Marôco, 2003; 2018; Nunnally, 1994). No entanto, também é aceitável um α de .60 desde que o instrumento seja interpretado com precaução e tenham em consideração o contexto de computação do índice (DeVellis, 1991; Marôco, 2003; 2018). Verificámos a normalidade e homogeneidade de cada variável, recorrendo ao teste de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro Wilk. Tendo em conta o tamanho da amostra no geral e dos resultados analisados, utilizámos os testes paramétricos sempre que os pressupostos eram cumpridos, quando estes pressupostos não se verificaram, optámos pelos não paramétricos, recorrendo ao teste de Wilcoxon-Mann-Whitney ou Kruskal-Wallis (Marôco, 2003; 2018).

Para o teste das hipóteses em estudo, recorreremos às correlações de Pearson para verificar a correlação entre variáveis, testes *t* de Student para amostras independentes e ANOVA One-Way para a comparação de grupos, respeitando os pressupostos de distribuições normais de igual variância e amostras aleatórias e independentes.

As regressões lineares utilizadas permitem-nos prever a variável dependente, respeitando os pressupostos de análise de resíduos e de multicolinearidade, reportando o erro através do teste Durbin-Watson. Posteriormente realizámos moderações seguindo os princípios de reamostragens *bootstrapping* que fornece o cálculo de significância dos

efeitos através do teste de teoria com distribuição normal (Hayes, 2013). Todos os dados foram analisados estatisticamente com recurso ao Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 24.0 para Windows (IBM, INc.). De forma a testar o modelo teórico em estudo, analisando o efeito das variáveis AC e EP, incluindo o efeito da interação entre ambas, no Ajustamento da Criança incluído, realizámos análises de moderação com recurso à Macro para SPSS, denominada de PROCESS (Hayes, 2018; Hayes & Matthes, 2009).

Para aceitarmos e rejeitarmos as hipóteses estatísticas, estabelecemos o nível de significância em $p < .05$, com intervalo de confiança de 95%, comumente utilizado nos estudos de psicologia.

III PARTE - RESULTADOS

É de extrema importância salientar que os resultados obtidos neste estudo foram sob a perspectiva dos pais, em relação a eles próprios, em relação à sua vida conjugal e ao seu filho(a).

Terminada a limpeza e verificação dos dados, analisámos os dados em falta e possíveis *outliers*, concluímos que todos os sujeitos do estudo responderam a todos os itens dos instrumentos, precedendo às restantes análises estatísticas.

3.1. Descritivas das variáveis

Na tabela 5 são representados os valores da estatística descritiva obtidas pelos sujeitos nas dimensões da escala de AC da amostra geral e dos subgrupos pais e mães. Podemos verificar que existe maior número de participantes quando o ajustamento é mais elevado na dimensão do Consenso, de seguida a dimensão de Satisfação e com valores mais baixos as dimensões de Coesão e Expressão de afeto.

Tabela 5.

Estatísticas Descritivas, valores mínimos, máximos, centrais e de dispersão da Medida de Ajustamento Conjugal (DAS).

	<i>min</i>	<i>máx</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Geral (<i>N</i> = 201)				
Consenso Diádico	2.00	65.00	52.51	8.99
Satisfação Diádica	22.00	50.00	45.07	5.57
Coesão Diádica	4.00	24.00	17.66	4.63
Expressão de Afeto	.00	12.00	9.66	2.51
Mães (<i>n</i> = 103)				
Consenso Diádico	13.00	65.00	52.88	8.18
Satisfação Diádica	26.00	50.00	44.96	5.58
Coesão Diádica	7.00	24.00	17.68	4.54
Expressão de Afeto	2.00	12.00	9.99	2.06
Pais (<i>n</i> = 98)				
Consenso Diádico	2.00	65.00	52.12	9.80
Satisfação Diádica	22.00	50.00	45.18	5.59
Coesão Diádica	4.00	24.00	17.63	4.75
Expressão de Afeto	.00	12.00	9.32	2.88

Na tabela 6 encontramos os valores da estatística descritiva obtida pelos participantes relativamente aos EP's da amostra geral e dos subgrupos mães e pais. Foi verificado um maior número de participantes, pais e mães, que se percebem como adotando maioritariamente o EP Autoritativo, de seguida o EP Autoritário e com menor número o EP permissivo.

Tabela 6.

Estatística Descritiva, valores mínimos, máximos, centrais e de dispersão da Medida de Estilos Parentais (PAQ-P).

Escala	<i>min</i>	<i>máx</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Geral (<i>N</i> = 201)				
Estilo Autoritário	16.00	50.00	31.26	7.00
Estilo Autoritativo	28.00	50.00	42.58	4.51
Estilo Permissivo	11.00	39.00	20.43	5.51
Mães (<i>n</i> = 103)				
Estilo Autoritário	17.00	46.00	31.01	6.79
Estilo Autoritativo	28.00	50.00	43.27	4.22
Estilo Permissivo	11.00	37.00	20.22	5.05
Pais (<i>n</i> = 98)				
Estilo Autoritário	16.00	50.00	31.52	7.23
Estilo Autoritativo	28.00	50.00	41.85	4.71
Estilo Permissivo	11.00	39.00	20.64	5.97

Na tabela 7 evidenciamos os valores da estatística descritiva obtida pelos sujeitos nas dimensões da escala de Ajustamento da Criança, da amostra geral e dos subgrupos mães e pais. Estão presentes os valores mínimos e máximos, as médias e desvios padrão, respetivamente. Foi verificado um maior número de problemas externalizados tanto na amostra geral como nos subgrupos de mães e pais.

Tabela 7.

Estatística Descritiva, valores mínimos, máximos, centrais e de dispersão da Medida de Ajustamento da Criança (SDQ).

Escala	<i>Min</i>	<i>máx</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Geral (<i>N</i> = 201)				
Problemas externalizados *	10.00	25.00	16.05	3.06
Problemas internalizados **	10.00	23.00	14.26	2.88
Comportamento Pró Social	10.00	15.00	13.98	1.34
Mães (<i>n</i> = 103)				
Problemas externalizados	10.00	25.00	16.09	3.07
Problemas internalizados	10.00	23.00	14.01	2.82
Comportamento Pró Social	10.00	15.00	13.95	1.37
Pais (<i>n</i> = 98)				
Problemas externalizados	10.00	23.00	16.02	3.06
Problemas internalizados	10.00	23.00	14.52	2.94
Comportamento Pró Social	10.00	15.00	14.01	1.31

Nota: * Dimensão obtida através do somatório das subescalas de problemas de conduta e de hiperatividade,
 ** Dimensão obtida através do somatório das subescalas de problemas emocionais e de relacionamento

3.2. Correlações entre as variáveis

Na tabela 8 podemos encontrar os coeficientes de correlação entre o ano de escolaridade do(a) filho(a) o ajustamento conjugal, os estilos parentais e o ajustamento da criança.

Existe apenas uma correlação significativa negativa, entre o ano de escolaridade do(a) filho(a) e os problemas externalizados ($r = -.151, p = .033$). Deste modo podemos perceber que com a passagem dos anos escolares, estas crianças demonstram menores problemas externalizados.

Tabela 8.

Correlações da variável sociodemográfica - Escolaridade dos filhos - com as variáveis AC, EP's e SDQ.

Escalas	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.
1. Ano escolaridade do filho		.018	.005	.037	.081	.030	-.050	.006	-.014	-.151*	.086

Nota. Correlação Pearson bicaudal * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$; dimensões do AC do número 2-6; EP's do 7-9; os números 10 e 11 correspondem aos problemas externalizados e internalizados da criança, respetivamente.

Na tabela 9 podemos apreciar os coeficientes de correlação entre o ajustamento conjugal, os estilos parentais e o ajustamento da criança. Na diagonal superior encontram-se os coeficientes de correlação das mães e na diagonal inferior dos pais.

H1 – O Ajustamento Conjugal no subgrupo dos pais e mães correlaciona-se com os Estilos Parentais.

Para testarmos a primeira hipótese utilizámos a correlação paramétrica de Pearson.

O padrão de correlações entre o AC e os EP's é muito semelhante, seja na amostra dos pais ou na amostra das mães.

No subgrupo das mães, o AC em termos de consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto correlacionam-se de forma significativa e positiva com o EP autoritativo.

O AC, na dimensão de consenso, correlaciona-se de forma significativa e negativa com o EP permissivo ($r = -.218, p = .027$).

No subgrupo dos pais, o AC em termos de consenso, satisfação, coesão e afeto correlacionam-se de forma significativa e positiva com o EP autoritativo. Com o EP permissivo, o AC, nas dimensões de consenso e expressão de afeto correlaciona-se de forma significativa e negativa ($r = -.228, p = .024$; $r = -.209, p = .039$).

Confirmando-se assim a hipótese apresentada.

Tabela 9.

Correlações das variáveis AC, EP's e SDQ de Pais (n = 98) e Mães (n = 103).

	Mães	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
Pais											
1.Consenso		1	.713**	.517**	.675**	-.258**	-.254**	.899**	.059	.263**	-.218*
2.Satisfação		.622**	1	.636**	.742**	-.307**	-.412**	.898**	-.022	.226*	-.142
3.Coesão		.520**	.597**	1	.650**	-.235*	-.414**	.775**	-.114	.197*	.046
4.Afeto		.722**	.730**	.624**	1	-.221*	-.410**	.831**	-.088	.333**	-.096
5.Externalizados		-.277**	-.238*	-.144	-.290**	1	.394**	-.305**	.012	-.168	.127
6.Internalizados		-.285**	-.251*	-.286**	-.306**	.413**	1	-.406**	.012	-.292**	.169
7.DGeral		.903**	.843**	.764**	.861**	-.286**	-.321**	1	-.012	.287**	-.146
8.Autoritário		.038	-.183	-.099	-.093	.134	.092	-.067	1	-.071	-.201*
9.Autoritativo		.345**	.258*	.330**	.238*	-.222*	-.267**	.361**	.065	1	-.261**
10.Permissivo		-.228*	-.149	-.152	-.209*	.140	.217*	-.217*	-.273**	-.252*	1

Nota. Correlação Pearson bicaudal * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

H2 – O Ajustamento Conjugal no subgrupo das mães e dos pais correlaciona-se negativamente com os problemas internalizados da criança do sexo masculino e feminino;

H3 – O Ajustamento Conjugal no subgrupo das mães e dos pais correlaciona-se negativamente com os problemas externalizados da criança do sexo masculino e feminino;

Relativamente à terceira hipótese, podemos concluir que no subgrupo das mães, nas dimensões de satisfação ($r = -.497, p = .00$) e expressão de afeto ($r = -.350, p = .00$), o AC correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas internalizados do filho.

Quanto ao subgrupo dos pais, o AC em termos de satisfação ($r = -.370, p = .013$) correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas internalizados do filho.

Por outro lado, podemos concluir que no subgrupo das mães, o AC em termos de satisfação, coesão e expressão de afeto correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas internalizados da filha.

Quanto ao subgrupo dos pais, nas dimensões de consenso ($r = -.333, p = .004$) coesão ($r = -.278, p = .004$) e expressão de afeto ($r = -.301, p = .002$), o AC correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas internalizados da filha.

Relativamente à quarta hipótese, podemos concluir que no subgrupo das mães com filhos do sexo masculino, o AC em termos de satisfação correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas externalizados ($r = -.347, p = .05$).

Quanto a mães de filhas do sexo feminino, o AC em termos de consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas externalizados da mesma.

No subgrupo dos pais, o AC em termos de consenso ($r = -.333, p = .004$) e expressão de afeto ($r = -.322, p = .004$) correlaciona-se de forma significativa e negativa com os problemas externalizados da filha.

Confirmando-se assim as hipóteses enunciadas.

Tabela 10.

Ajustamento Conjugal e Ajustamento da Criança (N = 201).

Ajustamento Conjugal	Ajustamento da criança			
	Feminino (n = 118)		Masculino (n = 83)	
	Prob. Ext.	Prob. Int.	Prob. Ext.	Prob. Int.
Mães (n = 103)				
Consenso	-.288*	-.225	-.187	-.286
Satisfação	-.293*	-.339**	-.347*	-.497**
Coesão	-.356**	-.528**	-.101	-.276
Afeto	-.317*	-.461**	-.133	-.350*
Pais (n = 98)				
Consenso	-.333*	-.333**	-.184	-.206
Satisfação	-.183	-.117	-.265	-.370*
Coesão	-.101	-.278*	-.182	-.292
Afeto	-.322*	-.301*	-.208	-.294

Nota. * $p < .05$ ** $p < .01$

H4 – O Estilo Parental Autoritário correlaciona-se positivamente com os problemas externalizados e internalizados da criança do sexo masculino e feminino.

Podemos verificar que no subgrupo das mães e dos pais, o EP Autoritário não se correlaciona significativamente com os problemas externalizados e internalizados, em ambos os sexos das crianças.

Desta forma não se confirma a hipótese enunciada.

H5 – O Estilo Permissivo correlaciona-se positivamente com os problemas externalizados e internalizados da criança do sexo masculino e feminino.

Averiguámos que no subgrupo das mães, o EP Permissivo não se correlaciona significativamente com os problemas externalizados e internalizados, em ambos os sexos das crianças.

No entanto, no subgrupo dos pais, este EP correlaciona-se de forma significativa e positiva com os problemas externalizados ($r = .306, p = .008$) e internalizados ($r = .299, p = .042$), apenas em crianças do sexo feminino.

Posto isto, podemos confirmar parcialmente a nossa hipótese.

H6 – O Estilo Parental autoritativo correlaciona-se negativamente com os problemas externalizados e internalizados da criança do sexo masculino e feminino.

Quanto ao subgrupo das mães, o EP autoritativo correlaciona-se com os problemas externalizados ($r = -.312, p = .002$) e internalizados ($r = -.316, p = .003$) da filha. Não se verificam correlações significativas com as dimensões do filho.

Relativamente ao subgrupo dos pais, não encontramos valores significativos no ajustamento da filha, mas sim entre o EP autoritativo e os problemas internalizados ($r = -.329, p = .008$) do filho.

Deste modo podemos confirmar parcialmente a hipótese enunciada.

Tabela 11.

Estilos Parentais e Ajustamento da Criança (N = 201).

Estilos Parentais	Ajustamento da criança			
	Feminino (n = 118)		Masculino (n = 83)	
	Prob. Ext.	Prob. Int.	Prob. Ext.	Prob. Int.
Mães (n = 103)				
Autoritário	.244	.104	-.193	-.076
Autoritativo	-.312*	-.316*	-.040	-.282
Permissivo	.171	.199	.199	.140
Pais (n = 98)				
Autoritário	.162	.148	.135	.038
Autoritativo	-.239	-.248	-.293	-.329*
Permissivo	.306*	.299*	-.030	.108

Nota. * $p < .05$ ** $p < .01$

3.3. Comparação das variáveis por subgrupos

3.3.1. Comparação por Género

H7 – Mães e pais apresentam diferentes Estilos de Autoridade Parental

Quando comparamos os valores obtidos em função do género, verificámos que as mulheres obtêm valores significativamente mais elevados no EP autoritativo, ($t_{(199)} = 2.262, p = .025, M = 43.27, DP = 4.22$), comparativamente aos homens ($M = 41.85, DP$

= 4.71). No entanto, ambos se percebem com o mesmo EP, não se confirmando assim a hipótese enunciada.

Tabela 12.
Comparação por Género dos pais (N = 201).

	Feminino (n = 103)		Masculino (n = 98)		Sig.
	M	DP	M	DP	
Consenso	52.88	8.18	52.12	9.80	0.550
Satisfação	44.96	5.58	45.18	5.59	0.778
Coesão	17.68	4.54	17.63	4.75	0.943
Afeto	9.99	2.06	9.32	2.88	0.057
DGeral	125.86	17.92	124.67	20.07	0.877
Autoritário	31.01	6.79	31.52	7.23	0.606
Autoritativo	43.27	4.22	41.85	4.71	0.025*
Externalizados	16.09	3.07	16.02	3.06	0.210
Internalizados	14.01	2.82	14.52	2.94	0.657

Nota. * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

3.3.2. Comparação por Escolaridade

Quando comparamos os valores obtidos em função da escolaridade dos pais, encontramos as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

O AC em termos de Satisfação varia significativamente ($F_{(2, 104,936)} = 4.046$, $p = .020$). O teste de comparação múltipla à posteriori recorrendo à ANOVA e aos testes de Tukey, um dos mais potentes e robustos aos desvios à normalidade e homogeneidade das variâncias (Marôco, 2018; Tukey, 1953), indicam que os pais com ensino superior obtêm valores significativamente mais elevados na dimensão de satisfação ($M = 46.50$, $DP = 3.18$) do que os com o ensino básico ($M = 44.17$, $DP = 6.66$, $p = .039$).

Tabela 13.
Comparação por Escolaridade dos Pais.

	Ensino						Sig.
	Básico (n = 47)		Secundário (n = 104)		Superior (n = 50)		
	M	DP	M	DP	M	DP	
Consenso	51.00	13.17	52.93	7.77	53.06	6.10	.611
Satisfação	44.17	6.66	44.79	5.85	46.50	3.18	.020*
Coesão	16.85	5.15	17.63	4.67	18.46	3.94	.232
Afeto	9.04	3.34	9.74	2.33	10.08	1.79	.165
DGeral	121.47	25.82	125.54	18.06	128.34	11.51	.194
Autoritário	32.34	6.32	31.47	7.15	29.80	7.17	.200
Autoritativo	41.32	4.64	42.76	4.61	43.38	3.99	.184
Externalizados	16.66	3.14	16.05	3.02	15.50	3.01	.175
Internalizados	14.74	3.02	14.27	2.92	13.78	2.65	.258

Nota. * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

3.3.3. Comparação por Escolaridade dos filhos

H8 – Existem diferenças no Ajustamento da criança nos diferentes ciclos escolares.

Quando comparamos os valores obtidos em função da escolaridade dos filhos, encontramos as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

As diferenças nos problemas externalizados são estatisticamente significativas ($F_{(4, 196)} = 3.128, p = .016$), representados na tabela 14. Os testes de comparação múltipla à posteriori indicam que os alunos do 2º ano, quando comparados com os alunos do 4º ano, obtêm valores significativamente mais elevados nos problemas externalizados ($M = 17.32, DP = 2.24; M = 15.44, DP = 3.15, p = .032$).

Tabela 14.

Comparação por Escolaridade dos filhos (N = 201).

	Jardim		1º Ciclo								Sig.
	Infância		1º (n = 25)		2º (n = 34)		3º (n = 48)		4º (n = 66)		
	(n = 28)		M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Consenso	53.14	8.69	50.00	13.21	52.74	7.22	53.69	6.84	52.23	9.42	.562
Satisfação	44.93	5.87	44.12	6.45	46.53	3.30	44.65	5.48	45.05	6.09	.503
Coesão	16.86	4.97	17.48	5.21	19.03	3.79	16.83	4.26	17.95	4.83	.227
Afeto	9.07	2.48	9.52	2.90	10.03	1.51	9.54	2.60	9.86	2.71	.578
DGgeral	124.21	18.94	121.92	25.51	128.56	13.46	125.04	15.55	125.50	20.97	.757
Autoritário	32.25	6.20	31.48	8.01	30.26	5.76	32.08	7.61	30.67	7.10	.664
Autoritativo	41.71	5.41	44.12	4.49	42.21	3.45	42.54	3.89	42.58	4.97	.384
Externalizados	16.93	2.67	15.52	3.65	17.32	2.24	15.77	3.04	15.44	3.15	.016*
Internalizados	13.21	1.97	14.72	3.47	13.91	2.69	15.00	3.10	14.17	2.80	.088

Nota. * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

H9. Existem diferenças nos Estilos de Autoridade Parental na transição do pré-escolar ao 1º ciclo.

Segundo os resultados das correlações encontradas (idade/escolaridade, AC, EP's e ajustamento da criança) a única correlação significativa entre as variáveis foi com os problemas externalizados da criança ($r = -.151 p = .033$).

Deste modo podemos inferir que não existem diferenças nos EP's na transição do pré-escolar para o 1º ciclo de estudos. Não obstante, procedemos ao teste não paramétrico de Kruskal Wallis (devido à dimensão dos subgrupos ser inferior a 30) para avaliar possíveis diferenças entre grupos de escolaridade quanto aos EP's adotados pelos pais. Os resultados não nos permitiram averiguar as possíveis diferenças uma vez que não eram

cumpridos os requisitos de homogeneidade de covariâncias (EP autoritativo, $p = .211$; EP autoritário, $p = .573$ e EP permissivo, $p = .351$).

Posto isto, aceitamos a H_0 , impedindo a realização deste teste pela violação deste pressuposto base, não confirmando a hipótese enunciada.

3.4. Regressões entre as variáveis

3.4.1. Estilos Parentais, Ajustamento Conjugal e Problemas Externalizados

Realizámos regressões lineares para clarificar quais as variáveis com base nas correlações significativas que mais fortemente predizem o ajustamento da criança para conseguirmos realizar as moderações com as variáveis mais robustas.

Para diagnosticar a multicolinearidade utilizámos o *Variance Inflation Factor* (VIF), identificando assim a inexistência de colinearidade.

Para identificar os preditores significativos dos problemas externalizados realizou-se uma regressão hierárquica com as variáveis dos EP's num primeiro bloco e as variáveis do AC num segundo bloco. O modelo é estatisticamente significativo e explica 10.9% ($F_{(3, 200)} = 3.685, p = .013; R_2 = .116; R^2_{ajustado} = .078, DW = 2.231$) da variância total dos problemas externalizados. Os EP's explicam 5.3% ($F_{(3, 197)} = 3.685, p = .013; R_2 = .053; R^2_{ajustado} = .039, DW = 2.231$) e o AC explica 5.6% ($F_{(7, 193)} = 3.685, p = .002; R_2 = .330; R^2_{ajustado} = .077, DW = 2.231$).

O EP autoritativo revelou-se um preditor significativo dos problemas externalizados ($\beta = -.097, p = .027$). Como o coeficiente de regressão é negativo, isso significa que quanto mais usado é o EP autoritativo, menores são os problemas externalizados.

Tabela 15.

Problemas Externalizados da criança (N = 201).

Modelo	B	Erro Padrão	β	t	Sig.
(Constante)	22.656	3.236		7.001	.000
Autoritário	.035	.031	.080	1.108	.168
Autoritativo	-.065	.050	-.097	-1.306	.027*
Permissivo	.042	.041	.076	1.031	.122
Consenso	-.039	.035	-.114	-1.099	.273
Satisfação	-.079	.059	-.143	-1.331	.185
Coesão	.011	.061	.017	.185	.854
Afeto	-.040	.138	-.033	-.287	.774

Nota. * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

3.4.2. Estilos Parentais, Ajustamento Conjugal e Problemas Internalizados

Através dos valores de VIF, identificámos a inexistência de colinearidade.

Desta forma, para identificar os preditores significativos dos problemas internalizados realizou-se uma regressão com o método hierárquico com as variáveis dos EP's num primeiro bloco e as variáveis do AC num segundo bloco. O modelo é estatisticamente significativo ($F_{(7, 200)} = 6.976, p = .001; R_2 = .217; R^2_{\text{ajustado}} = .094, DW = 1.974$) e explica 20.2% da variância total dos problemas internalizados. Os EP's explicam 10.7% ($F_{(3, 197)} = 7.877, p = .001; R_2 = .107; R^2_{\text{ajustado}} = .094, DW = 1.974$) e o AC explica 9.5% ($F_{(7, 193)} = 6.976, p = .001; R_2 = .202; R^2_{\text{ajustado}} = .173, DW = 1.974$).

O EP autoritativo e a dimensão de coesão do AC, revelaram-se preditores significativos dos problemas internalizados. Como os coeficientes de regressão são negativos, isso significa que quanto mais usado é o EP autoritativo e mais elevada a coesão do casal, menores são os problemas internalizados.

Tabela 16.

Problemas Internalizados da criança (N = 201).

Modelo	B	Erro Padrão	β	t	Sig.
(Constante)	21.509	2.889		7.446	.000
Autoritário	.017	.028	.041	.605	.546
Autoritativo	-.104	.045	-.163	-2.321	.021*
Permissivo	.068	.037	.129	1.853	.065
Consenso	.019	.032	.061	.617	.538
Satisfação	-.049	.053	-.095	-.930	.353
Coesão	-.108	.055	-.174	-1.987	.048*
Afeto	-.169	.124	-.147	-1.371	.172

Nota. * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

3.5. Moderações

A fim de testarmos a décima hipótese (H10 – Os Estilos Parentais moderam a relação entre o Ajustamento Conjugal e os problemas externalizados no Ajustamento da criança) e décima primeira hipótese (H11 – Os Estilos Parentais moderam a relação entre o Ajustamento Conjugal e os problemas internalizados no Ajustamento da criança) realizámos 15 moderações a fim de incluir o efeito das interações. Definindo como variável independente as diferentes dimensões do AC (consenso, satisfação, coesão, expressão de afeto e DAS Geral), como variável moderadora o EP autoritativo e como variável dependente o cálculo composto das escalas do SDQ (problemas externalizados e internalizados).

Modelo de moderação: Consenso conjugal, EP autoritativos e Ajustamento da criança – Problemas internalizados

O nível de consenso entre o casal ($\beta = -.05$ e $p = .05$) é um preditor significativo dos comportamentos internalizados da criança, assim como o EP autoritativo ($\beta = -.13$ e $p = .01$). Existe uma interação significativa entre ambos com $\beta = .02$ e $p = .01$. Esta interação foi significativa para os níveis médios e níveis baixos de EP autoritativo ($\beta = -.05$ e $p = .05$; $\beta = -.12$ e $p = .01$, respetivamente). Para os níveis elevados não foram verificados valores significativos.

É possível perceber através da figura 2 que quanto menor for o nível de consenso entre o casal, maiores serão os comportamentos internalizados da criança, quando se percecionam níveis médios e baixos de EP autoritativo.

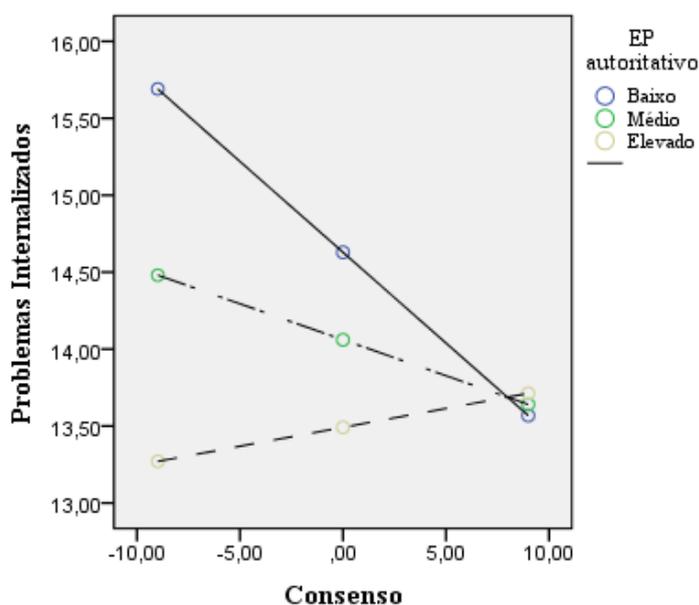


Figura 2. DAS – Consenso, EP Autoritativo e Problemas Internalizados

Modelo de moderação: Satisfação conjugal, EP autoritativos e Ajustamento da criança – Problemas internalizados

O nível de satisfação entre o casal ($\beta = -.12$ e $p = .01$) é um preditor significativo dos comportamentos internalizados da criança, assim como o EP autoritativo ($\beta = -.13$ e $p = .01$). Existe uma interação significativa entre ambos com $\beta = .01$ e $p = .05$. Esta interação foi significativa para os níveis médios e níveis baixos de EP autoritativo ($\beta = -.12$ e $p = .01$; $\beta = -.19$ e $p = .01$, respetivamente). Para os níveis elevados não foram verificados valores significativos.

É possível perceber através da figura 3 que quanto menor for o nível de satisfação entre o casal, maiores serão os comportamentos internalizados da criança, quando se percecionam níveis médios e baixos de EP autoritativo.

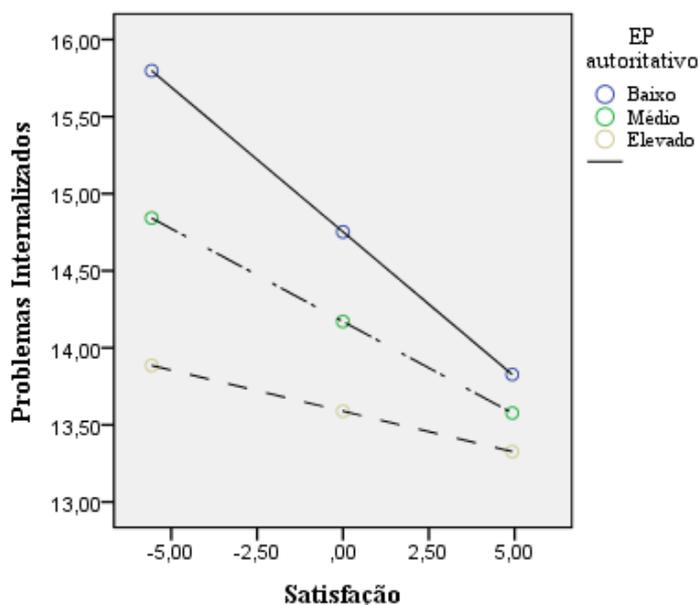


Figura 3. DAS – Satisfação, EP Autoritativo e Problemas Internalizados.

Modelo de moderação: Coesão conjugal, EP autoritativo e Ajustamento da criança – Problemas internalizados

O nível de coesão entre o casal ($\beta = -.18$ e $p = .01$) é um preditor significativo dos comportamentos internalizados da criança, assim como o EP autoritativo ($\beta = -.12$ e $p = .01$). Existe uma interação significativa entre ambos com $\beta = .02$ e $p = .05$. Esta interação foi significativa para os níveis médios e níveis baixos de EP autoritativo ($\beta = -.18$ e $p = .01$; $\beta = -.26$ e $p = .01$, respetivamente). Para os níveis elevados não foram verificados valores significativos.

É possível perceber através da figura 4 que quanto menor for o nível de coesão entre o casal, maiores serão os comportamentos internalizados da criança, quando se percecionam níveis médios e baixos de EP autoritativo.

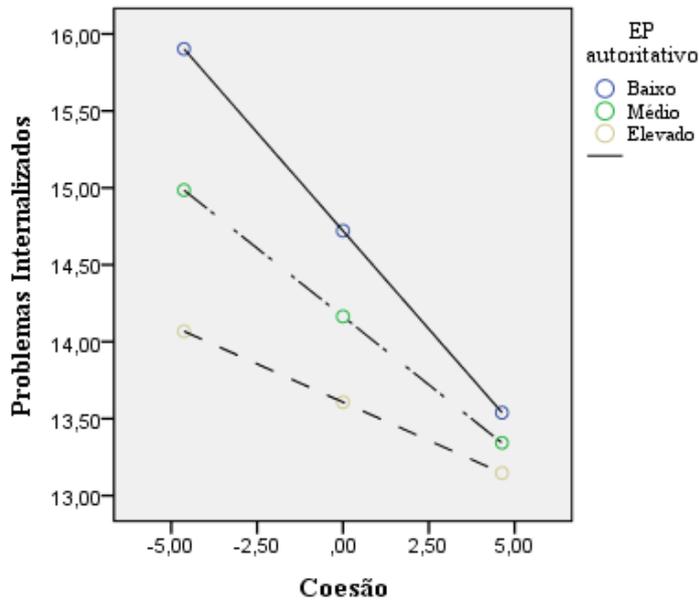


Figura 4. DAS – Coesão, EP Autoritativo e Problemas Internalizados.

Modelo de moderação: Ajustamento conjugal geral, EP autoritativo e Ajustamento da criança – Problemas internalizados

O nível de Ajustamento conjugal ($\beta = -.04$ e $p = .01$) é um preditor significativo dos comportamentos internalizados da criança, assim como o EP autoritativo ($\beta = -.11$ e $p = .05$). Existe uma interação significativa entre ambos com $\beta = .01$ e $p = .01$. Esta interação foi significativa para os níveis médios e níveis baixos de EP autoritativo ($\beta = -.04$ e $p = .01$; $\beta = -.06$ e $p = .01$, respetivamente). Para os níveis elevados não foram verificados valores significativos.

É possível perceber através da figura 5 que quanto menor for o nível de Ajustamento conjugal, maiores serão os comportamentos internalizados da criança, quando se percecionam níveis médios e baixos de EP autoritativo.

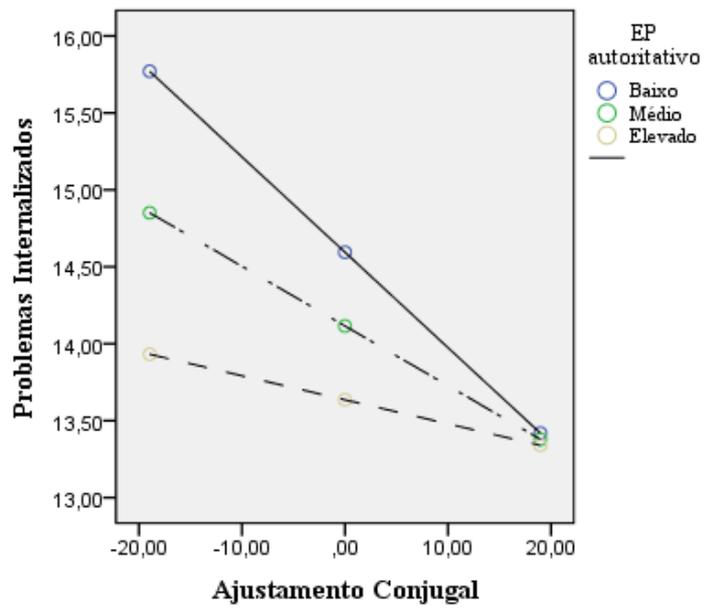


Figura 5. Ajustamento Conjugal (geral), EP Autoritativo e Problemas Internalizados.

IV PARTE - DISCUSSÃO

De acordo com os resultados apresentados no capítulo anterior foi-nos possível responder às questões de investigação deste estudo.

H1 - O Ajustamento Conjugal no subgrupo dos pais e mães correlaciona-se com os Estilos Parentais.

Os resultados obtidos em relação a esta hipótese mostram que o AC está correlacionado com os EP's, o que vai ao encontro da literatura evidenciada, onde se afirma que um ambiente familiar positivo é determinante para o EP adotado (Darling & Steinberg, 1993; Doh et al., 2012; Gomez & Leal, 2008; Hameister, Barbosa & Wagner, 2015; Mc Coy et al., 2009; Merrifield & Gamble, 2013; Olson, 2000), comprovando-se assim a hipótese estabelecida.

Tanto no subgrupo dos pais como no das mães, ambas as dimensões do AC estão correlacionadas com o EP autoritativo, permitindo concluir que quando o casal está em concordância, acabam por adotar um EP semelhante, contribuindo assim para um melhor clima familiar. Conseguem partilhar ideias entre si e conseguem orientar de forma firme e coesa a educação dos filhos (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004; Zini, Frizzo & Levandowski, 2018).

Em diferentes estudos é referido que a personalidade dos pais, a satisfação e o consenso entre o casal resultam num melhor funcionamento familiar e parental. Portanto, o comportamento entre os cônjuges afeta diretamente todo o sistema familiar envolvido. Nesta perspetiva, casais com bom Ajustamento Conjugal desenvolvem respostas mais adequadas na educação dos filhos, assim como EP's mais eficazes e apropriados (Gomez & Leal, 2008; Hernandez, 2008; Hernandez & Hutz, 2009; Minuchin 1982, 1988; Pendry & Adam, 2013; Silva & Weber, 2018).

Os resultados obtidos na nossa amostra indicam que há semelhança entre os subgrupos dos pais e das mães. Tanto os pais como as mães apresentam resultados positivos em todas as dimensões do AC. No entanto o valor mais elevado nas mães encontra-se na dimensão de expressão de afeto e nos pais na dimensão consenso e coesão, ambos desempenhando o EP autoritativo.

Podemos afirmar, com base nos resultados, que pais e mães com bom ajustamento conjugal tendem a adotar o EP autoritativo, considerado o que mais favorece o ajustamento da criança, nomeadamente em termos psicológicos e sociais, corroborando assim com os estudos pré-existentes. Deste modo, casais com níveis elevados de consenso, satisfação, coesão, expressão de afeto e comunicação, relacionam-se de forma

positiva e saudável com os filhos, criando ambientes autônomos e de segurança, baseados em apoio e empatia, responsividade e exigência (Baumrind, 1973, 1979; Glasgow, Dornbusch, Troyer & Ritter, 1997; Hameister, Vargas & Wagner, 2015; Maccoby & Martin, 1983; Minuchin, 1982, 1988; Oslon, 2000; Pong, Johnston & Chen, 2010; Zini, et al., 2018).

H2 – O Ajustamento Conjugal no subgrupo dos pais e mães correlaciona-se negativamente com os problemas externalizados da criança do sexo masculino e feminino; E

H3 – O Ajustamento Conjugal no subgrupo dos pais e mães correlaciona-se negativamente com os problemas internalizados da criança do sexo masculino e feminino;

O AC, de acordo com os resultados, correlaciona-se com os problemas externalizados e internalizados da criança, tanto no subgrupo dos pais como no das mães, comprovando-se assim a hipótese estabelecida.

Os dados obtidos indicam que, tanto os pais como as mães, independentemente do sexo do filho, apresentam níveis significativos nas dimensões de Consenso e Satisfação. O relacionamento conjugal é visto como um fator preponderante para a qualidade de vida familiar, principalmente no que diz respeito às relações que os pais e mães estabelecem com os filhos. A forma como o casal comunica e as estratégias que criam na resolução dos problemas vão influenciar na educação dos filhos e, conseqüentemente na qualidade da relação entre ambos. O inverso, casais insatisfeitos e em desacordo não suportam nem favorecem o saudável desenvolvimento e ajustamento da criança, originando problemas externalizados e internalizados (Belsky, 1981, 1984; Bond & McMahon, 1984;).

Bandura (1977), através da sua teoria de aprendizagem social afirma que uma criança aprende exemplos de comportamento negativo por meio de observação. Possíveis problemas como o desajuste conjugal podem fazer com que os casais mostrem comportamentos e atitudes negativas que, conseqüentemente, levam à formação de comportamentos problemáticos nos filhos em que estes vão perceberá-los e encará-los como modelos para si (Mutlu, Erkut, Yildirim, & Gundogdu, 2017; Pereira, Zanatta, Pereira & Grzybowski, 2020).

Quando existe consenso, satisfação, coesão e afeto entre o casal, as crianças tendem a demonstrar menores problemas externalizados e internalizados. Portanto, quando um casal se apresenta ajustado, as crianças envolvidas nesse ambiente apresentam comportamentos mais adequados, onde é percebido um melhor ajustamento da mesma. Relações conjugais satisfatórias com base em suporte mútuo demonstram maior sensibilidade no seu papel parental o que desencadeia na criança uma maior responsividade para com estes de forma recíproca (Feldman, Masalha & Derdikman-Eiron, 2010; Hameister, Barbosa & Wagner, 2015).

Quando há um ambiente familiar de negociação positiva, com base no apoio e empatia, as crianças tendem a adquirir competências positivas que as auxilia no seu desenvolvimento. (Belsky, 1984; Castellano, Velotti, Crowell & Zavattini, 2014; Cummings, Goeke-Morey & Papp, 2004; Darling, Kaaya & Vries, 2016; Mosmann, et al., 2018; Pong, Johnston & Chen, 2010).

Um bom relacionamento conjugal é primordial tanto para os cônjuges como para a criança. As famílias têm muita influência e determinam a saúde e o bem-estar dos seus elementos por meio de vários processos, como por exemplo os conflitos ou o suporte entre ambos (Carnut & Faquim, 2014; Mc Coy, Cummings & Davies, 2009).

Desta forma, podemos concluir que pais com relacionamentos à base de conflitos e com baixos níveis de satisfação conjugal têm relações complicadas e conflituosas com os filhos. Estes conflitos e o ambiente negativo provocam nas crianças sintomas de ansiedade e depressão (problemas internalizados) ou comportamentos agressivos ou opositivos (problemas externalizados). Desta forma, os resultados encontrados corroboram com diferentes investigações existentes (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2019; Carlson, Pilkauskas, Mc Lanahan & Brooks-Gunn, 2011; Pedro, Ribeiro & Shelton, 2012).

H4 – O Estilo Parental Autoritário correlaciona-se positivamente com os problemas externalizados e internalizados da criança do sexo masculino e feminino;

H5 – O EP Permissivo correlaciona-se positivamente com os problemas externalizados e internalizados da criança do sexo masculino e feminino;

Relativamente a estas hipóteses, os resultados obtidos não confirmam que o EP autoritário está correlacionado com os problemas externalizados e internalizados da criança. No entanto, confirma-se parcialmente, correlação entre o EP permissivo nos pais

e os problemas externalizados e internalizados da criança. De acordo com alguns estudos, filhos de pais permissivos podem apresentar níveis elevados de autoconfiança e autoestima (Darling, 1999; Lamborn et al., 1991) mas, ao mesmo tempo, apresentam problemas externalizados. Crianças mais novas, cujos pais adotam este EP, apresentam concomitantemente problemas internalizados e não tanto externalizados (Aunola & Nurmi, 2005; Querido et al., 2002; Williams et al., 2009).

Algumas investigações realizadas defendem que a afetividade dos pais, a responsividade, o seu envolvimento, as exigências a nível de maturidade e a supervisão vão ter impacto na forma como a criança interpreta essas mesmas práticas (Baumrind, 1966, 1967, 1971; Darling & Steinberg, 1993; Mohamad & Mamat, 2011).

Estudos que envolvem a parentalidade e o ajustamento das crianças confirmam que as características parentais positivas contribuem para o desenvolvimento socioemocional infantil, através de cuidados básicos, de afeto, vínculos saudáveis e também da qualidade das relações intrafamiliares (Pereira, Zanatta, Pereira & Grzybowski, 2020).

De acordo com vários estudos, pais e mães com EP autoritário são muito exigentes e pouco ou nada responsivos. Estes tendem a moldar e controlar o comportamento e as atitudes dos filhos de acordo com as suas próprias vontades (Glasgow et al., 1997). Um EP desajustado, tendo como características a rejeição, o evitamento, pouca tolerância, coercividade e punição, certamente irá causar impacto na criança. Estas crianças adquirem problemas de comportamento externalizados como a agressividade e internalizados como a ansiedade (Capaldi, Crosby & Stoolmiller, 1996; Capaldi & Patterson, 1991; Patterson, 1983; Pinquart, 2016).

Os nossos resultados, indicam apenas que pais que adotam um EP permissivo estão associados a maiores problemas externalizados e internalizados em filhas do sexo feminino.

Quando os pais e mães adotam um EP permissivo, estes baseiam-se na aceitação e indulgência, defendem um padrão não punitivo, correspondendo de forma positiva a quase todos ou a todos os desejos da criança. Há poucas regras e limites estabelecidos, existe baixo controlo e baixa exigência, o que faz com que estas crianças não desenvolvam a sua autonomia e individualidade, contribuindo negativamente para o seu desenvolvimento (Alarcão & Gaspar, 2007; Baumrind, 1991; Boing & Crepaldi, 2016; Lee, Yu & Choi, 2012; Mota & Ferreira, 2019; Silva, Morgado, & Maroco, 2012).

De acordo com outros estudos, pais e mães com EP autoritário e permissivo, estão associados a elevados níveis de problemas externalizados e internalizados, bem como pior desempenho e ajustamento escolar. Desta forma, um menor ajustamento da criança está associado a um EP autoritário e permissivo (Milings et al., 2013; Pinquart, 2016; Pinquart & Kauser, 2017).

H6 - O Estilo Parental Autoritativo correlaciona-se negativamente com os problemas externalizados e internalizados na criança do sexo masculino e feminino;

Em relação a esta hipótese, os resultados alcançados neste estudo indicam que pais e mães com EP autoritativo estão associados a melhor ajustamento da criança, o que vai ao encontro de vários estudos anteriores, confirmando assim a nossa hipótese.

Filhos de pais e mães autoritativos são mais ajustados e possuem competências sociais, emocionais e comportamentais mais adequados (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Baumrind, 1966, 1967, 1975; Darling, 1999).

Para a nossa amostra, no subgrupo das mães, considerando o filho do sexo masculino e no subgrupo dos pais, considerando a filha do sexo feminino não foram encontradas associações com os problemas internalizados e externalizados. Existem apenas associações no subgrupo das mães em que a filha é do sexo feminino e no subgrupo dos pais quando existe filho do sexo masculino. Existem poucos estudos que identifiquem se as associações entre o EP e o ajustamento da criança diferia entre díades do mesmo sexo (mãe-filha, pai-filho), sendo pertinente o aprofundamento desta temática (Tam, 2009).

Assim como a presente investigação, outros autores em diferentes estudos afirmam que EP's autoritativos favorecem o ajustamento da criança. Estes pais demonstram mais afeto, são mais calorosos, solidários e recetivos, conseguem manter o equilíbrio entre os níveis altos de exigência e de capacidade de resposta. Conseguem estabelecer limites, padrões e regras de forma firme e equilibrada, para além de encorajarem e permitirem que os filhos desenvolvam as suas próprias capacidades, opiniões e crenças (Alvarenga & Piccinini, 2001; Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Darling, Kaaya & Vries, 2016; Glasgow et al., 1997; Steinberg, 2001; Talib, Mohamad & Mamat, 2011).

Ainda assim, filhos de pais e mães autoritativos apresentam menores problemas de internalização e externalização, assim como melhor ajustamento escolar. Desta forma, este EP origina uma compreensão calorosa, amorosa e mútua no seio familiar,

promovendo assim o comportamento e a personalidade estável das crianças. Estas crianças têm mais confiança, autoestima e demonstram maiores capacidades de resolução de problemas e conflitos (Glasgow et al., 1997; Talib, Mohamad & Mamat, 2011).

É de salientar que é importante que pais e mães desenvolvem sensibilidade e interesse em corresponder às necessidades dos filhos de acordo com o seu estado evolutivo. Deste modo, o papel parental positivo vai permitir o desenvolvimento pleno das capacidades da criança, fornecendo-lhes o suporte eficaz e essencial para a sua evolução (Pires, Hipólito & Jesus, 2010; Pires, 2011).

Os nossos resultados são ligeiramente diferentes aos encontrados na literatura, no entanto podemos afirmar que poderá ser devido a uma maior consistência interna na escala autoritativa e por prevalecer tanto em pais como em mães do nosso estudo. Uma outra explicação para o sucedido poderá ser o facto de os casais demonstrarem resultados muito idênticos nas dimensões de consenso e coesão, o que poderá indicar um maior consenso e acordo na educação dos filhos.

H7 – Pais e mães apresentam diferentes Estilos de Autoridade Parental;

Através dos resultados, tanto os pais como as mães apresentavam o mesmo EP, o autoritativo. A forma como cada pai exerce a sua função parental é bastante diversificada e varia ao longo dos tempos conforme vários contextos como a cultura. A educação dos filhos depende de cada pessoa e o EP que adotam reflete o clima emocional em que decorrem as relações entre pais e filhos (Baumrind, 1966, 1972; Bornstein, 1998; Gaspar & Matos, 2017).

Nas famílias, os pais podem adotar diferentes EP's o que acarreta *outcomes* mais negativos do que se estes tivessem em concordância. Formas diferentes de educar, dentro do mesmo seio familiar poderão causar dificuldades acrescidas, não só para as crianças como para os pais enquanto casal (Pires, 2011).

Os pais autoritativos são exigentes, mas compreensivos, dedicados a ouvir os filhos e a corresponder às necessidades dos mesmos. Estes pais criam crianças mais aptas de lidar com problemas de forma otimista e ensinam a “sobreviver” socialmente. O facto de os pais serem mais afetivos, responsivos e participativos faz com que a criança aprenda a relacionar-se com os outros e faz com que haja comportamentos mais ajustados, evitando assim o surgimento de problemas. Estes pais encorajam a tomada de decisões e proporcionam oportunidades para o desenvolvimento das suas aptidões (Baumrind, 1966; Scorsolini-Comin & Santos, 2011).

Os pais antigamente e atualmente, estão muito associados a EP's mais autoritários e as mães a EP's autoritativos. De acordo com a literatura, os pais, mostram, cada vez mais, interesse na educação dos filhos, acabando por existir um maior envolvimento parental por parte dos mesmos. No entanto, existem poucas informações quanto a possíveis diferenças de gênero nos EP's adotados. De acordo com a literatura, pais associados a EP autoritativo tendem a ter uma companheira em que o EP adotado é semelhante ao seu. Deste modo, pais com diferentes EP's evidenciam estratégias parentais menos eficazes e a discórdia entre ambos é maior (Soares & Almeida, 2011; Winsler, Madigan, & Aquilino, 2005).

H8 – Existem diferenças no Ajustamento da criança nos diferentes ciclos escolares; E

H9. Existem diferenças nos Estilos de Autoridade Parental na transição do pré-escolar ao 1º ciclo.

Através dos nossos resultados não nos foi possível confirmar estas hipóteses.

É importante frisar que todas as fases de transição, sejam elas quais forem, são de extrema importância, e o modo como as encaramos poderá determinar o nosso bom ou mau ajustamento a esta mesma fase.

A terceira infância corresponde à fase em que a criança entra na escola, normalmente por volta dos seis anos de idade. Este período escolar é encarado pela criança e pelos pais como uma nova fase na vida de ambos. Dão-se várias transformações físicas, emocionais, relacionais e cognitivas que irão resultar em alterações nos subsistemas familiares (novas rotinas e responsabilidades). Ao longo desta idade, as relações de amizade assumem enorme importância na vida das mesmas, tornando-se relações complementares às relações que têm com os pais uma vez que vão adquirindo experiências em diferentes áreas, evoluindo assim o seu nível de companheirismo e de intimidade até à pré-adolescência. Desta forma, o percurso escolar das crianças torna-se cada vez mais benéfico com o passar dos anos, uma vez que esta adquire competências essenciais para o seu bem-estar (Arnotta & Brown, 2013; Bakker, Daglar, Melhuish & Barnes, 2011; Denessen & Brus-Laeven, 2007).

As crianças vão construindo o seu conhecimento através do brincar, de forma lúdica e utilizam as suas próprias estratégias e materiais para a sua educação com base na segurança e conforto. Quando se deparam com novas exigências, regras e limites poderão

expressar problemas internalizados como a ansiedade e depressão ou externalizados como a agressividade e problemas com os pares.

As várias alterações que as crianças vão sofrendo ao longo do seu percurso escolar, nomeadamente o desenvolvimento da sua capacidade de internalização faz com que estas adquiram atitudes, normas, padrões e regras comportamentais como valores próprios. Desta forma os comportamentos impulsivos diminuem e a obediência às figuras parentais aumenta, resultando assim num maior controlo do seu comportamento. Através da capacidade de internalização da criança, os pais começam a ganhar mais confiança nos filhos, diminuindo conseqüentemente comportamentos de controlo parental por estas demonstrarem maior autonomia e responsabilidade (Arnotta & Brown, 2013; Chora, Monteiro, Ramos & Amaral, 2019; Zini, Frizzo & Levandowski, 2018).

A criança ao longo dos anos vai aumentando a sua capacidade de autonomia e vai alargando o seu grupo de pares, estabelecendo relações mais diversificadas. Estas mudanças são benéficas no sentido em que a escola abre oportunidades para o seu desenvolvimento social e afetivo, uma vez estendida a rede de agentes de socialização (professores e pais), o que poderá ser uma explicação para as diferenças que obtivemos nos nossos resultados. Ao longo dos anos, a criança sente-se cada vez mais segura e inserida no ambiente escolar e na relação com os pares, o que acarreta menores problemas externalizados e internalizados (Arnotta & Brown, 2013; Ministério de Educação, 2016; Yeboah, 2002).

Estas fases de transição e de percurso escolar também poderão ser sentidas de forma positiva, sendo que o papel dos pais é fundamental e crucial para que ambos encarem com a maior naturalidade possível (Yeboah, 2002). A harmonia e estabilidade familiar são fatores determinantes para o ajustamento da criança, principalmente quando esta passa por momentos mais frágeis de mudança como é o caso da transição para a escolaridade obrigatória. Se os pais se demonstrarem disponíveis, presentes e responsivos estas tendem a alcançar os seus objetivos individuais e escolares, permitindo assim que estas reflitam sobre o seu futuro e que se ajustem ao longo dos anos escolares (Ministério de Educação, 2016).

Os pais, ao acompanharem o percurso escolar dos filhos, e por estes encararem a transição do pré-escolar para o 1º ciclo de forma natural, mantêm o seu comportamento de apoio, interesse e ajuda ao longo de todas as fases, o que vai ao encontro dos nossos resultados onde percecionamos que não existem diferenças no comportamento parental

na transição do pré-escolar para o 1º ciclo assim como ao longo do percurso escolar das crianças.

H10 – Os Estilos Parentais moderam a relação entre o Ajustamento Conjugal e os problemas externalizados das crianças.

Através dos resultados por nós obtidos, foi possível confirmar esta hipótese apenas quando o EP autoritativo é adotado pelos pais e mães da nossa amostra.

É importante considerar no contexto da relação entre pais e filhos os problemas de comportamento das crianças e jovens. Esta relação pode envolver interações positivas, negativas e de apoio ou desatenção em que a maioria das crianças provavelmente experimentará estas práticas dos pais. O bom ajustamento do casal e o comportamento parental positivo, como a demonstração de carinho e apoio à criança protege-a de resultados adversos uma vez que promove a confiança e o afeto na relação e apoia a socialização positiva da criança. Já o contrário, resultará em resultados adversos, tornando-a mais desajustada e sensível (Pinquart, 2017).

É notório que as famílias são fundamentais para o crescimento e desenvolvimento saudável das crianças. Os pais, nas melhores condições, ajudam e apoiam os filhos em situações de stress e proporcionam o suporte adequado para um comportamento adequado. Porém, o desenvolvimento das crianças pode ficar claramente comprometido pela falta de suporte eficaz e pela presença de conflitos e desentendimentos na relação conjugal (Petersen, Joseph, & Feit, 2014).

Colocámos as dimensões do AC como variável independente, os problemas externalizados e internalizados como variável dependente e por fim, os EP's como variável moderadora. Desta forma pretendíamos verificar a reação do AC e dos problemas externalizados e internalizados da criança na presença de diferentes EP's.

Desta forma podemos afirmar que as hipóteses de interação com o EP autoritativo são significativas, comprovando assim o modelo. Quanto aos restantes EP's, segundo os nossos resultados, não moderam a relação entre o AC e os problemas externalizados da criança.

Podemos concluir através das moderações realizadas, que quando se percecionam níveis mais baixos de consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto, maiores serão os comportamentos externalizados da criança, quando os pais adotam EP's autoritários. Estes resultados vão ao encontro dos estudos já refutados anteriormente, de acordo com o efeito *spillover*, de quando existe o transbordamento do clima emocional positivo de

uma relação conjugal ajustada para a parentalidade, refletindo em benefícios para a criança, contribuindo positivamente para o seu saudável desenvolvimento.

H11 – Os Estilos Parentais moderam a relação entre o Ajustamento Conjugal e os problemas internalizados da criança.

Através dos nossos resultados também foi possível confirmar esta hipótese, apenas quando os pais e as mães adotam EP's autoritativos.

As variáveis associadas a problemas de comportamento infantil incluem se a paternidade é consistente e adequada entre pais e filhos (por exemplo, o comportamento que é desejado que a criança tenha e o comportamento real da mesma), bem como fatores de risco contextuais, como dados demográficos e a dinâmica familiar (Patterson & Sanson, 1999; Patterson, 1997).

Os problemas comportamentais da primeira, segunda e terceira infância podem manifestar-se em desafios de relacionamento no subsistema parental e conjugal e problemas comportamentais adicionais da criança quando estas entram na escola e vão crescendo (Patterson et al., 1989; Piquart, 2017). O desenvolvimento de problemas comportamentais das crianças e jovens tem sido vinculado a vários fatores contextuais, no entanto, a parentalidade e conjugalidade continuam a ser dos principais preditores associados ao desenvolvimento das crianças e jovens, incluindo os problemas de externalização e internalização (Ruiz-Hernandez, Moral- Zafra, Llor- Esteban & Jimenez- Barbero, 2018).

A existência de controlo autoritário e o não controlo permissivo pode originar ansiedade e criar dificuldades na interação entre um indivíduo e os seus pares. Posto isto, os EP's quando vivenciados precocemente no desenvolvimento da criança, aparentam ter um papel relevante na compreensão dos comportamentos, sentido de eficácia e no ajustamento das mesmas (Mensah & Kuranchie, 2013).

O EP autoritativo modera a relação entre o ajustamento conjugal e o ajustamento da criança em termos de problemas internalizados.

Quando se percecionam níveis inferiores de consenso, de satisfação e coesão entre o casal e autoritatividade, maiores serão os comportamentos internalizados da criança.

Não se verifica o modelo de moderação entre a dimensão de expressão de afeto com os EP's autoritário, autoritativo e permissivo e os problemas internalizados da criança.

V PARTE - CONCLUSÃO

Como foi possível verificar através da revisão de literatura, a parentalidade demonstra ser um grande desafio para os pais, um passo no ciclo natural da família, mas também uma possível fonte desencadeadora de stresse e ansiedade, podendo ter um impacto negativo no ajustamento dos filhos. A relação conjugal ou marital previa, em termos de coesão, consenso, satisfação, comunicação e de suporte social, poderá ter um papel fundamental no exercício da parentalidade e sua evolução no ciclo vital da família, no clima afetivo familiar e nas condições familiares mais ou menos promotoras do desenvolvimento infantil. Os pais, por vezes podem enfrentar os desafios no cuidado dos filhos de forma insensível, indiferente, negligente e/ou com hostilidade.

O principal período, no ciclo de vida dos seres humanos que é especialmente moldável é o da primeira infância. É nesta fase que as crianças estão particularmente predispostas às influências sociais que levarão consigo após deixarem a sua família de origem (Maccoby, 2000). Deste modo é de extrema importância realizar estudos neste sentido para se conseguir perceber todas as influências que os pais podem ter nas crianças ao longo das restantes fases infantis.

A criança ao longo da vida passa por várias fases de desenvolvimento onde ocorrem grandes aprendizagens. Por conseguinte o desenvolvimento não avança de forma fácil, podendo passar por equilíbrios e desequilíbrios (Gessell, 1996). Por este motivo é natural que a criança apresente recuos em determinadas fases do seu desenvolvimento antes de obter uma nova aprendizagem que são essenciais para a sua evolução. Desta forma, todos passamos por um processo de adaptação progressiva entre nós próprios e o contexto ao nosso redor (Bronfenbrenner, 1996). É muito importante salientar que os filhos de hoje serão os pais do futuro, sendo relevante observar o efeito da transgeracionalidade nos EP's para de certa forma se reeducar e dar ferramentas positivas e saudáveis às pessoas.

No nosso estudo, os pais e as mães desempenham maioritariamente o EP autoritativo, que, segundo a literatura, é o EP que fornece mais benefícios ao desenvolvimento saudável da criança, na medida em que estes pais têm em consideração, em primeiro lugar, as necessidades e interesses da criança, por meio do diálogo, afeto e responsividade, estabelecendo regras e deveres que a criança tem de cumprir.

Através do nosso estudo podemos concluir que estes pais com EP's autoritativos estão associados a um melhor ajustamento enquanto casal e a menores problemas externalizados e internalizados na criança. Desta forma podemos afirmar que este EP e o AC estão relacionados com o melhor ajustamento da criança, o que vai ao encontro de

vários estudos elaborados anteriormente que salientam que o AC e os EP's atuam diretamente no ajustamento das crianças. Quando existe uma boa relação entre os pais, isto vai desencadear uma boa dinâmica familiar com base num ambiente saudável, influenciando assim os EP's que estes adotam e conseqüentemente surgirão resultados no sistema emocional e comportamental do filho.

Desta forma é importante salientar que as crianças de pais que se regem por relações sólidas, onde é constante a harmonia e o afeto, irão apresentar comportamentos mais saudáveis a vários níveis. A criança se for estimulada, respeitada, compreendida, acarinhada e motivada pelos pais, a sua aprendizagem e comportamento serão da mesma forma positivos. Se ocorrer o contrário, estas tendem a manifestar comportamentos e problemas de autocontrolo e assertividade (Custódio & Cruz, 2008).

Através do nosso estudo conseguimos concluir que o EP autoritativo é um preditor significativo dos problemas externalizados, em que os resultados indicam que quanto mais adotado é o EP autoritativo menores serão os problemas externalizados da criança. Este EP, juntamente com a coesão do casal também são preditores significativos dos problemas internalizados das crianças. De acordo com os resultados, quanto mais estes pais adotarem este EP e quanto maior for a coesão entre o casal, menores serão estes problemas nas crianças, indo ao encontro de vários estudos realizados. Sabe-se que pais mais exigentes têm crianças com menor controlo emocional, apresentando maiores dificuldades de aprendizagem, demonstrando problemas de comportamento maiores. Estas características podem condicionar as relações entre pais e filhos, fazendo com que estas crianças estendam estas atitudes com os seus próprios filhos um dia mais tarde. No entanto existem outros pais que demonstram mais empatia, correspondendo às necessidades das crianças, auxiliando-as no controlo das suas emoções e comportamento de forma saudável, contribuindo assim para o seu normal desenvolvimento (Gustafsson, Cox & Blair, 2012).

Os pais autoritativos procuram orientar as atividades da criança de uma forma racional e estimulam a sua independência e individualidade, encorajando a troca de ideias e compartilhando com as crianças as razões que as conduziram a tomar determinadas decisões, exercendo, ao mesmo tempo, um controlo consistente quando surgem os desentendimentos e não adotando, contudo, restrições excessivas, nem recorrendo a práticas punitivas exageradas. Deste modo, respeitam os direitos e as particularidades dos seus filhos, existindo reciprocidade nos compromissos assumidos (Baumrind, 1966). Através do nosso estudo podemos concluir que quando existe um ambiente familiar com

níveis altos de consenso entre o casal, estes tendem a adotar EP's mais saudáveis para a educação dos filhos e, conseqüentemente um melhor ajustamento da criança, onde esta se vai sentir segura e compreendida, tornando saudável e positivo o seu crescimento.

Desta forma, conseguimos verificar que uma educação equilibrada, em casa, através do EP autoritativo, pode proporcionar um melhor desenvolvimento da criança. Deste modo, torna-se fundamental existir uma maior intervenção com os pais, para lhes fornecer os conhecimentos de práticas educativas eficazes e capacidades específicas, que lhes possibilitem proporcionar um melhor desenvolvimento de competências sociais nas crianças e, ao mesmo tempo, crie uma melhor dinâmica familiar que irá refletir-se numa melhor parentalidade, visto que, se não existir um saudável relacionamento conjugal, estes nunca conseguirão estabelecer uma boa interação com os seus filhos.

O nosso estudo permitiu verificar que não existem diferenças nos EP's na transição do pré-escolar para o 1º ciclo de estudos, o que nos leva a concluir que os pais e mães do nosso estudo encaram esta transição como algo natural na vida de cada criança e de cada família. Conseguimos ainda verificar que as crianças ao longo dos anos escolares tendem a demonstrar menores problemas externalizados, o que nos leva a concluir que esta se vai adequando e ambientando às mudanças e exigências ao longo do seu percurso escolar.

Posto isto, o nosso estudo fez-nos conhecer os efeitos no ajustamento da criança através do AC e dos EP's do casal. O nosso estudo vai de acordo com a teoria de Baumrind que refere que existe ligação entre o EP autoritativo e os comportamentos parentais e que este é fundamental para a relação com as crianças que apresentam menores problemas emocionais e de comportamento. Este EP, aliado a um bom AC permite que as crianças consigam demonstrar emoções mais positivas, relações de pares mais consolidadas, maior autoestima, autonomia e maior eficácia na resolução de problemas.

5.1. Contribuições, limitações e sugestões

Deste modo, através do nosso estudo desejamos contribuir para a evolução dos trabalhos elaborados dentro desta área familiar em Portugal. Desta forma contribuimos para a ampliação de conhecimentos para aumentar as informações acerca do modelo teórico, Conjugalidade, parentalidade e Ajustamento da criança em Portugal, com uma amostra comunitária não clínica.

Através da nossa amostra e do contributo destes pais foi-nos possível compreender e considerar as perceções de cada um dentro da sua família e assim contribuir para o estudo do ciclo vital como as mudanças familiares individuais, conjugais e parentais e

para o efeito spillover de interação entre subsistemas. Desta forma é possível delinear intervenções baseadas na evidência científica. Ao analisarmos a família, estamos a abranger toda a sociedade, visto que esta é o reflexo de uma educação orientada por estes princípios. A melhor forma de educar os filhos, tem sido uma temática muito abordada nos últimos tempos, mas ainda existem algumas lacunas por preencher.

Seria benéfico desenvolver programas de divulgação de formações parentais em que fosse possível e acessível a todas as famílias, uma vez que nem todas as famílias portuguesas têm oportunidade de aceder a estes programas. Poderiam estar disponíveis em escolas, juntas de freguesia e câmaras municipais de forma a chegar ao máximo de pessoas e a todo o tipo de famílias. Teriam o objetivo de proporcionar competências e ferramentas de educação e intervenção no desenvolvimento das suas crianças. Estes pais poderiam adquirir competências a vários níveis de forma a garantir melhorias nas suas competências parentais e, conseqüentemente um maior sucesso na educação dos seus filhos (McCabe & Altamura, 2011).

Uma outra sugestão para o futuro, para dar continuidade a este estudo, a qual não realizei por não me sentir segura para o fazer sozinha, seria a realização de uma análise diádica *Actor Partner Interdependence Model* (APIM) para se avaliar a perceção parental diádica, tendo em consideração o possível *bias* da inter-relação familiar.

Quanto às limitações do nosso estudo, é importante constatar que a nossa amostra foi realizada com alguma relutância por parte dos pais envolvidos. O suposto seria recolher em mais do que uma escola, mas, com as diversas reclamações dos pais à diretora, não nos foi possível uma amostra maior. Deste modo não nos foi possível uma maior diversidade de participantes e famílias, como era o desejado. Outra limitação que poderemos apontar é o facto de os nossos participantes não serem todos da mesma nacionalidade, o que pode provocar algum envies no estudo, uma vez que culturas diferentes dão resultados diferentes nas variáveis estudadas. Uma outra limitação será o facto dos nossos instrumentos serem todos de autorrelato, o que pode causar certa contaminação nas respostas, podendo não ser a resposta real, mas a socialmente aceite. O facto destes instrumentos serem muito extensos fez com que muitos pais entregassem os envelopes em branco ou por terminar, tendo sido também uma limitação encontrada no nosso estudo. Por fim, a última limitação encontrada foi o facto de a nossa amostra não ser constituída totalmente por díades, uma vez que temos por volta de cinco questionários em que apenas um membro do casal respondeu e entregou.

Para dar continuidade ao nosso estudo, seria interessante considerar e perceber as opiniões dos filhos diretamente e não através da voz dos pais, para se perceber se existe ou não divergência entre pais e filhos quanto a estas variáveis. Futuramente seria essencial aprofundar estes resultados numa amostra maior e, por exemplo juntar outras variáveis como a regulação emocional dos filhos e/ou dos pais. O coping diádico também seria uma possibilidade enriquecedora visto que é bastante importante perceber como é que os casais lidam com as mudanças que ocorrem nas diferentes fases do ciclo da vida familiar.

Referências bibliográficas

- Abar, B. & Carter, K. L. (2010). The effects of maternal parenting style and religious commitment on self-regulation, academic achievement, and risk behavior among African American parochial college students. *Journal of Adolescence*, 32, 259-273
- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A., Brandão, T., Cruz, O., Gaspar, M., & Santos, M. (2010). *Avaliação de intervenções de educação parental*. [Evaluation of parenting interventions: Report 2007-2010]. http://www.cnpqjr.pt/preview_documentos.asp?r=3493&m=PDF
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families
- Afonso, T., Silva, S. S., Pontes, F. A. R., & Koller, S. H. (2015). O uso do diário de campo na inserção ecológica em uma família de uma comunidade ribeirinha amazônica. *Psicologia & Sociedade*, 27(1)
- Akcinar, B., & Baydar, N. (2014). Parental control is not unconditionally detrimental for externalizing behaviors in early childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 38, 118-127. doi: 10.1177/0165025413513701
- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, 17(36), 89-102
- Alarcão, M., & Relvas, A. P. (2002). *Novas formas de família*, Coimbra: Quarteto
- Albuquerque, J. A., & Aquino, F. S. B. (2018). Psicologia Escolar e Relação Família-Escola: Um levantamento da Literatura. *Psico-USF*, 23(2), 307-318. doi: 10.1590/1413-82712018230210
- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: expondo a variabilidade* (pp. 54-60). Santo André: ESETec
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 14(3), 449-460
- Alvarenga, P. A., Weber, L. N. D., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(1), 4-21
- Andolfi, M. (1996). *A terapia familiar: Um enfoque interacional*. Campinas: Worshpsy
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2ª ed.). (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara. (Obra original publicada em 1973)

- Arnotta, B. & Brown, A. (2013). An exploration of parenting behaviours and attitudes during early infancy: Association with maternal and infant characteristics. *Infant and Child Development*, 22, 349-361. doi: 10.1002/icd.1794
- Atkinson, E. R., Dadds, M. R., Chipuer, H., & Dawe, S. (2009). Threat is a multidimensional construct: exploring the role of children's threat appraisals in the relationship between interparental conflict and child adjustment. *Journal of abnormal Child Psychology*, 37, 281-292
- Augusto, C. C. V. C. O. F. (2018). *As transições ao longo do ciclo de vida familiar: famílias com filhos na escola*. (Dissertação de mestrado). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10348/8561>
- Aunola, K., & Nurmi, J. (2004). Maternal affection moderates the impact of psychological control on a child's mathematical performance. *Developmental Psychology*, 40, 965-978
- Aunola, K., & Nurmi, J. (2005). The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child Development*, 76, 1144-1159. doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00840.x-il
- Bakker, J., Denessen, E., & Brus-Laeven, M. (2007). Socio-economic background, parental involvement and teacher perceptions of these in relation to pupil achievement. *Educational Studies*, 33(2), 177-192. doi: 10.1080/03055690601068345
- Barber, B. K. (1996). *Intrusive parenting*. Washington, DC: American Psychological Association
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: revisiting a neglected construct. *Child Development*, 67, 3296-3319
- Baril, M. E., Crouter, A. C., & McHale, S. M. (2007). Processes linking adolescent well-being, marital love, and coparenting. *Journal of Family Psychology*, 21, 645-654
- Barreto, S. O., Freitas, L. C., & Del Prette, Z. A. P. (2011). Habilidades sociais na comorbidade entre dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento: uma avaliação multimodal. *Psico*, 42(4), 503-510
- Barroso, R., & Machado, C. (2011). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52, 211-230
- Berry, D., & O'Connor, E. (2010). Behavioral risk, teacher-child relationships, and social skill development across middle childhood: A child-by-environment analysis of change. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 31(1), 1-14
- Bandura A. (1977). *Social learning theory*. New York City: General Learning Press. Disponível em: http://www.esludwig.com/uploads/2/6/1/0/26105457/bandura_sociallearningtheory.pdf
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907

- Baumrind, D. (1967). Childcare practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(2), 1-103
- Baumrind, D. (1972). Na exploratory study of socialization effects on black children: someblack white comparisons. *Child Development*, 261-267
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9(3), 239-267
- Baumrind, D. (1991a). Effective parenting during the early adolescent transition. In P. A. Cowan & E. M. Hetherington (Eds.). *Advances in family research*, 2, 111-163. Hillsdale, Nj: Erlbaum
- Baumrind, D. (1991b). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95
- Baumrind, D. (1996). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907
- Baumrind, D. & Black, A. E. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, 38, 291-327
- Beck, A. T. (1995). *Para além do amor: como os casais podem superar os desentendimentos, resolver os conflitos e encontrar uma solução para os problemas de relacionamento através da terapia cognitiva* (P. Froés, Trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. (Trabalho original publicado em 1989)
- Becker-Fulghum, L. M., & Sanford, K. (2015). The validity of retrospectively reported conflict interactions in couples. *Journal of Family Psychology*, 29(2), 253-262
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96
- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy. *Child development*, 62, 647-670
- Bertalanffy, L. V. (2008). *Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. (10º ed., pp. 1-37). Lisboa: Editora Vozes
- Berthoud, C. M. (2002). Visitando a fase de aquisição. In C. M. Cerveny, & C. M. Berthoud, *Visitando a família ao longo do ciclo vital* (pp. 29-57). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Boeckel, M. G., & Sarriera, J. C. (2005). Análise fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários. *Psico-USF*, 10(1), 1-9
- Boing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, (59), 17-33

- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas educativas parentais e relatório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidéia, 21*, 61-71
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2019). Boys with Internalizing and Externalizing Behavior Problems: A Case Control Study. *Trends in Psychology, 27*(1), 39-52
- Bolsoni-Silva, A. T., Loureiro, S. R., & Marturano, E. M. (2011). Problemas de comportamento e habilidades sociais infantis: Modalidades de relatos. *Psico, 42*(3), 354-361
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2006). A qualidade da interação entre pais e filhos e sua relação com problemas de comportamento de pré-escolares. Em Z. A. P. Del Prette & M. Bandeira (Orgs.), *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 89-104). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2010). Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26*(1), 67-75
- Bolsoni-Silva, A. T., Silveira, A. M. S., Cunha, E. V., Silva, L. L., & Orti, N. P. (2016). Problemas de comportamento e funcionamento adaptativo no Teacher's Report Form (TRF): Comparações por gênero e escolaridade. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 9*(1), 141-155. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v9n1/v9n1a11.pdf>
- Bornstein, L., & Bornstein, M. H. (2014). Parenting styles and child social development. *Encyclopedia and early childhood development*. Montreal: Centre of Excellence for Early Childhood Development, 1-4. [Acedido em 11-08-2020] em: <http://www.childencyclopedia.com/documents/BornsteinANGxp.pdf>
- Brancalhone, P. G., Fogo, J. C., & Williams, L. C. A. (2004). Crianças expostas à violência conjugal: avaliação do desempenho académico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*, 113-117
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1977)
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Lisboa: Artmed Editora
- Bucx, F., & Seiffge-Krenke, I. (2010). Romantic relationships in intra-ethnic and inter-ethnic adolescent couples in Germany: the role of attachment to parents, self-esteem, and conflict resolution skills. *International Journal of Behavioral Development, 34*(2), 128-135
- Buri, J. R. (1991). Parental authority questionnaire. *The Journal of Personality Assessment, 57*, (1), 110-119

- Camisasca, E., Miragoli, S., & Blasio, P. D. (2016). Families with Distinct Levels of Marital Conflict and Child Adjustment: Which Role for Maternal and Paternal Stress? *Journal of Child and Family Studies*, 25, 733-745. doi: 10.1007/s10826-015-0261-0
- Capaldi, D. M., Crosby, L., & Stoolmiller, M. (1996). Predicting the timing of first sexual intercourse for at-risk adolescents males. *Child Development*, 67, 344-359
- Capaldi, D. M., & Patterson, G. R. (1991). Relation of Parental Transitions to Boys' Adjustment Problems: I. A Linear Hypothesis. II. Mothers at Risk for Transitions and Unskilled Parenting. *Developmental Psychology*, 27(3), 489-504
- Cardoso, J. & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), 393-406
- Carlson, M. J., Pilkauskas, N. V., Mc Lanahan, S. S., & Brooks-Gunn, J. (2011). Couples as partners and parents over children's early years. *Journal of Marriage and Family*, 73, 317-334
- Carnut, L. & Faquim, J. (2014). Conceitos de família e a tipologia familiar: aspetos teóricos para o trabalho da equipa de saúde bucal na estratégia de saúde da família. *J Manag Prim Health Care*, 5(1), 62-70
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre, RS: Artmed
- Cassoni, C., Marturano, E. M., Fontaine A. M., & Leme, V. B. R. (2020). School context in the transition from the early years to the final years of Elementary Education. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. doi: 10.1590/1982-0275202037e190049
- Castellano, R., Velotti, P., Crowell, J. A., & Zavattini, G. C. (2014). The role of parents attachment configurations at childbirth on marital satisfaction and conflict strategies. *Journal of Child and Family Studies*, 23(6), 1011-1026. doi: 10.1007/s10826-013-9757-7
- Castro, T. C., & Rangel, M. (2002). Do jardim de infância ao 1º ciclo. In Encontro do Centro Doutor João dos Santos – Casa da Praia (Ed.), *Transições da 1ª Infância à Adolescência: Actas* (pp. 241 – 247). Lisboa: Centro Doutor João dos Santos – Casa da Praia
- Cecconello, A. M., De Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54
- Cerveny, C. (2002). Pensando a família sistemicamente. In C. Cerveny, & C. M. Berthoud, *Visitando a família ao longo do ciclo vital* (pp. 15-27). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Chao, R. (1994). Beyond parental control, authoritarian parenting style: Understanding Chinese parenting through performance in Chinese Children, *Child Development*, 65, 1111-1119

- Chao, R. K. (2001). Extending research on the consequences of parenting style for Chinese Americans and European Americans. *Child Development*, 72, 1832-1843. doi: 10.1111/1467-8624.00281
- Chora, M., Monteiro, L., Ramos, M., & Amaral, R. (2019). Um olhar sobre o papel do pai na compreensão emocional das crianças: Os estilos parentais e práticas de socialização das emoções negativas. *Revista PSICOLOGIA*, 33(1), 19-32. doi: 10.17575/rpsicol.v33i1.1372
- Christopher, C., Umemura, T., Mann, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Marital Quality over the Transition to Parenthood as a Predictor of Coparenting. *Journal of Child and Family Studies*, 24(2), 3636-3651. doi: 10.1007/s10826-015-0172-0
- Corchs, F. (2011). Decompondo a resiliência. *Boletim Paradigma*, 6, 6-11
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. (2ªed.). Coimbra: Almedina
- Cronbach, L. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16, 297-37
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto
- Cui, M., & Donnellan, M. B. (2009). Trajectories of conflict over raising adolescent children and marital satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, 71(3), 478-494
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2004). Everyday marital conflict and child aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2), 191-202. doi: 10.1023/B:JACP.0000019770.13216.be
- Cúnico, S. D. & Arpini, D. M. (2013). A Família em Mudanças: Desafios para a Paternidade Contemporânea. *Pensando Famílias*, 17(1), 28-40
- Custódio, S., & Cruz, O. (2008). As representações mentais das crianças acerca das figuras parentais. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 24(4), 393-405
- Daglar, Melhuish, & Barnes (2011). Parenting and preschool child behaviour among Turkish immigrant, migrant and non-migrant families. *European Journal of Developmental Psychology*, 8, 261-279. doi:10.1080/17405621003710827
- Darling, N. (1999). *Parenting Style and its correlates*. ERIC/EEC e Publications – Digests
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: an emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116, 387-411

- Davies, P. T., Harold, G. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E. M. (2002). Child emotional security and interparental conflict. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 67(3), 1-115. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3181513>
- Deater-Deckard, K., Dodge, K. A., & Sorbring, E. (2005). Cultural differences in the effects of physical punishment. In M. Rutter & M. Tienda (Eds.), *Ethnicity and causal mechanisms* (pp. 204-226). New York, NY: Cambridge University Press. doi: 10.1017/CBO9781139140348.010
- DeBoard-Lucas, R. L., Fosco, G. M., Raynor, S. R., & Grych, J. H. (2010). Interparental conflict in contexto: Exploring relations between parenting processes and children's conflict appraisals. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 39(2), 163-175. doi: 10.1080/15374410903532593
- Dela Coleta, M. F. (1992). Locus de controle e satisfação conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8, 243-252
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231
- DeVellis, R. F. (1991). *Scale development: Theory and applications*. Newbury Park, CA: SAGE Publications
- Dias, M. B. (2009). *Manual de Direito das Famílias*. Porto Alegre: Livraria do Advogado
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156
- Dockett, S., & Perry, B. (2002). *Beliefs and expectations of parents, prior-to-school educators and school teachers as children start school*. Artigo apresentado na Conferência da Australian Association for Research in Education. Disponível em: <http://www.aare.edu.au/02pap/doc02072.htm>
- Dockett, S., & Perry, B. (2003). *Starting school: Perspectives of Australian children, parents and educators*. Artigo apresentado na British Education Research Association Annual Conference, Heriot-Watt, Universidade de Watt, Edimburgo, Reino Unido. Disponível em: <http://www.leeds.ac.uk/educol/documents/00003324.htm>
- Dockett, S., & Perry, B. (2009). Readiness for school: A relational construct. *Australasian Journal of Early Childhood*, 34 (1), 20 – 26
- Doh, H., Shin, N., Kim, M. J., Hong, J. S., Choi, M., & Kim, S. (2012). Influence of marital conflict on young children's aggressive behavior in South Korea: the mediating role of child maltreatment. *Children and Youth Services Review*, 34, 1742-1748
- Dunn, J., O'Connor, T. G., & Cheng, H. (2005). Children's responses to conflict between their different parents: mothers, stepfathers, nonresident fathers, and nonresident stepmothers. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 34(2), 223-234

- Dwairy, M., Achoui, M., Abouserie, R., & Farah, A. (2006). Parenting styles, individuation, and mental health of Arab adolescents: A third cross-regional research study. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 37*, 262-272. doi: 10.1177/0022022106286924
- Einsfeld, P., Silva, A. G. M., Trindade, M. T., & Mosmann, C. P. (2012). Interação conjugal, coparentalidade, parental e sintomas internalizantes e externalizantes dos filhos. In *II CICPG – Congresso de Iniciação Científica e Pós-Graduação* (p. 639-640). São Leopoldo, RS
- Engle, J. M., & McElwain, N. L. (2013). Parental depressive symptoms and marital intimacy at 4.5 years: Joint contributions to mothers-child and father-child interaction at 6.5 years. *Developmental Psychology, 49*(12), 2225-2235. doi: 10.1037/a0032450
- Epstein, N., & Schlesinger, S. E. (1995). Problemas conjugais. Em F. M. Dattilio & A. Freeman (Orgs.), *Estratégias cognitivo-comportamentais para a intervenção em crises. Tópicos especiais* (pp. 343-365). Campinas: Editorial Psy II
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 118*(1), 108-132
- Fachin, R. A. G. (2011). *Em busca da família do novo milênio*. Rio de Janeiro: Renovar
- Falcke, D. (2006). Filho de peixe, peixinho é: a importância das experiências na família de origem. *Colóquio, 3*(2), 83-97
- Falcke, D., Rosa, L. W. & Steigleder, V. A. T. (2012). Estilos Parentais em Famílias com Filhos em Idade Escolar. *Revista Interinstitucional de Psicologia, 5*(2), 282-293
- Falconier, M. K., Jackson, J. B., Hilpert, P. & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping and relationship satisfaction: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review, 43*, 28-46. doi: 10.1016/j.cpr.2015.07.002
- Fantuzzo, J., Tighe, E., & Childs, S. (2000). Family involvement questionnaire: A multivariate assessment of family participation in early childhood education. *Journal of Educational Psychology, 92*(2), 367-376
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice, 3*, 95-132
- Feinberg, M. E., Jones, D. E., Goslin, M. C., & Kan, M. L. (2010). Effects of Family Foundations on parents and children: 3.5 years after baseline. *Journal of Family Psychology, 24*(5), 532-542. doi: 10.1037/a0020837
- Feldman, R., Masalha, S., & Derdikman-Eiron, R. (2010). Conflict resolution in the parent-child, marital, and peer contexts and children's aggression in the peer group: a process-oriented cultural perspective. *Developmental Psychology, 46*(2), 310-325
- Feres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 11*, 379-394

- Féres-Carneiro, T., & Diniz-Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia*, 20(46), 268-278
- Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2011). A parentalidade nas múltiplas configurações familiares contemporâneas. In L. V. Moreira, & E. P. Rabinovich, *Família e parentalidade: Olhares da Psicologia e da Histórias* (pp. 117-134). Curitiba: Juruá
- Fleitlich, B., Cortazar, P. G. & Goodman, R. (2000). Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ). *Revista Infante de Neuropsiquiatria da Infância e da Adolescência*, 8, 44-50
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, M. F. (2005). Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ-Por) [Strengths and Difficulties Questionnaire—Portuguese version]
- Formosinho, J.; Monge, G. & Oliveira-Formosinho, J. (2016). Transição entre ciclos educativos. *Uma investigação praxeológica*. Porto Editora
- Frizzo, G. B., Brys, I., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2010). Conjugalidade em contexto de depressão da esposa no final do primeiro ano de vida do bebé. *Aletheia*, 31, 66-81
- Galvin, K. M., Braithwaite, D. O., & Bylund, C. L. (2015). *Family Communication, Cohesion and Change* (9ª ed.). London and New York: Routledge Taylor & Francis Group
- García, F., & Gracia, E. (2009). Is always authoritative the optimum parenting style? Evidence from Spanish families. *Adolescence*, 44, 101-131
- Gaspar, T., & Matos, M. G. D. (2017). Escala de avaliação das práticas parentais: controlo e aceitação. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. 7(1-2), 1-15. [Acedido em 20-10-2020] em: <http://hdl.handle.net/11067/3536>
- Gerard, J. M., Krishnakumar, A., & Buheler, C. (2006). Marital conflict, parente-child relations, and youth maladjustment a longitudinal investigation of spillover effects. *Journal of Family Issues*, 27(7), 951-975. doi: 10.1177/0192513X05286020
- Gesell, A. (1996). *A criança dos 0 aos 5: O bebé e a criança na cultura dos nossos dias*. Lisboa: Publicações D. Quixote
- Glasgow, K. L., Dornbusch, S. M., Troyer, L. & Ritter, P. L. (1997). Parenting Styles, adolescents, attributions and educational outcomes in nine heterogeneous high school, *Child Development*, 68, 507-529
- Goldberg, W. A., & Easterbrooks, M. A. (1984). Role of marital quality in toddler development. *Development Psychology*, 20(3), 504-514
- Gomez, R. & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: Caraterísticas psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica*, 4(16), 625-638

- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of child psychology and psychiatry*, 38(5), 581-586
- Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ). *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 40, 1337-1345. doi: 10.1097/00004583-200111000-00015
- Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital process. *Annual Review of Psychology*, 49, 169-197
- Grandesso, M. A. (2008). Desenvolvimentos em terapia familiar: Das teorias às práticas e das práticas às teorias. In L. C. Osório, & P. Do Valle, *Manual de terapia familiar* (pp. 104-118). Porto Alegre: Artmed
- Grych, J. H., & Fincham, J. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: a cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108, 267-290
- Grych, J. H., Raynor, S. R., & Fosco, G. M. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development and Psychopathology*, 16, 649-665
- Guisso, L. (2016). Famílias com filhos pequenos e a transição para a escolaridade: uma compreensão sistêmica. *Psicologia.pt*
- Gustafsson, H., Cox, N. J., & Blair, C. (2012). Maternal Parenting as a Mediator of the Relationship Between Intimate Partner Violence and Effortful Control. *Journal of Family Psychology*, 26(1), 115-123
- Hameister, B. R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: Uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 140-155
- Hameister, B. R., Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2015). As repercussões nos filhos dos conflitos conjugais dos pais. In A. Wagner, C. P. Mosmann, & D. Falcke (Orgs). *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade*. Simodal, pp. 69-75
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis*. New York: The Guilford Press
- Hayees, A. F. (2018). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach* (2º ed.). New York: The Guilford Press
- Hayes, A. F., & Matthes, J. (2009). Computational procedures for probing interactions in OLS and logistic regression: SPSS and SAS implementations. *Behavior Research Methods*, 41, 924-936
- Hayes, A. F., & Scharkow, M. (2013). The relative trustworthiness of inferential tests of the indirect effect in statistical mediation analysis: Does method really matter? *Psychological Science*, 24, 1918-1927
- Hernandez, J. (2008). Avaliação Estrutural da Escala de Ajustamento Diádico. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 593-601. doi: 10.1590/S1413-73722008000300021

- Hernandez, J. A. E., & Hutz, C. S. (2009). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40(4), 6
- Hoeve, M., Dubas, J. S., Gerris, J. R. M., van der Laan, P. H., & Smeenk, W. (2011). Maternal and paternal parenting styles: Unique and combined links to adolescent and early adult delinquency. *Journal of Adolescence*, 34, 813-827. doi: 10.1016/j.adolescence.2011.02.004
- Holden, G. W. (2010). *Parenting: a dynamic perspective*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Jackson, J. B., Miller, R. B., Oka, M. & Henry, R. G. (2014). Gender differences in marital satisfaction: A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, 76, 105-129
- Janssens, A., Goossens, L., Van Den Noortgate, W., Colpin, H., Verschueren, K., & Van Leeuwen, K. (2015). Parents “and adolescents” perspectives on parenting: evaluating conceptual structure, measurement invariance, and criterion validity. *Assessment*, 22, 473-489
- Johnson, D. R., Amoloza, T. O. & Booth, A. (1992). Stability and developmental change in marital quality: A three-wave panel analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 582-94
- Kanoy, K., Ulku-Steiner, B., Cox, M., & Burchinal, M. (2003). Marital relationship and individual psychological characteristics that predict physical punishment of children. *Journal of Family Psychology*, 17, 20-28
- Kaslow, F. W. (2002). Families and Family Psychology at the Millenium. *American Psychologist*, 56(1), 37-46
- Keller, H. (2007). *Cultures of infancy*. Mahwah, NJ: Erlbaum
- Keller, H. & Kartner, J. (2013). Development: The cultural solution of universal development tasks. In M. Gelfand, C. Y. Chiu, & Y. Y. Hong (Eds), *Advances in culture and psychology* (Vol.3, pp. 63-116). New York, NY: Oxford University Press
- Kettler, R. J., Elliot, S. N., Davies, M., & Griffin, P. (2011). Testing a multi-stage screening system: Predicting performance on Australia’s national achievement test using teacher’s ratings of academic and social behaviors. *School Psychology International*, 33, 93-111
- Kitamura, T., Shikai, N., M. et al. (2009). Intergenerational transmission of parenting style and personality: Direct influence or mediation? *Journal of Child and Family Studies*, 18(5), 541-556
- Kobarg, A. P. & Vieira, M. L. (2008). Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 401-408
- Kohn, M. L. (1969). *Class and Conformity: A study in Values*. Homewood, II: Dorsey

- Kouros, C. D., Merrilees, C. E., & buckss, E. M. (2008). Marital conflict and children's emotional security in the context of parental depression. *Journal of Marriage and Family*, 70(3), 684-697
- Lamborn, S. D. & Mounts, N. S. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, and neglectful families, *Child Development*, 62, 1049-1065
- Lansford, J. E., Chang, L., Dodge, K. A., Malone, P. S., Oburu, P., Palmérus, K., ... Quinn, N. (2005). Physical discipline and children's adjustment: Cultural normativeness as a moderator. *Child Development*, 76, 1234-1246. doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00847.x
- Laurent, H. K., Kim, H. K., & Capaldi, D. M. (2008). Prospective effects of interparental conflict on child attachment security and the moderating role of parent's romantic attachment. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 377-388
- Laurin, J. C., Joussement, M., Tremblay, R. E., & Boivin, M. (2015). Early forms of controlling parenting and the development of childhood anxiety. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 1-14. doi: 10.1007/s10826-015-0131-9
- Lawrence, E., Rothman, A. D., Cobb, R. J., Rothman, M. T. & Bradbury, T. N. (2008). Marital satisfaction across the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 22(1), 41-10. doi: 10.1037/0893-3200.22.1.41
- Ledenmann, T., Bodenmann, G., Rudaz, M. & Bradbury, T. N. (2010). Stress, communication, and marital quality in couples. *Family Relations*, 59(2), 195-206. doi: 10.1111/j.1741-3729.2010.00595.x
- Lee, C. M., Beaugard, C., & Bax, K. A. (2005). Child-related disagreements, verbal aggression, and children's internalizing and externalizing behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 19(2), 237-245
- Lee, J., Yu, H., & Choi, S. (2012). The influences of parental acceptance and parental control on school adjustment and academic achievement for South Korean children: the mediation role of self-regulation. *Asia Pacific Educational Review*, 13, 227-237
- Leme, V. B. R., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades sociais e problemas de comportamento: um estudo exploratório baseado no modelo construcional. *Alethéia*, 31, 149-167
- LePoire, B. A. (2006). Commentary on Part C. In K. Floyd & M. T. Morman (Eds.), *Engaging theories in family communication: Multiple perspectives* (pp.82-98). Thousand Oaks, CA: Sage
- Li, X., Feigelman, S., & Stanton, B. (2000). Perceived parental monitoring and health risk behaviors among urban low-income African-American children and adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 27, 43-48
- Lusajo J. Kajula, Nancy Darling, Sylvia F. Kaaya & Hein De Vries (2016) Parenting practices and styles associated with adolescent sexual health. *AIDS Care*, 28 (11), 1467-1472, doi: 10.1080/09540121.2016.1191598

- Luz, S. K., & Mosmann, C. P. (2018). Funcionalidade e comunicação conjugal em diferentes etapas do ciclo de vida. *SPAGESP*, 19(1), 21-34
- Macarini, S. M., Crepaldi, M. A. & Vieira, M. L. (2016). A Questão da Parentalidade: Contribuições para o Trabalho do Psicólogo na Terapia de Famílias com Filhos Pequenos. *Pensando Famílias*, 20(2), 27-42
- Maccoby, E. E. (2000). Parenting and its effects on children: On Reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). *Socialization in the Context of the Family: Parent-Child Interaction*. In P. H. Mussen, & E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 4. Socialization, Personality, and Social Development* (pp. 1-101). New York: Wiley
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15, 3-21
- Marsanic, B. V., & Kusmic, E. (2013). Coparenting within the Family System: Review of Literature. *Collegium Antropologicum*, 37(4), 1379-1384
- Masud, H., Thurasamy, R., Ahmad, M. S. (2015). Parenting styles and academic achievement of young adolescents: a systematic literature review. *Quality and Quantity*
- Maroco, J. (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo
- Maroco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. (7ª ed.). Pêro Pinheiro: ReportNumber
- Martinez, I., Garcia, J. F. & Yubero, S. (2007). Parenting Styles and adolescents self-esteem in Brazil, *Pshychology Rep.* 100(3), 731-45
- Matlack, M. E., McGreevy Jr. M. S. M., Rouse, R. E., Flatter, C., & Marcus, R. F. (1994). Family correlates of social skills deficits in incarcerated and nonincarcerated adolescents. *Adolescence*, 29, 117-132
- Maurice-Stam, H., Haverman, L., Splinter, H. A., Van Oers, S. A., Schepers & Grootenhuis, M. A. (2018). *Health and Quality of Life Outcomes*, 16, 123
- McCabe, P. C., & Altamura, M. (2011). Empirically valid strategies to improve social and emotional competence of preschool children. *Psychology in the Schools*, 48(5)
- Mc Coy, C., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial behavior. *Journal of child Psychology and Psychiatry*, 50(3), 270-279
- M.E. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)

- Melo, A. T., & Alarcão, M. (2014). Beyond the family life cycle: Understanding family development in the 21st century through complexity theories. *FAMILY Science*, 5(1), 52-59. doi: 10.1080/19424620.2014.933743
- Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para parentalidade: Gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, 12, 83-93
- Mensah, M., & Kuranchie, A. (2013). Influence of Parenting Styles on the Social Development of Children. *Academic Journal Of Interdisciplinary Studies*, 2(3), 123. Disponível em: <https://www.mcser.org/journal/index.php/ajis/article/view/1397>
- Merrifield, K., & Gamble, W. C. (2013). Associations among marital qualities, supportive and undermining coparenting, and parenting self-efficacy: testing spillover and stress-buffering processes. *Journal of Family Issues*, 34(4), 510-533
- Meunier, J. C., & Roskam, I. (2008). Self-Efficacy Beliefs Amongst Parents of Young Children: Validation of a Self-Report Measure. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 495-511
- Millings, A., Walsh, J., Hepper, E., & O'Brien, M. (2013). Good partner, good parente: responsiveness mediates the link between romantic attachment and parenting style. *Bulletin Personality and Social Psychology*, 39, 169-180
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Núcleo da Educação Pré-Escolar, Departamento da Educação Básica
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Minuchin, S. (1988). *Famílias Funcionamento & Tratamento. Um modelo familiar*. Artes Médicas (52-69). Rio Grande do Sul
- Minuchin, S. (1998). Where is the family in narrative family therapy? *Journal of Marital and Family Therapy*. Upland, 24(4), 397-403
- Mitnick, D. M., Heyman, R. E. & Smith Slep, A. M. (2009). Changes in relationship satisfaction across the transition to parenthood: A meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 848-852. doi: 10.1037/a0017004
- Molgora, S., Acquati, C., Fenaroli, V. & Saita, E. (2019). Dyadic coping and marital adjustment during pregnancy: A cross-sectional study of Italian couples expecting their first child. *International Journal of Psychology*, 54(2), 277-285. doi: 10.1002/ijop.12476
- Moraes, R., Camino, C., Costa, J. B., Camino, L. & Cruz, L. (2007). Socialização parental e valores: Um estudo com adolescentes. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 20(1), 167-177

- Mosmann, C. (2007). *A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais* (Tese de doutoramento não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)
- Mosmann, C., Costa, C. B. D., Silva, A. G. M. D., & Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Temas em Psicologia*, 26(1), 429-442
- Mosmann, C. P., Costa, C. B., Einsfeld, P., Silva, A. G. M., & Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: Associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 34, 487-498
- Mosmann, C. P., Zordan, E. P., & Wagner, A. (2011). A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente familiar. In A. Wagner (org.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões* (pp. 58-71). Porto Alegre: Artmed
- Mosmann, C., Wagner, A., & Sarriera, J. (2008). A qualidade conjugal como preditora dos estilos educativos parentais: O perfil discriminante de casais com filhos adolescentes. *Psicologia*, 22(2), 161-182. Disponível em: <http://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/352>
- M.S. (2016). *Saúde Mental em Saúde Escolar: Manual para a Promoção de Competências Socioemocionais em Meio Escolar*. Lisboa: Direção Geral da Saúde (DGS)
- Musick, K., & Meier, A. (2010). Are both parents always better than one? Parental conflict and young adult well-being. *Society Scientific Research*, 39(5), 814-830
- Neal, S., Rice, F., Ng-Knight, T., Riglin, L., & Frederickson, N. (2016). Exploring the longitudinal association between interventions to support the transition to secondary school and child anxiety. *Journal of Adolescence*, 50, 31-43. doi: 10.1016/j.adolescence.2016.04.003
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, A. S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9, 575-584
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill
- O'Kays, M., & Hayes, N. (2006). The transition to school in Ireland: Views of preschool and primary school teachers. *International Journal of Transitions in Childhood*, 2, 4-16
- Oliveira, A. S. T. (2017). *Competências parentais e percepção das dificuldades e capacidades dos filhos. Um estudo com pais e mães algarvios*. (Dissertação de mestrado). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.1/10693>
- Oliveira, C. V. M., & Santana, R. (2015). *A família na atualidade: Novo conceito de família, novas formações e o papel do IBDFAM* (Instituto Brasileiro de Direito de Família)

- Olson, D. H. (2000). Circumplex modelo f marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(4), 144-167
- Pacheco, J. B., Silveira, L. B. & Schneider, A. A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39(1), 66-73
- Patterson, G., DeBaryshe, B., & Ramsey, E. (1989). A Developmental Perspectives on Antisocial Behavior. *American Psychologist*, 44, 329-335
- Patterson, G. R. (1983). *Stress. A change for family process*. In N. Garmezy and M. Rutter (Ed.), *Stress, coping and development in children*, Mc Graw. Hill: NY
- Patterson, G., R, J., & Dishion, T. (1992). *Antisocial boys*. Eugene: Castalia
- Pawlak, J. L., & Klein, J. A. K. (1997). Parental conflict and selfesteem: The rest of the story. *The Journal of Genetic Psychology*, 158, 303-313
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2012). Marital satisfaction and partner's parenting practices: the mediating role of coparenting behavior. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 509-522
- Pendry, P., & Adam, E. K. (2013). Child-related interparental conflict in infancy predicts child cognitive functioning in a nationally representative sample. *Journal of Child and Family Studies*, 22(4), 502-515. doi: 10.1007/s10826-012-9603-3
- Pereira, C. R. R., & Arpini, D. M. (2012). Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia Argumento*, 30(69), 275-285
- Peruchi, R. C., Donelli, T. M. S., & Marin, A. H. (2016). Ajustamento conjugal, relação mãe-bebé e sintomas psicofuncionais no primeiro ano de vida. *Quaderns de Psicologia*, 18(3), 55-67. doi: 10.5565/rev/qpsicologia.1363
- Pereira, L. P., Zanatta, B., Pereira, C. S., & Grzybowski, L. S. (2020). Relações entre parentalidade e ajustamento psicológico infantil: Uma revisão sistemática da literatura. *Psicologica*, 63(1), 7-26. doi: 10.14195/1647-860663-11
- Pinquart, M. (2016). Associations of Parenting styles and Dimensions with Academic Achievement in Children and Adolescents: A Meta-analysis. *Educational Psychology Review*, 28, 475-493. doi: 10.1007/s10648-015-9338-y
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: An updated meta-analysis. *Development Psychology*, 53(5), 873-932
- Pinquart, M., & Kauser, R. (2018). Do the Associations of Parenting Styles With Behavior Problems and Academic Achievement Vary by Culture? Results From a Meta-Analysis. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 24(1), 75-100. doi: 10.1037/cdp0000149

- Pires, M. (2010). *Valores, estilos parentais. Stress infantil e vivência emocional dos filhos* (Tese de doutoramento em psicologia, na especialidade de psicologia da saúde). Faro: Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
- Pires, M., Hipólito, J. & Jesus S. N. (2010). Questionário de Estilos Parentais para Pais: Validação Preliminar. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de fevereiro de 2010*, 538-552
- Pires, M., & Paz, T. (2016). Parenting styles perceived by teenagers and school achievement. In *17th European Conference of Development Psychology* (267-273). MEDIMOND
- Pizato, E. C. G., Marturano, E. M., & Fontaine, A. M. G. V. (2014). Trajetórias de Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento no Ensino Fundamental: Influência da Educação Infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(1), 189-197
- Pong, S., Johnston, J. & Chen, V. (2010). Authoritarian parenting and Asian adolescent school performance: Insights from the US and Taiwan. *International Journal of Behavior Development*, 34(1), 62-72
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários- Lisboa*: Fundação Calouste Gulbenkian
- Querido, J. G., Warner, T. D. & Eyberg, S. M. (2002). Parenting Styles and child behavior in African American families of preschool children, *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 3(2), 272-277
- Rangé, B., & Dattilio, F. M. (1998). Casais. Em B. Rangé (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva* (pp. 171-191). Campinas: Editorial Psy
- Reader, P., Duncan, S., & Lucey, C. (2005). *Studies in the assessment of parenting*. Florence: Routledge
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*, Porto: Afrontamento
- Relvas, A. P. (2004). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. (3ª ed). Porto: Edições Afrontamento
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2007). *Novas formas de família*. (2ª ed). Coimbra: Quarteto
- Repetti, R. L. (1994). Short-term and long-term processes linking job stressors to father-child interaction. *Social Development*, 3(1), 1-15
- Ripley, J. S., Garthe, R. C., Perkins, A., Worthington, E. L., Jr., Davis, D. E., Hook, J. N., ... Eaves, D. (2016). Perceived partner humility predicts subjective stress during transition to parenthood. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 5(3), 157-167. doi: 10.1037/cfp0000063
- Rosales-Ruiz, J., & Baer, D. M. (1997). A developmental and pragmatic concept for behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 30, 500-544

- Rosen-Grandon, J. R., Myers, J. E. & Hattie, J. A. (2004). The relationship between marital characteristics, marital interaction processes and marital satisfaction. *Journal of Counseling and Development*, 82, 58-68
- Roskam, I., Meunier, J. C., & Stievenart, M. (2011). Parent attachment, childrearing behavior, and child attachment: mediated effects predicting preschooler's externalizing behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 32, 170-179
- Rossier, J., Rigozzi, C., Charvoz, L. & Bodenmann, G. (2006). Marital satisfaction: Psychometric properties of the PFB and comparison with the DAS. *Swiss Journal of Psychology*, 61, 55-63
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem* (A. Telles. Trad.). Rio de Janeiro: Zahar
- Ruiz-Hernández, J. A., Moral-Zafra, E., Llor-Esteban, B., & Jiménez-Barbero, J. A. (2018). Influence of parental styles and other psychosocial variables on the development of externalizing behaviors in adolescents: A systematic review. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11, 9-21. Doi: 10.5093/ejpalc2018a11
- Sabourin, S., Valois, P. & Lussier, Y. (2005). Development and validation of a brief version of the Dyadic Adjustment Scale with a nonparametric item analysis model. *Psychological Assessment*, 17, 15-27
- Sahin, I. T., & Sak, R. (2013). A comparison of Preschool and First Grade Teachers Views about School Readiness. *Internatinal Sciences: Theory & Practice*, 13(3), 1708-1713
- Salvador, A. V. & Weber, L. D. (2005). Práticas educativas parentais: Um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 9(2), 341-353
- Santos, C. G. (2013). *Contextualizando os estilos parentais na idade pré-escolar: Variáveis individuais e familiares*. (Dissertação de mestrado). Retirado de RCAAP. (10316.24849)
- Sattler, M. K., Eschiletti, L. L., de Bem, L. A., & Schaefer, M. (1999). O ciclo de vida do casal. *Pensando Famílias*, 1, 41-47
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Vieira, M. L., & Moré, C. L. O. O. (2011). Relacionamento conjugal e temperamento de crianças: Uma revisão da literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(3), 89-106. Retirado em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v63n3/08.pdf>
- Schoppe-Sullivan, S. J., & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent characteristics and early coparenting behavior at the transition to parenthood. *Social Development*, 22(2), 363-383
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. D. (2016). Satisfação no namoro e bem-estar subjetivo: Associações com a conjugalidade dos pais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-8

- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2011). Ajustamento Diádico e Satisfação Conjugal: Correlações entre os Domínios de Duas Escalas de Avaliação da Conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 467-475
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Ajustamento diádico e conjugalidade: Avaliação do bem-estar no casamento. *Journal of Human Growth and Development*, 22(3), 367-372
- Seabra-Santos, M. J., Gaspar, M. F., Azevedo, A., Homem, T., Leitão, S., Pimentel, M., & Major, S. (2013). Protocolo de avaliação no âmbito do Projeto ‘‘Prevenção/intervenção precoces em distúrbios de comportamento: Eficácia de programas parentais e escolares (PTDC/PSIPED/102556/2008)’’- Versão de Investigação. [Protocol of measures for the evaluation of the ‘‘Early prevention/intervention in disruptive behavior disorders: Efficacy of parents and teachers programs’ Project—Research version]. *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra*. Retrieved de <http://fpce.uc.pt/anosincriveis/protocolo.Doc>
- Shumov, L., Vandell, D. L., & Posner, J. K. (1998). Harsh, firm, and permissive parenting in low-income families: relations to children’s academic achievement and behavioral adjustment. *Journal of Family Issues*, 19, 483-507
- Silk, J. S., Morris, A. S., Kayana, T., & Steinberg, L. (2003). Psychological control and autonomy granting: opposite ends of a continuum or distinct constructs? *Journal of Research on Adolescence*, 13, 113-128
- Silva, A. G. M., & Mosmann, C. (2014). Fatores conjugais, coparentais e parentais como preditores de sintomas internalizantes e externalizantes dos filhos. In *XXI Mostra Unisinos de Iniciação Científica e Tecnológica. Anais da Mostra Unisinos de Iniciação Científica e Tecnológica* (pp. 210-211). São Leopoldo, RS: Casa Leiria
- Silva, D. A. Y. M., & Weber, L. N. D. (2018). Estilos Parentais, Satisfação Conjugal e Ajustamento Diádico: Um estudo Exploratório. *International Journal of Development and Educational Psychology*, 3(1), 325-334
- Silva, J. C., Morgado, J., & Maroco, J. (2012). The relationship between portuguese adolescent perception of parental styles, social support, and school behaviour. *Psychology*, 3, 513-517
- Silva, J. M. (2010). *O lugar do pai: Uma construção imaginária*. São Paulo: Annablume
- Silva, J. & Melo, M. (2012). Do Pré-Escolar ao 1º Ciclo do Ensino Básico: Experiências e vivências de transição. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. *Revista de Psicologia*, 1(1), 93-102
- Sim-Sim, I. (2010). Pontes, desníveis e sustos na transição entre a educação pré-escolar e o 1º ciclo da educação básica. *Exedra*, 9, 111-118
- Simonato, M., & Oliveira, R. (2010). *Funções e transformações da família ao longo da história*. Disponível em: [http://www.din.uem.br/~ulpeneto/outros/abppprnorte%20\(teste\)/pdf/a07Simionato03.pdf](http://www.din.uem.br/~ulpeneto/outros/abppprnorte%20(teste)/pdf/a07Simionato03.pdf)

- Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos Estilos Parentais: sua variação ao longo da adolescência. Em A. B. Lozano, M. P. Uzquiano, A. P. Rioboo, J. C. Blanco, B. D. da Silva, L. S. Almeida, & (Org.), Livro de Actas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia (pp. 1138- 1663). Coruña: Universidade da Coruña
- Sorkhabi, N. (2005). Applicability of Baumrind's parente typology to collective cultures: analysis of cultural explanations of parente socialization effects. *International Journal of Behavioral Development*, 29(6), 552-563
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 15-28
- Spera, C. (2006). Adolescents perceptions of parental goals, practices, and styles in relation to their motivation and achievement. *Journal of Early Adolescence*, 26, 456-490
- Stapleton, L. T., & Bradbury, T. N. (2012). Marital interaction prior to parenthood predicts parente-child interaction 9 years later. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 479-487
- Stein, A., Pearson, R. M., Goodman, S. H., Rapa, E., Rahman, A. & McCallum, M. (2014). Effects of perinatal mental disorders on the fetus and child. *The Lancet*, 384(9956), 1800-1819. doi: 10.1016/S0140-6736(14)61277-0
- Sternberg, K. J., Lamb, M. E., Hershkowitz, I., Esplin, P. W., Redlich, A., & Sunshine, N. (1996). The relation between investigative utterance types and the informativeness of child witnesses. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 17, 439-451
- Sternberg, L., Darling, N. & Fletcher, A. C. (1995). Ethnic differences in adolescent achievement: An ecology perspective, *American Psychologist*, 47(6), 723-729
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 1-19. doi: 10.1111/1532-7795.00001
- Stroud, C. B., Wilson, S., Durbin, E. C., & Mendelsohn, K. A. (2011). Spillover to triadic and dyadic system in families with young children. *Journal of Family Psychology*, 25(6), 919-930. doi: 10.1037/a0025443
- Stutz, M., & Schwarz, B. (2014). Effects of diferente facets of paternal and maternal control behaviour on early adolescents perceived academic competence. *European Journal of Developmental Psychology*, 11, 227-241
- Talib, J., Mohamad, Z., & Mamat, M. (2011). Effects of Parenting Style on Children Development. *World Journal of Social Sciences*, 1(2), 14-35
- Tam, V. C. (2009). A comparison of fathers and mothers contributions in the prediction of academic performance of school-age children in Hong Kong. *International Journal of Psychology*, 44, 147-158

- Teixeira, M. P., Oliveira, A. M. & Wottrich, S. H. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): Avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 433-451
- Teubert, D., & Piquart, M. (2010). The Association Between Coparenting and Child Adjustment: A Meta-Analysis. *Parenting: Science and Practice*, 10, 286-307. doi: 10.1080/15295192.2010.492040
- Underwood, M. K., Chen, H. & Miles, J. N. V. (2009). Affect and maternal parenting as predictors of adaptive and maladaptive behaviors in Chinese children, *International Journal of Behavioral Development*, 30, 158-166
- Van-Doorn, M. E., Brange, S. J. T., Vandervalk, I. E., De Goede, I. H. A., & Meeus, W. H. J. (2011). Longitudinal spillover effects of conflict resolution styles between adolescent-parent relationships and adolescent friendships. *Journal of Family Psychology*, 25(1), 157-161
- Vasconcellos, M. J. (2002). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência* (6. ed.). Campinas: Papyrus
- Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2011). Educar para a conjugalidade: Que a vida não nos separe. In L. C. Osório, & E. P. Valle (Orgs.). *Manual de terapia familiar* (pp. 261-270). Porto Alegre, RS: Artmed
- Waller, R., Gardner, F., Dishion, T., Sitnick, S. L., Shaw, D. S., Winter, C. E., & Wilson, M. (2015). Early parental positive behavior support and childhood adjustment: Addressing enduring questions with new methods. *Social Development*, 24(2), 304-322. doi: 10.1111/sode.12103
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J. & Albersheim, L. (2000). Attachment Security in Infancy and Early Adulthood: A Twenty-Year Longitudinal Study. *Child Development*, 71, 684-689
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 17(3), 323-331
- Weber, L. N. D., & Ton, C. (2011). Maternal practices and social skills of Brazilian Youngsters. *International Journal of Development and Educational Psychology*, 1(1), 399-408
- Villas Boas, A. C. V. B., Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: Uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 91-102
- Williams, L. R., Degnan, K. A., Perez-Edgar, K. E., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D. S., Steinberg, L., & Fox, N. A. (2009). Impact of behavioral Inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *J Abnorm Child Psychology*, 37, 1063-1075. doi: 10.1007/s10802-009-9331-3

- Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). *Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood*. Em G. M. Department of Psychology, Early Childhood Research Quarterly (pp. 1-12). USA: ELSEVIER
- Woldradt, U., Hempel, S. & Miles, J. N. V. (2003). Perceived parenting Styles depersonalization anger/frustration: relation to parenting Styles and children's social functioning, *Developmental Psychology*, 40(3), 352-366
- Yeboah, D. A. (2002). Enhancing transition from early childhood phase to primary education: Evidence from the research literature. *Early Years*, 22 (1), 51-68
- Yusuf, M. S., & Sim, C. C. (2016). Relationship between parenting satisfaction and parent styles of working mothers in a university in Malaysia. *Journal Psikoislamédia*, 1, 279-289
- Zhang, X., Sun, L., & Gai, X. (2008). Perceptions of teachers' and parents' regarding school readiness. *Frontiers of Education in China*, 3 (3), 460-471
- Zini, L. A. D. S., Frizzo, G. B., & Levandowski, D. C. (2018). Depressão materna e ajustamento conjugal de mães e jovens e sua relação com sintomatologia psicofuncional do bebê. *Pensando famílias*, 22(2), 3-19